

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO HUMANO

Aline Albuquerque Cirimbelli Souza

**DE NARCISO A SÍSIFO: etapas do desenvolvimento humano à
luz da mitologia grega**

Taubaté – SP

2024

Aline Albuquerque Cirimbelli Souza

**DE NARCISO A SÍSIFO: etapas do desenvolvimento humano à
luz da mitologia grega**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação

Linha Pesquisa: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Taubaté – SP

2024

Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU

S729d Souza, Aline Albuquerque Cirimbelli

De Narciso a Sísifo: etapas do desenvolvimento humano à luz da mitologia grega / Aline Albuquerque Cirimbelli Souza. -- 2024.
149 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Taubaté, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro, Departamento de Psicologia.

1. Desenvolvimento Humano. 2. Desenvolvimento Psicossocial.
3. Mitologia Grega. I. Universidade de Taubaté. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano. II. Título.

CDD – 292

Aline Albuquerque Cirimbelli Souza
DE NARCISO A SÍSIFO: etapas do desenvolvimento humano à
luz da mitologia grega

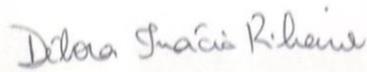
Data: 22 de março de 2024

Resultado: Aprovado

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra. Débora Inácia Ribeiro Universidade de Taubaté

Assinatura:



Prof. Dr. André Luiz da Silva Universidade de Taubaté

Assinatura:



Profa. Dra. Clarissa de Franco Universidade Metodista de São Paulo

Assinatura:



Dedico este trabalho a todos que se encantam pela beleza e dimensão das mitologias. E dedico principalmente ao meu pai, que me contou o primeiro mito que já ouvi – o Mito de Dédalo e Ícaro – enquanto estávamos no meu restaurante favorito, na minha cidade favorita. Infelizmente o restaurante não existe mais, mas a lembrança só deixará de existir quando eu também deixar.

AGRADECIMENTOS

Deixei a página dos agradecimentos em branco durante boa parte da elaboração deste trabalho para que escrevesse apenas em uma ocasião em que me sentisse realmente agradecida e inspirada. Desde a graduação não vejo o espaço para agradecimento como uma formalidade. Ao contrário, vejo como uma das seções mais importantes de qualquer monografia, dissertação ou tese.

Quão significativo e simbólico é que eu tenha sentido essa inspiração para agradecer no momento em que estou sentada na mesa do Laboratório de Técnicas de Exame Psicológico, o famoso TEP, onde fiz estágio e monitoria durante a minha graduação?! De fato, não há lugar neste planeta que tem mais a minha gratidão do que o Campus Bom Conselho. Então, meu primeiro agradecimento vai a este Campus maravilhoso, que sempre me acolheu – e a tantos outros profissionais formados e em formação.

Agradeço imensamente aos meus pais, Andréa Monteiro e Adilson de Souza, meu padrasto, Fernando Monteiro, e meus irmãos, Yuri Cirimbelli e Saulo Albuquerque, por terem segurado minha mão durante todo o percurso desta pesquisa. Por terem se emocionado junto comigo nos momentos mais delicados e por terem me ajudado com tudo que puderam. Yuri, sei que você foi para o Canadá e perdeu toda a adrenalina dos últimos dois anos, mas tudo bem, ainda te considero especial (um pouco, pelo menos).

À minha tia querida, professora Dra. Marilza Soares, que me auxiliou durante a elaboração do projeto em plena época de férias acadêmicas. Uma tia sem igual, professora incrível e inesgotável fonte de inspiração para mim. Obrigada por ter perguntado sobre minha pesquisa e se preocupado com o desenrolar do trabalho durante almoços de domingo na casa da vovó e do vovô.

À minha orientadora espetacular, professora Dra. Débora Inácia Ribeiro... a quem eu, honestamente, nem sei como agradecer por toda empatia, cuidado e carinho com que orientou este trabalho – e a mim. Como não acredito em sorte, nem em coincidência, considero sincrônico o privilégio que tive em ser sua orientanda. Não há palavras em meu vocabulário para agradecer a sua imensa competência e graciosidade. Obrigada, professora.

A todos os professores do programa de Mestrado em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté, com quem tive o prazer e a honra de aprender, trocar e, bom, me desenvolver! Sinto saudade das aulas e das ricas discussões! Em especial aos professores Drs. André Luiz da Silva, Rachel Abdala, Elisa Brisola, José Wellington, Renato Almeida, Suzana

Lopes, Wendry Paixão, Mirian Garrido e professora Nena, que me adotou em seus projetos e a qual já considero – ousadamente – minha amiga! E por falar em amigo... aos meus dois companheiros de jornada acadêmica, Pedro Brígido, Mariana Cicchi. Que prazer conhecer esses dois advogados espetaculares! Sem aquele grupo no *WhatsApp*, não sei o que teria sido de mim. Obrigada, meus queridos! E não menos importante, meu colega de profissão Cláudio Galiotto, que esteve presente de maneiras diversas em todo esse processo!

Aos meus colaboradores, que confiaram a mim suas belíssimas histórias e com muito carinho compartilharam momentos comigo ao longo das entrevistas. Sou imensamente grata pela troca que tivemos e espero que os resultados desta pesquisa sejam satisfatórios para cada um! E um agradecimento especial para minhas queridas alunas Sarah Freire, Edilene Prada e Mariana Ruffino e para meus espetaculares colegas de trabalho, Prof^ª Me. Mariana Cançado, Prof. Dr. Eduardo Romão, Prof. Me. William dos Santos e Prof. Dr. Elton Rivas, por todo auxílio e parceria no decorrer da pesquisa.

Aos professores membros da banca, Professor Dr. André Luiz da Silva e Professora Dra. Clarissa de Franco. Ao primeiro pelas inúmeras considerações pertinentes durante o período de seminários I e II e à segunda pela disponibilidade em estar presente no momento crucial da banca, compartilhando seu rico conhecimento e contribuindo com o aprofundamento teórico deste trabalho.

Aos meus melhores amigos Sávio Trevisan, Ygor Medeiros, Rafaela Fonseca e César Augusto que compreenderam minhas ausências em suas vidas durante os últimos dois anos – por mais que eu tenha me esforçado para conciliar trabalho, mestrado e relações interpessoais – e por terem se mantido firmes ao meu lado, mesmo durante o meu sumiço acadêmico. Sávio, obrigada por tudo! Não tenho nem como especificar toda sua contribuição para o meu desenvolvimento. Ygor, pelos nossos “encontros de subjetividade”! Eram eventos em que eu realmente pude relaxar e aproveitar o momento com você. Rafa... não sei o que seria de mim sem os nossos sorvetes semestrais para atualizações sobre nossas vidas! César, obrigada por me acompanhar desde os tempos longínquos de graduação! Sua curiosidade e vontade sempre me motivaram muito – mesmo que você não soubesse!

E por último, mas nem de longe o menos importante, meu namorado Victor Castilho, que segurou firme a barra de todos os meus surtos e desesperos ao longo das etapas de coleta e análise de dados desta pesquisa. (Amor, enquanto escrevo até comecei a rir sozinha lembrando de todas as vezes que te liguei chorando. Esse desespero parece tão distante agora! Obrigada por ter sido, e por continuar sendo, o melhor parceiro de vida que eu poderia ter. Conte comigo quando for a sua vez!)

“A **razão!** Não é mais **digna de confiança** do que o instinto, o mito ou o sonho. Porém, tem o potencial para ser muito mais perigosa, para eles.”

- Destruição (Gaiman, N., 1994/2022, p. 107)

RESUMO

O trabalho que se apresenta tem como objetivo o estudo da mitologia grega no cenário contemporâneo, explicitando sua contribuição atual para a compreensão da constituição humana. A relevância de estudos mitológicos e arquetípicos já foi identificada por outros autores. A pesquisa tem caráter qualitativo, descritivo e exploratório, justamente pela sua dimensão simbólica e subjetiva, além da preocupação com a descrição e aproximação do fenômeno estudado. Portanto, o presente trabalho buscou, por meio de um viés arquetípico, relacionar as vivências pessoais em cada uma das oito etapas do desenvolvimento psicossocial, de acordo com a teoria de Erik Erikson, com uma narrativa mitológica correspondente, analisar as experiências de representantes de cada etapa do desenvolvimento humano e vincular ao seu correspondente na mitologia grega a partir da compreensão arquetípica acerca dos mitos. A presente teoria tem como premissa o estudo do desenvolvimento e a maneira como este ocorre a partir da relação do indivíduo com o seu meio, além da mudança de fases a partir da superação de conflitos inerentes a cada etapa. Para tal, a amostra foi composta por dezesseis pessoas – duas de cada etapa do desenvolvimento, mais os responsáveis legais pelos participantes entre 1 ano e 9 anos. Para a análise dos dados foi utilizada a análise de discurso e teoria arquetípica proposta por Jung, posto que a mitologia tem caráter universal. Ao final da pesquisa, segundo a análise proposta, tem-se alcançado uma vinculação satisfatória entre a vivência dos participantes e a trajetória mitológica dos heróis e heroínas gregos, de maneira a promover uma contribuição na teoria do desenvolvimento humano a partir de um novo viés: o mítico. Para a primeira etapa, foi possível a vinculação com o mito de Narciso, abordando aspectos centrais quanto ao desenvolvimento na primeira infância, como o egocentrismo infantil. Já na segunda etapa, o mito de Perséfone embasou a ideia da separação e da busca pela autonomia. A terceira, a qual aborda as relações paternas, fora relacionada com o mito de Édipo. A quarta, em se tratando de conflitos mais intensos, ainda sobre a busca pela independência, fora vinculada ao mito de Dédalo e Ícaro. A quinta etapa, marcada pela busca da identidade, foi relacionada ao mito de Hércules e seus 12 trabalhos. A sexta foi vinculada ao mito de Eros e Psíquê, uma vez que é experienciada a intimidade e o isolamento. A sétima etapa, como foram abordados temas como a dignificação pelo trabalho, foi relacionada ao mito de Prometeu. Já a oitava e última etapa, foi vinculada ao mito de Sísifo e o eterno trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Humano; Desenvolvimento Psicossocial; Mitologia Grega.

ABSTRACT

FROM NARCISO TO SYSIPHUS: stages of human development in the perspective of Greek mythology

The presented paper has as objective the study of the greek mythology in the contemporary scenario, demonstrating its present contribution to the comprehension of the human's constitution. The relevance of mythological studies and archetypes has already been identified by other authors. The research has a qualitative, descriptive and exploratory character, precisely for its symbolic and subjective dimension, aside from the concern with the description and approximation of the studied phenomenon. Therefore, the current paper searched, through archetypal bias, to relate the personal experiences in each of eight stages of the psycho-social development, according to Erik Erikson's theory, with a corresponding mythological narrative, analyse the experiences of representatives of each stage of the human development and link to their matching in greek mythology from the archetypal comprehension regarding the myths. The current theory has as premise the development study and the manner in which it occurs from the individual relation to their environment, as well as the phase change from the overcoming conflicts inherent to each stage. To this end, the sample was composed of sixteen people – two of each development stage, plus the legal representatives for the participants from 1 to 9 years old. For the data analysis, it was used the speech analysis and the archetypal theory submitted by Jung, given that mythology has a universal character. At the end of the research, according to the proposed analysis, it has been achieved a satisfactory link between the participants experiences and the mythological path of greek heroes and heroines, in a manner that promote a contribution in the human development theory from a new bias: the mythical. For the first stage, it was possible the link with the Narcissus myth, discussing main aspects as for the early childhood development, such as infant self-centredness. Yet in the second stage, the Persephone myth supported the separation idea and the pursuit for autonomy. The third, which address fatherly relations, was related with the Oedipus myth. The fourth, addressing more intense conflicts, still about the independence pursuit, was linked to Daedalus and Icarus myth. The fifth stage, marked by the search for identity, was linked to the Heracles myth and his 12 labours. The sixth was linked to the Eros and Psyche myth, once intimacy and isolation are experienced. The seventh stage, as topics such as dignification by work were addressed, was related to the Prometheus myth. Yet the eighth and last stage, was linked to the Sisyphus myth and the eternal work.

KEYWORDS: Human Development. Psychosocial Development. Greek Mythology.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – FASES DO ESTUDO SOBRE DESENVOLVIMENTO HUMANO NA PSICOLOGIA	22
FIGURA 2 – CRISES PSICOSSOCIAIS.....	45
FIGURA 3 – DESENHO DO PARTICIPANTE A. (SEXO MASCULINO, 10 ANOS)	92
FIGURA 4 – DESENHO DA PARTICIPANTE A.R. (SEXO FEMININO, 9 ANOS)	94
FIGURA 5 – PIRÂMIDE ETÁRIA DE 1951	111
FIGURA 6 – PIRÂMIDE ETÁRIA DE 2023	111

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – IDADE DOS PARTICIPANTES	52
QUADRO 2 – INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	53
QUADRO 3 – EXPECTATIVA VERSUS REALIDADE: PRIMEIRA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	60
QUADRO 4 – CATEGORIAS: PRIMEIRA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	60
QUADRO 5 – EXPECTATIVA VERSUS REALIDADE: SEGUNDA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	68
QUADRO 6 – CATEGORIAS: SEGUNDA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO	69
QUADRO 7 – EXPECTATIVA VERSUS REALIDADE: TERCEIRA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	78
QUADRO 8 – CATEGORIAS: TERCEIRA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	79
QUADRO 9 – EXPECTATIVA VERSUS REALIDADE: QUARTA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	87
QUADRO 10 – CATEGORIAS: QUARTA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	88
QUADRO 11 – EXPECTATIVA VERSUS REALIDADE: QUINTA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	97
QUADRO 12 – CATEGORIAS: QUINTA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	98
QUADRO 13 – EXPECTATIVA VERSUS REALIDADE: SEXTA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	104
QUADRO 14 – CATEGORIAS: SEXTA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	105
QUADRO 15 – EXPECTATIVA VERSUS REALIDADE: SÉTIMA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	110
QUADRO 16 – CATEGORIAS: SÉTIMA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	112
QUADRO 17 – EXPECTATIVA VERSUS REALIDADE: OITAVA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	118
QUADRO 18 – CATEGORIAS: OITAVA ETAPA DO DESENVOLVIMENTO.....	119

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 PROBLEMA	17
1.2 OBJETIVOS	17
1.2.1 Objetivo Geral	17
1.2.2 Objetivos Específicos	17
1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	17
1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO / JUSTIFICATIVA	18
1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO PARA A PSICOLOGIA	21
2.2 UMA BREVE HISTÓRIA DA MITOLOGIA GREGA	23
2.2.1 O mito de Narciso	25
2.2.2 O mito de Deméter e Perséfone	26
2.2.3 O mito de Édipo	27
2.2.4 O mito de Dédalo e Ícaro	28
2.2.5 O mito de Hércules (ou Hércules)	30
2.2.6 O mito de Eros e Psiquê	33
2.2.7 O mito de Prometeu	38
2.2.8 O mito de Sísifo	40
2.3 UMA BREVE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA E SUA RELAÇÃO COM MITOLOGIA	41
2.4 A TEORIA PSICOSSOCIAL DO DESENVOLVIMENTO	44
2.4.1 As fases do desenvolvimento segundo a Teoria Psicossocial de Erikson	45
3 METODOLOGIA	50
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	50
3.2 TIPO DE PESQUISA	50
3.3 PARTICIPANTES	50
3.3.1 Critérios de inclusão e exclusão	51
3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	52
3.5 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	53
3.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS	54

3.7 RISCOS E BENEFÍCIOS	58
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	59
4.1 PRIMEIRA FASE DO DESENVOLVIMENTO – CONFIANÇA X DESCONFIANÇA (ATÉ 1 ANO DE IDADE)	59
4.1.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase	60
4.1.2 A relação da fase com o mito de Narciso	66
4.2 SEGUNDA FASE DO DESENVOLVIMENTO – AUTONOMIA X VERGONHA (2 A 3 ANOS)	68
4.2.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase	69
4.2.2 A relação da fase com o mito de Deméter e Perséfone	76
4.3 TERCEIRA FASE DO DESENVOLVIMENTO – INICIATIVA X CULPA (3 A 6 ANOS)	77
4.3.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase	79
4.3.2 A relação da fase com o mito de Édipo	85
4.4 QUARTA FASE DO DESENVOLVIMENTO – MAESTRIA X INFERIORIDADE (6 A 12 ANOS)	86
4.4.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase	87
4.4.2 Interpretação dos desenhos-livre realizado pelos participantes de 9 e 10 anos	92
4.4.2.1 Desenho da criança A. (sexo masculino, 10 anos)	92
4.4.2.2 Desenho da criança A.R (sexo feminino, 9 anos)	93
4.4.3 A relação da fase com o mito de Dédalo e Ícaro	95
4.5 QUINTA FASE DO DESENVOLVIMENTO – IDENTIDADE X CONFUSÃO (12 A 18 ANOS)	97
4.5.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase	98
4.5.2 A relação da fase com o mito de Hércules	102
4.6 SEXTA FASE DO DESENVOLVIMENTO – INTIMIDADE X ISOLAMENTO (18 A 30 ANOS)	104
4.6.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase	104
4.6.2 A relação da fase com o mito de Eros e Psiquê	107
4.7 SÉTIMA FASE DO DESENVOLVIMENTO – GENERATIVIDADE X ESTAGNAÇÃO (30 A 60 ANOS)	109
4.7.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase	112
4.7.2 A relação da fase com o mito de Prometeu	116

4.8 OITAVA FASE DO DESENVOLVIMENTO – INTEGRIDADE X DESESPERANÇA (A PARTIR DOS 60 ANOS)	117
4.8.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase	119
4.8.2 A relação da fase com o mito de Sísifo	126
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO	137
APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTA	138
APÊNDICE C- ROTEIRO PARA SOLICITAÇÃO DE DESENHO PARA OS PARTICIPANTES DE 2 ANOS E MEIO, 4 ANOS E MEIO E 9 ANOS	141
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	142
ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (8 A 10 ANOS)	144
ANEXO C –TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (11 A 17 ANOS)	154
ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	147

1 INTRODUÇÃO

A mitologia reúne um rol de imagens universais justamente pelo seu caráter coletivo, uma vez que fora desenvolvida para explicar fenômenos naturais e situações cotidianas em diversas culturas. Campbell (2007) já abordava não apenas a importância, mas a influência da mitologia no caminhar da existência humana, coletiva e individualmente, sugerindo que todas as pessoas vivem um mito ao longo de sua vida. Entretanto, se considerarmos que cada etapa da vida é permeada por um tipo de conflito diferente, talvez haja também uma pluralidade mítica dentro de nossa psique ao longo do desenvolvimento.

Refletindo a esse respeito, é interessante considerar a experiência de se vivenciar múltiplos mitos ao longo de nosso desenvolvimento, uma vez que cada etapa é marcada por um conflito diferente. Quando se pensa na estrutura básica de um mito, temos uma experiência transformadora para o herói que acarreta mudanças no seu contexto, tanto individual quanto coletivo. De acordo com Campbell (2007), tal estruturação se dá respeitando a seguinte ordem: o chamado para a aventura, a iniciação – na qual se dá o caminho de provas – e o retorno. Portanto, em linhas gerais, tem-se o chamado do indivíduo para o desafio, o desafio propriamente dito (ou, o conflito) e o retorno a origem (ou, ao seu próprio eu, agora com um maior grau de elaboração e compreensão).

Esta divisão de eventos se assemelha à visão de desenvolvimento psicossocial proposta pelo psicanalista Erik Erikson (Carpigiani, 2010), posto que em sua teoria, os seres humanos passam por uma série de conflitos-chave que permitirão a fluidez do desenvolvimento. Essa proposta considera três dimensões para a ocorrência do desenvolvimento: a biológica, a social e a individual. Entretanto, talvez haja a possibilidade de uma quarta dimensão: a mitológica, a qual possuiria caráter mítico e coletivo.

A teoria do desenvolvimento de Erikson apresenta a vida humana dividida em oito diferentes etapas, cada uma delas permeada por um conflito diferente que será a “chave” para a continuidade do desenvolvimento como um todo. É importante, dentro desta premissa, que o indivíduo solucione seus conflitos de maneira adaptada e coerente com seu verdadeiro eu, para que siga com leveza e astúcia para a próxima etapa (Carpigiani, 2010).

Com o pressuposto apresentado, pretende-se vincular os conflitos vivenciados em cada etapa do desenvolvimento humano com um mito do acervo extenso da mitologia grega, buscando relacionar a problemática da etapa com a problemática da narrativa mitológica, a fim de apresentar poeticamente qual mito vive o indivíduo e de que maneira ele pode utilizar o conhecimento mitológico para seu conhecimento acerca de si mesmo.

1.1 PROBLEMA

Considerando a perspectiva arquetípica da importância dos mitos na constituição humana e refletindo sobre as fases do desenvolvimento humano propostas por Erik Erikson em sua teoria Psicossocial, a partir de entrevistas com participantes, de que modo os mitos podem corresponder a cada etapa do desenvolvimento humano?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as experiências de representantes de cada etapa do desenvolvimento humano segundo a teoria do desenvolvimento Psicossocial de Erikson relacionando-as às possibilidades de vivências míticas da mitologia grega a partir da compreensão arquetípica acerca dos mitos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar os participantes da pesquisa, uma mulher e um homem de cada etapa da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson;
- Investigar os principais conflitos vivenciados pelos participantes ao longo das diferentes fases de seu desenvolvimento humano;
- Relacionar e interpretar as experiências dos participantes da pesquisa com narrativas mitológicas correspondentes.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A presente pesquisa conta com uma metodologia qualitativa e, por este motivo, busca identificar o caráter subjetivo e simbólico do problema. Por esta razão, a pesquisa ocorreu em duas cidades do Vale do Paraíba, no interior do estado de São Paulo e contará com dois participantes de cada faixa etária do desenvolvimento psicossocial de Erikson, sendo uma mulher e um homem.

De acordo com os estudos demográficos da região supracitada divulgados pelo último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a população do Vale do Paraíba e Litoral Norte é de 2.506.053 pessoas, entretanto, a pesquisa fora realizada em duas cidades específicas da região: Taubaté e Jacareí. Segundo o último censo, realizado em 2022, a população em Taubaté é de 310.739 pessoas, configurando em uma possibilidade de amostragem bastante ampla neste território. Já a cidade de Jacareí conta 240.275 pessoas, um número também considerável para a realização da pesquisa.

1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO / JUSTIFICATIVA

A mitologia grega, embora distante cronologicamente da nossa cultura contemporânea, muito se assemelha estruturalmente com a forma que conduzimos a vida – embora não paremos para refletir e perceber. Campbell (1989/2007) já havia identificado e escrito sobre tal influência, consagrando a ideia de que todos vivemos a Jornada do Herói. Este herói, vivente e intrínseco em cada sujeito, foi construído ao longo do desenvolvimento da humanidade, remetendo a ideia junguiana de arquétipos.

Refletindo quanto a esse fenômeno mitológico que nos acompanha, é possível que, talvez, tenhamos mitos regentes de acordo com nossa fase de desenvolvimento. Um exemplo é o narcisismo infantil e o egocentrismo da criança, posto que a fase da primeira infância é vinculada ao Mito de Narciso. Na vida adulta, chegando na meia idade, fase a qual o indivíduo busca a estabilização na ocupação profissional e repete, dia após dia, seus afazeres, essa repetição logo faz pensar sobre Sísifo e seu trabalho interminavelmente repetitivo com a pedra.

O aspecto interessante da pesquisa se dará no fato de que, identificando nossa fase de desenvolvimento juntamente com nosso mito regente, teríamos a possibilidade de tomar consciência dos conflitos de nosso Herói para conseguir, por meio de um viés simbólico, acessar os conteúdos arquetípicos de nossa psique e, assim, atingir um nível maior de amadurecimento em cada etapa do nosso próprio desenvolvimento. Em termos práticos, a vinculação do mito com a fase do desenvolvimento pode auxiliar psicoterapeutas de abordagem analítica no estudo de caso e na visão do panorama geral dos conflitos de seus pacientes em clínica.

Trata-se de um estudo com pouco repertório teórico disponíveis nas bases de dados nacionais, aumentando sua possível relevância no campo teórico e prático. É evidente que há necessidade de não se pensar rigidamente quanto a relação dos mitos com o desenvolvimento, de maneira que não se pode solidificar o mito correspondente à fase para todas as pessoas. Trata-se de um trabalho que busca relacionar tais conteúdos sem abandonar o caráter individual de cada sujeito, utilizando como base referências acerca do desenvolvimento humano, principalmente a teoria Psicossocial do desenvolvimento, de Erikson.

Por esta razão, faz-se não apenas interessante, mas importante que se traga a relevância dos mitos e de seu estudo para o cenário atual, pois, como já preconizou autores como Campbell e Jung, a mitologia tem caráter arquetípico, o que significa que, por seu caráter coletivo, pouco se alteram, estruturalmente, ao longo do tempo. A essência mitológica, mesmo que antiga, não perde sua relevância na atualidade, uma vez que a possibilidade de múltiplas interpretações da narrativa mítica permite sua atualização ao longo do tempo.

Com o presente estudo, buscou-se identificar e resgatar aspectos estruturais e míticos nos tempos atuais a partir da investigação de conflitos pessoais por meio de entrevistas que foram realizadas com participantes, através da análise de discurso. Pretende-se investigar, simbolicamente, a relação entre o conflito vivenciado pelo indivíduo e o conflito vivenciado pelo herói mitológico.

É possível que a relação entre a teoria psicossocial do desenvolvimento de Erikson, um psicanalista, e a teoria dos arquétipos e do Inconsciente Coletivo de Jung cause estranhamento aos leitores. Desta forma, saliento a relação não se dá de forma conceitual, e sim estrutural. A forma como Erikson subdividiu o desenvolvimento humano em conflitos pertinentes a cada fase é única. Erikson não utiliza apenas da aprendizagem formal para tratar do desenvolvimento; ele se fundamenta principalmente de crises para tal. Considerando a crise inerente ao ser humano e, portanto, inevitável, sua teoria do desenvolvimento é a que mais se aproxima dos conflitos e crises também vivenciados por heróis mitológicos.

Entretanto, não há um estudo de Erikson que se baseie na comparação de cada etapa com mitos de nenhuma cultura. E o Inconsciente Coletivo? De qual forma seria possível vincular estas duas teorias? Ora, se para Erikson os conflitos são universais e inerentes a cada fase, existe uma vivência coletiva no decorrer do desenvolvimento humano, posto que, segundo o autor, essas etapas ocorrem para todos os sujeitos. Mesmo que o conflito não seja vivido da mesma forma por todos os indivíduos, segundo Erikson (1971), todos vivem um conflito em cada etapa. Conflitos estes que se assemelham em sua estrutura, mesmo que o conteúdo seja divergente entre os sujeitos – tal qual a narrativa mitológica! Para o referido autor, cada conflito pertencente em cada etapa segue um padrão dual, ou seja, existem dois polos opostos que coexistem na experiência do sujeito enquanto este atravessa seu desenvolvimento. Essa estrutura dual acompanha o sujeito ao decorrer de suas experiências.

Faz-se importante salientar, portanto, que não será utilizada a interpretação psicanalítica na análise de dados desta pesquisa, e sim a interpretação da psicologia analítica. A utilização de Erikson como pilar desta pesquisa se dá apenas pela sua brilhante estrutura do funcionamento das fases do desenvolvimento.

1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

O trabalho foi organizado a partir de seções e subseções, iniciando pela Introdução, seguindo para a Revisão de Literatura, para a Metodologia, os Resultados Esperados e Divulgação, o Cronograma, Orçamento, Referências, Apêndices e Anexos.

A Introdução contou com seis subseções: Delineamento da pesquisa, Problema, Objetivos Geral, Objetivos Específicos, Delimitação do Estudo, Relevância do Estudo/Justificativa e Organização da dissertação.

Na Revisão de Literatura, foram trabalhadas quatro subseções, sendo elas: A contextualização histórica do estudo acerca do Desenvolvimento Humano, A mitologia na visão da Psicologia Analítica, A mitologia grega e A teoria psicossocial do desenvolvimento,

A metodologia subdivide-se em quatro subseções: Participantes, Instrumentos de Pesquisa, Procedimentos para Coleta de Dados e Procedimentos para Análise dos Dados.

Em seguida, apresentam-se os Resultados Esperados, o Cronograma de Trabalho, bem como o Orçamento, seguido das Referências. No apêndice consta o roteiro para as entrevistas que foram realizadas tanto com os participantes quanto com os pais das crianças que colaborarão com a pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO PARA A PSICOLOGIA

A questão do desenvolvimento humano é de interesse de filósofos e pesquisadores desde meados do século XIX. O desenvolvimento humano, sob um viés psicológico, exige a vivência de experiências gradativamente mais complexas e uma boa dose de autoconhecimento. É evidente que todos os indivíduos pertencentes a um contexto com as mínimas condições de vida se desenvolverão. Entretanto, como se dará esse desenvolvimento?

Deve-se pensar o processo de se desenvolver sob diversas óticas diferentes que precisam se conectar uma à outra: o desenvolvimento do corpo, o da psique, o cultural, social e simbólico. Corriqueiramente vemos corpos mais desenvolvidos do que a cognição, e inúmeras razões podem levar a esse fato. Segundo Biaggio (2015), inúmeras áreas fornecem seu saber para complementar a compreensão acerca do tema, tais como antropologia, educação, psicologia, medicina, biologia, história, entre outras.

Expandindo a contribuição da antropologia para a compreensão do desenvolvimento, pode-se acrescentar o estudo da mitologia e como este interfere não apenas na visão de homem atual, mas também no desenvolvimento e condução humana da própria vida e história. Entretanto, primeiramente é importante compreendermos a própria história do desenvolvimento humano.

Pensando em termos de fases, Mota (2005) sumariza em cinco – um período formativo mais quatro fases de dez a vinte anos, aproximadamente, cada uma. Desde o início do século XX alguns estudos quanto ao desenvolvimento humano começam a ser enfatizados, de maneira que o tema entre pesquisadores, psicólogos e educadores começa a expandir.

Segundo Biaggio (2015), na década de 20 e 30 (mais especificamente 1920 a 1939) aconteceu a primeira fase de pesquisas sobre o desenvolvimento infantil, que começam a ganhar um espaço importante no meio científico, contando com intenso investimento. Entretanto, a temática estudada e desenvolvida nesse momento tinha base na concretude, de maneira que a subjetividade ainda não estava em voga como parte substancial das teorias do desenvolvimento.

Além disso, os primeiros estudos acerca da adolescência e da velhice também foram publicados, embora a principal ênfase dos institutos de psicologia do desenvolvimento ainda fosse a criança, principalmente no que diz respeito a maturação, crescimento e desenvolvimento intelectual (Mota, 2005). Já na segunda fase, de 1940 a 1959, tanto os institutos quanto os estudos sofreram grande influência da Depressão de 30, ou Grande Depressão, causada pela Crise de 1929. Ainda com os holofotes voltados para a infância, inicia-se estudos quanto

possíveis variáveis que podem afetar o pleno desenvolvimento, utilizando métodos correlacionais

A terceira fase – 1960 a 1989 – foi bastante rica em termos de teoria do desenvolvimento, uma vez que estava em alta a Teoria Behaviorista e a Teoria de Piaget e ambas contribuíram com os estudos do desenvolvimento. Concomitantemente também ocorre a Revolução Cognitiva, a qual tem sua participação também nos estudos, acrescentando às pesquisas a preocupação com a psicobiologia e as bases biológicas tanto do desenvolvimento quanto do comportamento (Biaggio, 2015). A Revolução Cognitiva dentro da área da Psicologia diz respeito aos avanços nos estudos e interesse crescente em assuntos relacionados aos processos mentais de cognição e processamento mental, de maneira que é também o momento em que aumenta pesquisas quanto a psicobiologia e bases biológicas do comportamento.

Por fim, na quarta fase, a qual se alonga dos anos 90 até os dias atuais, o foco está tanto na multidisciplinabilidade quanto na própria perspectiva histórica do desenvolvimento. Tenta-se investir atenção nos estudos do ciclo vital como um todo, não apenas na infância (Mota, 2005).

Com esta linha do tempo (figura 1), pode-se perceber a evolução do estudo do desenvolvimento humano, de maneira que fica claro a necessidade de se pensar em ciclo vital. Este implica necessariamente que o desenvolvimento continua após a infância – conceito e ideia de que não eram cogitados no início dos estudos do desenvolvimento. Portanto, o desenvolvimento é vitalício e ocorre até o último dia de vida do sujeito.

Figura 1 – Fases do estudo sobre desenvolvimento humano na Psicologia



Fonte: Desenvolvido a partir de dados do estudo de Mota, 2005.

Diversas teorias do desenvolvimento surgem a partir do foco que se coloca sobre o tema, entretanto, para os fins desta pesquisa, a teoria utilizada será o desenvolvimento psicossocial

de Erik Erikson (1998), o qual propõe o desenvolvimento em oito principais fases, observadas a partir de oito principais conflitos. Este será o autor contemplado na pesquisa por ser um dos teóricos que considera a vida adulta e a velhice como parte do processo de desenvolvimento, abarcando todas as faixas etárias.

Atualmente, um fator importante de se mencionar no que diz respeito ao desenvolvimento social é o foco aplicado na atividade laboral. O autor Byung-Chul Han (2017) descreve a sociedade contemporânea como sociedade da produtividade, a qual os indivíduos, por si só, se sobrecarregam e acatam demandas para além de suas funções no que diz respeito ao trabalho, a fim de demonstrar sua produtividade, proatividade e desempenho, demarcando a mudança de uma sociedade industrial para a sociedade da produção. Este pequeno parêntese se faz importante para a compreensão de uma discussão levantada na análise de dados, no que concerne a necessidade crescente dos participantes se mostrarem ativos e trabalhando em suas atividades constantemente – mesmo quando é chegada a hora do descanso e contemplação da própria existência.

2.2 UMA BREVE HISTÓRIA DA MITOLOGIA GREGA

Histórias, contos e parábolas estão presentes na humanidade desde os tempos mais longínquos. Evidências históricas comprovam que antigos povos já se reuniam para falar e ouvir a respeito de fatos do cotidiano, quando aparece a curiosidade quanto aos fenômenos naturais e suas respectivas causas. Sendo assim, pode-se dizer que a mitologia faz parte da base do nosso conhecimento atual acerca do homem e do mundo.

Foi considerando a vinculação direta da mitologia com o caminhar da humanidade que Carl Gustav Jung (1875-1961) desenvolve a ideia de que todos os seres humanos são dotados, inconscientemente, de imagens e símbolos comuns ao homem, os quais compõem o inconsciente coletivo.

Exposto isto, faz-se importante compreender as bases da mitologia grega, posto que é a escolhida para composição deste trabalho. Faz-se importante salientar o motivo da escolha da mitologia grega, e não outra: A grega fora selecionada por ser a de maior acesso aos leitores. Cabe aqui a reflexão quanto ao que torna essa mitologia ocidental mais acessível, posto que pode se tratar de um exemplo de “colonização do pensamento”.

A colonização do pensamento diz respeito a um fenômeno que se vincula ao possível condicionamento que a mente humana enfrenta a medida que as ideias se solidificam em determinadas culturas, partindo do pressuposto de determinantes sociais. Isso ocorre, pois, o pensamento que supomos nos pertencer foi, na verdade, trazido de algum lugar. As ideias,

portanto, e os sujeitos de ideias, lutam para que estas se perpetuem em determinado espaço-tempo e cultura, de maneira a expandir a ideia (Dantas, 2011). Ora, ao pensar no início da própria psicologia, diversos fenômenos psicológicos foram estudados e demarcados a partir de mitos, sobretudo gregos (Jaffé, 2021).

O caso que se apresenta nesta pesquisa, portanto, torna necessário o questionamento sobre as razões de a mitologia grega ser a mais difundida e conhecida em território brasileiro – e quiçá outros territórios. Diversas hipóteses podem ser levantadas, como, por exemplo, a maior divulgação cultural, lírica e artística quanto a esta mitologia, ou a maior produção literária a esse respeito em detrimento as outras mitologias. Portanto, uma possibilidade de investigação seria a percepção social e coletiva a respeito das diversas mitologias existentes, a fim de, além de levantar dados, informar quanto a existência de outras narrativas mitológicas que formam o extenso arcabouço mítico histórico e seus reflexos na atualidade.

Primeiramente, é importante compreender que, apesar da maneira que chegou até nós – pela arte –, a mitologia não se restringe apenas ao puro lírico. Com altos e baixos, a mitologia começa a ser estudada não de maneira literal, mas de forma simbólica e subjetiva. Por este motivo se busca vincular tal material com as etapas do desenvolvimento humano: pensando no caráter primordial dos mitos e na influência dos arquétipos na psique, é razoável pensar na maneira como vivemos estes mitos até hoje e, portanto, quais mitos se pode viver à medida que o sujeito se desenvolve enquanto ser humano (Brandão, 2015).

Dentro desta perspectiva da formulação do mito e sua perpetuação cultural, é interessante abordar os estudos de Eliade (1963) no que concerne ao estudo do mito e a realidade. Por muito tempo, o termo “mito” fora relacionado com algo inventado, uma estória fantástica. Entretanto, durante o Romantismo, algumas vertentes começam a ser exploradas, ampliando a visão do mito para além do fantástico e compreendendo-o como uma representação palatável do mundo, representação esta baseada na imaginação e fantasia. Essa premissa parte do pressuposto que o mito possui relevância social, revelando uma importância sagrada e divina do cotidiano.

Em termos de desenvolvimento, não é como se o mito precisasse ser superado para que ascendesse uma vertente empírica, positivista e racional. E sim pode ser interpretado como uma revelação sagrada que em nada atrapalha ou atrasa o desenvolvimento científico, posto que ambos podem caminhar juntos, uma vez que o mito, apesar de criação espiritual, não deixa de carregar um conteúdo verdadeiro para aquele em que nele acredita. Ainda é possível identificar na estrutura mitológica a presença de determinados padrões: um espectro com dois polos, simbolizadas em duas entidades igualmente opostas, as quais, ao entrarem em conflito,

movimentam os acontecimentos, tal qual é possível identificar na teoria Psicossocial de Erikson (1998; Eliade, 1963; Abel, 2005).

Tais opostos, ao entrarem em contato, formam uma relação que demonstra serem apenas variações de um mesmo fenômeno – este acontecimento é denominado por Eliade (1963) de *coincidentia oppositorum*. É o significado de transcendência: o momento em que o homem supera a dualidade, supera a dicotomia existente entre dois polos de um mesmo fenômeno e percebe tudo como sendo apenas uma unidade.

Dentre as muitas funções do mito, encontra-se a função de explicar e descrever fenômenos até então incompreendidos pelo homem. Entretanto, essas explicações são vividas intrínseca e ritualisticamente a partir do momento em que o mito é narrado, por exemplo. Desta forma, o ser humano tende a viver o mito, inclusive nos dias atuais, pois o desenvolvimento está repleto deste valor simbólico empregado nos mitos desde os tempos mais longínquos (Eliade, 1963).

A seguir, serão apresentados, resumidamente, os mitos utilizados para a análise dos dados da pesquisa, de forma sequencial. A compreensão da narrativa mitológica e seus múltiplos sentidos e interpretações são importantes para a compreensão também da dimensão mítica analisada nas entrevistas com os participantes.

2.2.1 O mito de Narciso

O mito de Narciso diz respeito ao amor próprio que ocorre de forma exacerbada. Daí o termo “narcisista” para designar pessoas que apenas se importam consigo mesmas, egoístas. Possuidor de beleza inigualável, Narciso era o objeto de amor de todas as ninfas da floresta por onde caçava (Bulfinch, 2013). Dentre todas as ninfas, a mais apaixonada por Narciso era Eco, conhecida tanto por sua paixão pelas montanhas e bosques quanto por seu hábito de falar e ser sempre, necessariamente, a dar a última palavra nas discussões em que entrava.

Após acobertar a traição do marido de Juno, esta amaldiçoa Eco, retirando-lhe a capacidade de iniciar conversas e permitindo-lhe apenas a capacidade da resposta a partir das últimas palavras proferidas por seu interlocutor. Certa feita, encontra-se com Narciso e o segue, a fim de que ele inicie a conversa para que possam ficar juntos amorosamente. Entretanto, após trocarem algumas palavras, Narciso afirma que jamais ficaria com aquela criatura. Eco, frustrada e arrebatada, definha e morre, sobrando apenas a sua voz, a qual ainda só pode se manifestar caso esteja respondendo algo. Esnobe e orgulhoso, Narciso é prepotente com todas as ninfas apaixonadas que cruzam seu caminho e, por este motivo, após rejeitar inúmeras ninfas

de maneira humilhante, a deusa da vingança realiza o pedido feito por uma delas: o de que Narciso, algum dia, sentiria o que é amar e não ser correspondido (Bulfinch, 2013).

Em um dia de caça, após sentir muita sede, Narciso se inclina sobre um lago e, ao olhar a imagem que se formou na água, prontamente se sente apaixonado. Suplica para que a criatura na imagem se revele, deixe-o tocar, entretanto, nada acontece. Narciso se inclina para beijar e abraçar a imagem, a qual some e retorna apenas depois de um tempo. Ele, portanto, desesperado e apaixonado, igualmente definha e morre à margem do rio, em busca de um amor que não pode se concretizar, sem perceber se tratar de sua própria imagem (Vettorazzo Filho, 2007).

As ninfas, ao descobrirem que Narciso estava morto, optam por cremá-lo. Entretanto, a ninfa Eco, ainda apaixonada pela beleza de Narciso, transforma-o em uma flor, para que sua beleza pudesse se manter viva.

Em uma perspectiva da Psicologia, sobretudo a Psicologia Analítica e a Psicanálise, o mito de Narciso traz diversos simbolismos interessantes no que tange ao desenvolvimento da psique infantil. Além disso, o mito de Narciso e Eco traz uma perspectiva de relação eu-outro, e o “outro” pode se tratar tanto de algo externo quanto interno. Daí o amor próprio (narcisismo) e o amor pelo outro (ecoísmo). O narcisismo, portanto, fala sobre aquele indivíduo que coloca suas necessidades acima das necessidades do outro e, por essa razão, acabam por não enxergar o outro – tal qual Narciso não enxerga Eco no início da narrativa. Apesar de ser um mito curto e relativamente simples, traz consigo uma extensa simbologia acerca das relações (inter)pessoais, abarcando temas relevantes, como amor próprio, autoconhecimento e valorização do eu (Rubini, 2020).

2.2.2 O mito de Deméter e Perséfone

Aquela quem cuida e nutre a terra para que esta possa gerar bons frutos, bem como regente dos ciclos da natureza, é denominada na mitologia grega como Deméter. Responsável por cada grão existente, ela é a deusa da agricultura. É de se esperar que a mãe de tudo que é oriundo da terra, seja igualmente uma mãe cuidadosa e zelosa por sua filha, Core, a qual é também filha de Zeus (Maddalena Júnior, 2020).

Deméter nutre grande amor e admiração por sua filha, de maneira que sempre buscou mantê-la por perto. Entretanto, após imensurável paixão desenvolvida por Hades pela jovem Core, este decide raptá-la e levá-la ao mundo dos Mortes, lugar onde era Senhor. Para tal, solicitou que Gaia, a mãe-terra, posicionasse uma flor de Narciso em um campo por onde Core caminhava. Curiosa e admirada, quando esta se abaixou a fim de colher a flor, uma fenda se abriu do chão, de onde saiu o deus Hades, Senhor dos mortos, com o intuito de conduzi-la aos

seus domínios no submundo (Brandão, 1968). A partir deste rapto, Core – nome que significa “jovem” – passa a ser denominada Perséfone.

Deméter conseguiu ouvir os gritos de sua filha e logo se desesperou com seu sumiço. Procurou por sua filha em todos os lugares, mas não conseguiu encontrá-la. Peregrinou por nove dias e nove noites e, apenas no décimo dia, encontrou o deus do sol Hélios, que por estar sempre presente, também sempre tudo vê, e ele a contou o que tinha ocorrido com Perséfone. Deméter se enfureceu, questionou a conduta dos deuses, cessou a fertilidade da terra e isolou-se a fim de recuperar sua filha (Maddalena Júnior, 2020).

A natureza interrompeu seu crescimento, haja vista que Deméter estava ocupada buscando soluções para recuperar sua filha. Porém, é evidente que a fome começou a se tornar um problema mundial, já que o alimento, proveniente da terra, não estava mais sendo produzido. Por conta dessa situação, Zeus precisou mediar o conflito entre Deméter e Hades, pedindo ao segundo que liberasse Perséfone de seu exílio, a qual neste ponto já era sua esposa e senhora do Submundo. Ele concordou em devolvê-la, e no dia de sua partida ofereceu algumas sementes de romã – ela aceitou, comeu algumas sementes e, com isso, desenvolveu uma ligação eterna com o submundo, posto que se alimentou de seu fruto (Maddalena Júnior, 2020; Brandão, 1968).

Por esta razão, Zeus ordenou que Perséfone seria livre para viver com a mãe no mundo superior durante nove meses, e os outros três meses do ano ela voltaria para o Submundo, para viver com seu marido Hades. Este acordo fora suficiente para satisfazer parcialmente o desejo da mãe em reencontrar a filha e, com isso, as sementes voltaram a florescer por todo o mundo, pois a fertilidade lhes havia sido devolvida. Durante as estações de verão e primavera, Deméter está feliz e as árvores florescem. Entretanto, durante os meses em que Perséfone precisa retornar, tudo se torna frio, escuro e sem vida – demarcando a chegada do inverno (Maddalena, 2020).

2.2.3 O mito de Édipo

Em linhas gerais, Sófocles (427 a.C./2015) conta que em um reino prestes a sucumbir, o rei Laio de Tebas – pai de Édipo – busca o Oráculo de Delfos para identificar o que poderia ser feito para seu povo prosperar. Ao responder, o Oráculo o adverte que, futuramente, será morto por seu filho. Assustado e temeroso, Laio e sua esposa Jocasta solicitam a um servo que levasse Édipo para longe e o amarrasse no Monte Citerão para que fosse comido por lobos, mudando, assim a previsão do Oráculo. O servo, por ter piedade do bebê, o entrega a um pastor, o qual, por sua vez, leva-o para os reis Pólipo e Mérope, de Corinto, onde Édipo é criado como príncipe.

Crente de sua filiação, mas ainda curioso quanto as suas origens, Édipo também busca o oráculo de Delfos e escuta a profecia de que se apaixonaria por sua mãe e mataria seu pai. Por imaginar se tratar respectivamente de Pólipo e Mérope, Édipo opta por deixar Corinto rumo a Tebas, onde se estabeleceria. No caminho, encontra-se com Laio e, por um desentendimento numa encruzilhada, mata-o, sem saber ser seu próprio pai. Ao chegar em Tebas, depara-se com a Esfinge, a qual recita um enigma que apenas o futuro rei de Tebas poderia responder: “Qual é o animal que de manhã tem quatro pés, dois ao meio dia e três à tarde?” (Sófocles, 427 a.C/2015).

Após proferir a resposta correta – o homem, que ao nascer caminha engatinhando, na fase adulta anda sob as duas pernas e na velhice tem o auxílio de uma bengala – Édipo se torna o rei de Tebas e se casa com a viúva Jocasta. Posteriormente, ao retornar ao Oráculo afim de saber quem matou o antigo rei Laio, descobre ter se tratado de sua própria ação e, além disso, também descobre ter se apaixonado e casado com sua própria mãe, a qual, ao descobrir, enforca-se. Édipo fura seus olhos com os alfinetes do vestido de sua mãe-esposa, cegando-se (Sófocles, 427 a.C/2015).

Em um paralelo com o desenvolvimento humano, Freud relacionou a tragédia grega com o que denominou Complexo de Édipo: crianças entre 3 e 6 anos vivem esta ambivalência sobre os pais, sentindo, inconscientemente, o desejo amoroso pela mãe e o ímpeto de matar o pai, o qual se configura como concorrente (Dethlefsen, 2017). Além disso, o mesmo ocorre com sua ideia acerca do narcisismo, relacionando o egocentrismo infantil ao Mito de Narciso (Serbena, 2010).

Apesar de passarem despercebidos, o conteúdo mítico pode ser encontrado dentro de cada ser humano, individualmente. Segundo Campbell (2007) os conteúdos arquetípicos dos mitos também estão presentes nos sonhos, embora estejam caracterizados de uma forma diferente. De certa forma, os sonhos são para o indivíduo como um canal direto ao conteúdo mitológico e, além de promover este reencontro, ainda tenta traduzir seu conteúdo para que se torne mais compreensível. Os sonhos modificam individualmente, portanto, o conteúdo mítico e o torna mais próximo à realidade de quem sonha. Ambos simbolizam e demonstram o dinamismo psíquico.

2.2.4 O mito de Dédalo e Ícaro

Há uma proximidade entre as narrativas mitológicas gregas que, de certa forma, conectam-se entre si em uma grande e única história que aborda a cultura de determinada época. O mito de Dédalo e Ícaro é um exemplo disso, pois, a seguir será abordado o mito de Hércules, e nesta

narrativa o herói, em seu sétimo trabalho, precisa transportar o Touro enviado por Poseidon para destruir Creta. Touro este que, por sua vez, ao ser objeto de desejo de Pasiphae, esposa de rei Minos, engravida-a.

Desta forma, Pasiphae dá à luz ao ser denominado Minotauro, o qual foi, posteriormente, trancado em um labirinto construído por Dédalo, um dos heróis desta história. Mesmo prestando este serviço para o rei Minos, este se desagrada com Dédalo e o aprisiona, juntamente com seu filho, Ícaro, em uma enorme torre localizada em uma ilha – de maneira que o rei mantinha sua atenção sobre quem entrava e saía, já que vigiava todas as embarcações. Portanto, com sua mente criativa, pensou sobre as possibilidades de fugir da torre por meio aéreo (Bulfinch, 2013).

Utilizando penas, cera e linha, começou a construir dois pares de asas, um para si e outro para Ícaro, o qual o ajudava recolhendo as penas de aves que o vento levava para o alto da torre. Após um tempo de produção, quando as asas estavam prontas e com anatomia similar a de um pássaro, Dédalo ensinou Ícaro a manuseá-las e utilizá-las. Antes de partirem para a jornada de libertação de sua prisão, Dédalo orientou Ícaro da seguinte maneira:

Ícaro, meu filho, aconselho-te que voes a uma altura moderada, pois se voares muito baixo, a umidade poderá emperrar tuas asas e, se voares muito alto, o calor poderá derrete-las. Conserva-te perto de mim e estarás a salvo. (Bulfinch, 2013, p. 242).

Abraçaram-se e alçaram voo, cada um com sua respectiva asa. Ícaro iniciou a expedição ao lado do pai, porém, à medida que sentia a liberdade em suas asas, começou a voar cada vez mais alto, a fim de tocar o próprio céu. Como já alertado por Dédalo, o sol de fato começou a derreter a cera utilizada na confecção da asa e, sem muita demora, Ícaro, gritando por socorro, caiu no mar e se afogou. Seu pai, procurando-o enquanto chamava por seu nome, cessou seu chamamento quando pôde observar as penas flutuando sob a água. Lamentou a sua invenção, enterrou o corpo do filho e deu àquela terra o nome de seu filho – Icária. Quando chegou em seu destino, na Sicília, construiu um templo para Apolo – o deus do Sol – e, como uma oferta ao deus, pendurou suas asas (Bulfinch, 2013).

Considerando a amplitude da compreensão mitológica, é evidente que o mito de Dédalo e Ícaro não representa “apenas” o que se lê, mas o que se pode interpretar. A linguagem mitológica, segundo Eliade (1963), traz consigo a imensidão do subjetivo, uma vez que o mito busca explicar a existência a partir de uma perspectiva para além da razão, tão enraizada na cultura contemporânea após a modernidade. Desta forma, é preciso traduzir a queda de Ícaro e os ensinamentos de Dédalo por meio de um viés analítico.

Em Ícaro, considerando sua ânsia em voar cada vez mais alto, podemos perceber uma vertente mais instintiva de sua psique, a qual remete aos conteúdos de sua Sombra – a Sombra é o nome dado ao arquétipo que carrega os conteúdos negados do ego. A escolha de não dar ouvidos a seu pai, o qual também é seu mentor e, portanto, outra parte importante do ego em detrimento a satisfação de sua curiosidade e seu desejo denotam o aparecimento de sua Sombra, a qual é dotada de seus conteúdos primitivos (Franz, 1990).

O aparecimento da Sombra, muito embora seja erroneamente interpretada como algo ruim, representa aspectos de amadurecimento psíquico do herói, de maneira que há o contato com seus conteúdos negados e, portanto, a possibilidade de elaboração destes. De maneira simbólica, a queda de Ícaro pode também representar sua ascensão, posto que a resposta aos seus instintos e a integração destes ao *self* é imperativo para o processo de individuação.

2.2.5 O mito de Hércules (ou Hércules)

Filho de Zeus com a mortal Alcmena, Hércules nasceu para ser o herói que jamais havia existido. Entretanto, a relação extraconjugal de Zeus enfureceu Hera, sua esposa, a qual não tardou em desprezar Hércules e colocá-lo a prova de sua força, a fim de testar suas habilidades, já que vê no desejo do herói de ser aceito pelos deuses do Olimpo a oportunidade de atribuir-lhe tarefas impossíveis de serem realizadas. Quando ainda era um bebê e estava no berço, Hera tratou de enviar-lhe duas gigantes serpentes para que o matasse. Entretanto, para surpresa da deusa, Hércules as matou facilmente por estrangulamento (Brandão, 1987).

Hércules fora enviado para Euristeu, de quem deveria receber as ordens quanto aos trabalhos que deveria realizar ao longo de sua jornada. É interessante o conhecimento de que, com exceção da clava fabricada por ele mesmo, os demais instrumentos utilizados em sua aventura foram presentes divinos (Brandão, 1987), os quais na simbologia também podem ser interpretados como presentes da natureza para que a pessoa consiga caminhar em sua jornada sempre em comunhão com esta.

Segue em tópicos para facilitar a leitura e compreensão, segundo Bulfinch (2013) e Brandão (1987):

- Primeiro Trabalho: Lutar contra um leão que importunava e causava desgraças no vale de Nemeia. Fora pedido que, após matar o leão, ele removesse sua pele e levasse a Euristeu. Hércules estrangula o animal e cumpre a primeira tarefa;
- Segundo Trabalho: Matar a Hidra, conhecido monstro de múltiplas cabeças que já havia devastado algumas regiões da Grécia, como Argos. Dentre as nove cabeças da criatura, uma era imortal e a cada cabeça cortada, nasciam mais duas. Foi apenas com auxílio de

Iolau que Hércules queimou as cabeças e enterrou a imortal, vencendo a Hidra. Uma análise simbólica interessante que se faz aqui é a comparação da Hidra com os vícios humanos banais, posto que quanto menos se luta contra eles, mais vícios banais aparecem;

- Terceiro Trabalho: Levar vivo para o rei de Argos o enorme javali que aterrorizava a região da Arcádia. Para cumprir essa tarefa, fez com que o animal se cansasse, de maneira que poderia carregá-lo pelo dorso sem matá-lo. Aqui, o Javali representa o poder espiritual;
- Quarto Trabalho: Levar com vida para Euristeu a corça de Cerínia. Esta corça era a quinta de quatro anteriores que foram mortas por Ártemis. Hera, já com a intenção de prejudicar e atrasar Hércules, marcou a corça com a marca divina, de maneira que o animal jamais poderia ser morto. O herói, portanto, perseguiu longamente a corça até ela se fatigar, tornando-se, assim, uma presa mais fácil de transportar. Essa perseguição simboliza a busca por conhecimento e sabedoria, pois Hércules persegue a corça rumo ao norte e aos céus.
- Quinto Trabalho: Matar as aves gigantes do lago de Estínelo, as quais se fartavam com os frutos da região e, além disso, obstruíam a luz do sol quando alçavam voos, embora passassem a maior parte do tempo abrigadas em regiões escuras da floresta, de maneira que Hércules encontrou dificuldade para encontrá-las. Por essa razão, Hefesto fabrica para ele um instrumento de som estridente, que estressa os animais e os faz voar, colocando-os em evidência. Assim, Hércules os acerta com flechas envenenadas com o fluído da Hidra. Este trabalho se relaciona, assim como o segundo, com desejos perversos e mundanos, os quais o herói se livra ao matar as aves.
- Sexto Trabalho: Limpar os estábulos de Áugias, o qual abrigava um rebanho extenso, de três mil bois e há trinta anos não recebia uma limpeza. Hércules faz um acordo com Áugias e solicita um décimo do rebanho caso consiga limpar em um dia e, assim, com sua força, desviou dois rios – Alfeu e Peneu –, limpando os estábulos com uma velocidade inimaginável. Porém, Áugias não cumpre sua parte do combinado e Hércules o mata em uma batalha organizada por ambos. Simbolicamente, os estábulos representam o inconsciente e a limpeza é, conseqüentemente, a purificação das mazelas do inconsciente.
- Sétimo Trabalho: Levar vivo para Micenas o Touro enviado por Poseidon ao rei Minos, posto que, após tentar ludibriar Poseidon, este fez com que o Touro destruísse Creta –

região do rei Minos – com as chamas que lançava pela narina. Minos não ajudou Hércules, o qual precisou domar e transportar o animal até Hélade. Euristeu ofereceu o Touro à deusa Hera, entretanto, ela não aceitaria nada que tivesse sido recuperado por Hércules e o soltou. Aqui, a vitória do herói simboliza a vitória sobre a tendência dominadora.

- Oitavo Trabalho: Transportar as Éguas de Diomedes da Trácia para Argos, uma vez que estes animais eram alimentados com carne dos homens que as tempestades levavam para a costa pelo rei da Trácia, o Diomedes. Após ser vencido por Hércules, Diomedes serviu de refeição para as Éguas, as quais, depois deste evento, foram tranquilamente para Argos. Euristeu as deixou libertas, mas foram devoradas por criaturas do Olimpo. Dentro da simbologia, as Éguas representam tudo aquilo que devora o homem e, portanto, remetem à morte da alma.
- Nono Trabalho: Levar para Admeta, filha de Euristeu, o Cinturão de Hipólita, rainha das Amazonas. Após uma viagem cheia de adversidades, Hércules e seus voluntários estrangeiros chegam ao país das amazonas e recebeu, de bom grado, o Cinturão. Entretanto, Hera, disfarçada de amazona, convenceu todas as demais que os estrangeiros haviam ludibriado a rainha Hipólita e então atacaram o navio do herói, o qual julgou Hipólita traidora, matou-a e seguiu seu caminho de volta. Na simbologia, o Cinturão representa o poder castrador, e também o poder da justiça e do poder.
- Décimo Trabalho: Levar para Euristeu os Bois de Gerião que vivia na região de Eritia. Gerião era um gigante que possuía três corpos e detinha um enorme rebanho de bois vermelhos, os quais eram guardados por um pastor, Eurítion, e protegidos por um cachorro de duas cabeças. Encontrou dificuldades no caminho, como atravessar o Oceano. Mas, ao chegar, Hércules levantou duas montanhas – Calpe e Abila, as quais são chamadas “Os Pilares de Hércules” – e matou tanto o gigante quanto ao seu cachorro, levando os bois para Euristeu. Entretanto, a volta também não foi tranquila, já que ladrões tentavam levar-lhe o rebanho de bois. De acordo com a simbologia, a vitória de Hércules sobre o gigante Gerião representa a vitória do herói sobre três tipos diferentes de perversidade.
- Décimo Primeiro Trabalho: Trazer Cérbero, cachorro de três cabeças que guarda os domínios de Hades, deus dos mortos e do submundo. Este cachorro impedia a entrada e saída de vivos do submundo, a não ser que houvesse uma autorização de Hades. Apesar de toda sua força e determinação, Hércules não conseguiria cumprir esse

trabalho sem auxílio de Zeus, o qual ordenou auxílio de Hermes e Atena. Durante seu caminho encontrou diversas almas e também outros heróis ainda vivos, e fez o possível para libertá-los. Quando se deparou com o deus, pediu permissão para levar Cérbero, o qual concordou, desde que o herói conseguisse capturá-lo sem o ferir. Entretanto, quando o leva para Euristeu, este se escondeu com medo e, sem saber o que fazer com Cérbero, Hércules o levou de volta. A simbologia deste trabalho se relaciona com a descida do herói ao submundo, representando uma descida ao inconsciente e também uma descida em si mesmo, de forma que representa o autoconhecimento.

- Décimo Segundo Trabalho: o último e mais difícil trabalho foi colher as maçãs de ouro das hespérides. A dificuldade se deu no fato do herói não saber onde as encontrar, já que as maçãs eram de Hera, a qual confiou as maçãs às filhas de Héspero. Quem o poderia auxiliar era Atlas, o titã que segurava o globo terrestre em seus ombros. Hércules, portanto, assume o lugar de Atlas e segura o globo enquanto este sai para colher as maçãs. O titã retorna, troca de lugar com Hércules e este leva as maçãs para Euristeu. A maçã é simbolicamente o fruto do conhecimento, representando a busca do herói por sabedoria.

Após cumprir todos os trabalhos e escolher, em todos eles, o caminho do espírito e da alma, o herói alcança o monte Olimpo e brinda com Zeus sua imortalidade. Hércules, portanto, cumpre sua jornada individual repleta de simbologias que levam ao autoconhecimento e o encontro consigo mesmo. Pode-se considerar que os trabalhos de Hércules não se limitam à compreensão laboral de se cumprir alguma tarefa, mas principalmente a compreensão subjetiva, da busca pelo *self*, o aprimoramento individual considerando o amadurecimento psíquico do herói. Esta é a jornada do herói, jornada a qual os seres humanos estão sujeitos ao longo de seu desenvolvimento: a busca por sabedoria, novos conhecimentos e o enfrentamento de adversidades a fim de alcançar um objetivo transcendente (Müller, 2017).

Hércules representa um clássico herói da mitologia grega – e não apenas da grega, mas o mito do herói assume diversas formas, em diversas culturas, mas respeita a mesma estrutura: o nascimento humilde, a apresentação de seu desenvolvimento acelerado e precoce em relação aos demais, o chamado para a jornada e, fatalmente, seu declínio. Essa jornada representa, à nível subjetivo, a busca do sujeito pela sua própria identidade (Henderson, 2016).

2.2.6 O mito de Eros e Psiquê

Terceira filha de um rei, Psiquê era uma das mulheres mais bonitas que qualquer pessoa já tinha visto. Suas duas irmãs também eram agraciadas com o dom da beleza, entretanto, a

caçula apresentava tão espantosa beleza que, não raro, era comparada com a própria deusa da beleza, Afrodite. Era cultuada, admirada e bem quista por aqueles que visitavam a cidade, esvaziando-se, assim, o templo da própria deusa – a qual se encontrava cada vez mais furiosa e enciumada com a situação (Neumann, 2017).

Sentindo-se humilhada e esquecida, Afrodite se lança ao seu filho e amante Eros – deus do amor, também conhecido popularmente como Cupido – e o ordena fazer com que Psiquê se apaixone pela mais vil criatura, de maneira que não pudesse mais usufruir de sua beleza a fim de arranjar um casamento honroso. E assim, munido de flechas, Eros encontra Psiquê adormecida, e a toca com a ponta de uma de suas flechas. Isso faz com que Psiquê desperte, causando um susto em Eros, que o atrapalha e faz com que acerte a ponta da flecha em si mesmo também, resultando em um dos mais antigos paradoxos: Psiquê se apaixonou pelo próprio amor (Bulfinch, 2013).

A partir deste momento, Psiquê realmente recebera uma maldição. Não era pedida em casamento por ninguém, o que causava espanto em seus pais, já que suas duas irmãs mais velhas, mesmo que não tão dotadas de beleza, já estavam bem casadas com dois príncipes. Preocupados e com medo da beleza da filha ter despertado a revolta e ira dos deuses, os pais buscam o oráculo de Apolo, e sua resposta diz categoricamente que a jovem virgem não estava destinada a um mortal, e sim a um monstro irresistível a deuses e homens. Seu futuro marido a esperaria no topo de uma montanha e ela deveria ir ao seu encontro (Neumann, 2017).

O cortejo foi preparado para que ela seguisse seu caminho até o topo da montanha, onde encontraria o suposto monstro que a desposaria. Por conta da preocupação geral em relação ao futuro marido de Psiquê, o casamento revelava-se mais parecido com um velório. Deixaram-na no topo da montanha, onde ficou esperando, chorosa e sozinha. Posteriormente, sente ser guiada por Zéfiro, deus dos ventos, o qual a deixa sutilmente em um bosque florido, no pé da montanha em que fora deixada, a fim de que pudesse se tranquilizar. Neste bosque, Psiquê avistou um belíssimo palácio, o qual ela sabia que só poderia se tratar da morada de um deus (Bulfinch, 2013).

Ao entrar e se admirar com toda a estrutura do palácio, Psiquê se interessou em saber qual era o deus responsável por produzir tanta perfeição. Em suas andanças contemplou obras de artes, grandes salões dourados, jardins e tudo que há de bonito. No meio deste processo de descoberta das maravilhas presentes no palácio, Psiquê ouviu uma voz que afirmou que todos aqueles tesouros pertenciam a ela, e que, além disso, ela deveria descansar em seus aposentos, banhar-se e se preparar para a ceia. Ela foi auxiliada e cuidada por criados invisíveis, que preparavam tudo sem que ela pudesse ver (Bulfinch, 2013).

Da mesma maneira, seu marido também não aparecia durante o dia, apenas a noite, não revelando sua aparência e, conseqüentemente, fazendo com que Psiquê não o visse, apenas o sentisse. Após questionar seu marido sobre o motivo da não aparição, este afirma que é necessário que mantenham a dinâmica desta maneira, pois ele precisava esconder sua identidade a fim de que Psiquê não temesse ou adorasse sua aparência. Combinaram, portanto, que ele iria embora caso algum dia ela visse seu rosto (Neumann, 2017).

Sentia-se amada e adorada por seu marido e tudo corria bem no palácio, apesar de não poder vê-lo. Entretanto, a notícia de que seus pais estavam doentes de tristeza por conta de sua atual condição – afinal, pensavam que a filha se casara com um monstro e que estava sendo maltratada – preocupou Psiquê. Principalmente após saber que suas irmãs mais velhas haviam abandonado seus lares a fim de visitar e cuidar de seus pais. Nossa heroína então pede ao marido a autorização de convidar as irmãs ao palácio, para que elas pudessem transmitir aos pais a notícia de que estava bem. Seu marido, porém, não consentiu com essa proposta, alegando que a visita das irmãs seria o motivo da ruína de Psiquê (Bulfinch, 2013).

Após suplicar, seu marido concordou em pedir a Zéfiro para que trouxesse as irmãs, mas deixou claro que a desgraça de Psiquê ocorreria a partir desta situação. O reencontro ocorreu no pé da montanha, onde ocorreram abraços e carícias. Entretanto, ao adentrar o palácio, suas irmãs foram acometidas por inveja e cobiça, já que a irmã mais nova havia conquistado mais tesouros e fortuna do que elas. Ao questionarem sobre a aparência do marido, Psiquê respondeu-lhes se tratar de um belo jovem, entretanto, após insistirem em detalhes, ela as confessa que nunca o havia visto. Cegas de ciúme, trabalharam para que a esposa se enchesse de dúvidas e questionamentos acerca do marido, lembrando-a que ela estava destinada a casar com um monstro horrível (Bulfinch, 2013).

Aconselharam-na a, com auxílio de uma lamparina e uma faca afiada, ver a face do monstro durante a noite, enquanto este dormia. Caso realmente se tratasse de um monstro, deveria decepar sua cabeça com a faca. Apesar de ter resistido por um curto período de tempo, Psiquê se apossa dos utensílios e parte para sua missão de vislumbrar o rosto do marido. Admirou-se com a beleza divina da criatura que dormia ao seu lado. Entretanto, ao abaixar a lamparina para ver mais de perto o rosto adormecido de seu esposo, uma gota de óleo quente pingou em seu ombro, fazendo-o com que despertasse e, sem dizer nada, voasse para longe. Psiquê, em uma tentativa desesperada de ir atrás do deus, joga-se pela janela, caindo no chão (Neumann, 2017).

Não demorou muito para que se levantasse após esse incidente. Entretanto, o palácio não mais existia, e o deus havia, de fato, ido embora para longe. Psiquê procurou suas irmãs

para lhes contar o ocorrido, as quais internamente sentiram-se satisfeitas, embora tenham fingido consternação para a irmã. Ambas chegaram à conclusão de que agora, talvez, o deus quisesse desposar alguma delas e então, cada uma individualmente, caminhou até o alto da montanha e, após invocar Zéfiro, lançaram-se no precipício. Infortunadamente, o deus do vento não as respondeu, de maneira que ambas morreram (Bulfinch, 2013).

Ao mesmo tempo, Psiquê também procurava o deus, mas não no alto do rochedo onde tudo começara. Ao invés disso, avistou um belo templo no alto de outro cume, e supondo ser lá a morada do deus, caminhou até lá. Ao chegar, percebeu que havia uma plantação em completa desorganização na entrada, e não tardou em apanhar os instrumentos e ferramentas necessárias para arrumar. Após contemplar essa cena, Deméter, deusa da fertilidade e da terra cultivada, a qual já conhecia a ira de Afrodite em relação a Psiquê, sente piedade e, por esta razão, a aconselha sobre o que fazer para diminuir a raiva daquela. Instrui-a, portanto, a procurar Afrodite em seu templo por livre e espontânea vontade, sem esquecer os elogios e submissão, a fim de que ela lhe devolvesse o marido que perdera (Neumann, 2017).

Ao chegar, Afrodite não tardou a demonstrar seu enorme menosprezo pela mortal, afirmando que a única maneira de recuperar o amor de seu filho, seria através da submissão de uma tarefa, para que ela pudesse julgar suas habilidades. A primeira tarefa seria separar inúmeros grãos durante o período de um único dia. Deveria separar os grãos de cevada, ervilha, trigo, feijão e lentilha. Entretanto, pasma com a dificuldade da tarefa que lhe fora destinada, Psiquê senta ao chão e não se movimenta para iniciar a atividade (Bulfinch, 2013).

Observando de longe, Eros solicita a uma formiga que auxilie Psiquê na tarefa, a qual compartilha o pedido do deus com as demais formigas do formigueiro e, juntas, cuidadosamente separam todos os grãos, enquanto Psiquê ainda estava sentada, perplexa com a situação. Ao anoitecer, as formigas já haviam terminado a tarefa e desaparecido. Afrodite retorna ao celeiro para avaliar o cumprimento da tarefa e logo se dá conta de que sua nora não a havia realizado. Furiosa com a petulância da mortal, atribui-lhe uma nova tarefa. No dia seguinte, convocou-a para explicar que o novo desafio seria tosquiar a lã de ouro de algumas ovelhas que pastavam por ali (Neumann, 2017).

Para chegar, Psiquê precisaria atravessar um rio e, para sua felicidade, o próprio rio lhe auxiliou dizendo para que não retirasse a lã das ovelhas naquele horário, pois elas ficavam repletas de fúria no momento em que o sol estava muito forte, pela manhã. Ele diz, portanto, para ela caminhar até as ovelhas após o meio dia, quando estas caminharem até a sombra das árvores para descansar. Feito isso, Psiquê conseguiu retirar amostras de lã de ouro das ovelhas e as levou de bom grado para Afrodite, a qual estava novamente furiosa pela ajuda que a jovem

havia recebido do rio. Portanto, elaborou outra tarefa para ela, uma que ela não conseguiria realizar (Neumann, 2017). Pediu-lhe para que enchesse uma jarra com a água do rochedo escorregadio da montanha alta. Esta montanha abrigava as águas que alimentavam o rio Cocito e o rio Estige. Era necessário que ela enchesse a jarra com a fonte mais alta.

Ao contemplar a altura e a dificuldade da tarefa – posto que era impossível encher o jarro sem cair, posto que o cume era íngreme e escorregadio, Psiquê mais uma vez paralisa e não vê saída para seu problema. Entretanto, por influência direta de Zeus, pai de seu amado, uma águia a auxiliou, pois Zeus recebera a ajuda de Eros em uma outra situação e, sentindo-se em débito, a ajuda a recuperar seu amor. A águia, portanto, encheu-lhe o jarro e Psiquê pode levá-lo de volta a Afrodite sem ter corrido os riscos mortais daquele rochedo (Neumann, 2017).

Ainda mais furiosa com a situação, Afrodite lança seu último desafio para a mortal. Agora, ela deveria pegar uma caixa, caminhar até os domínios de Hades e pedir para que Perséfone depositasse ali um pouco de sua beleza imortal. Já sabendo de seu fim iminente e dos perigos de adentrar os domínios do submundo, Psiquê subiu ao alto de uma torre com o objetivo de se lançar ao chão, encurtando sua viagem aos domínios do senhor dos mortos. Porém, uma voz saída da torre penetrou seus ouvidos. A voz a questionava o que estava fazendo, e lhe instruiu maneiras de chegar ao submundo ainda com vida (Bulfinch, 2013).

A voz lhe instruiu a caminhar até uma cidade não muito longe dali, onde existia uma gruta que era também a entrada do Hades. A avisou para levar dois pedaços de bolo adoçado com hidromel em suas mãos e dois dracmas na boca. Ela deveria caminhar até a beira do rio Estige, onde encontraria o barqueiro Caronte, que a levaria ao reino do deus ao preço de um dracma. Mas era crucial que ele pegasse a moeda, e não que ela fosse entregue. Já o bolo, deveria ser lançado a Cérbero no momento de chegada e no momento de saída. Já quanto Perséfone, Psiquê não deveria aceitar comer ou beber nada do que lhe fosse oferecido. A voz ainda reforçou para que ela não olhasse o interior da caixa, e simplesmente entregasse à Afrodite (Neumann, 2017).

Ao chegar em segurança e cumprir tudo que lhe foi orientado, Psiquê retorna ao mundo dos vivos com a beleza imortal dentro da caixa. Entretanto, curiosa e desejante do conteúdo, opta por abrir a caixa e se servir de um pouco de beleza, para que Eros se admirasse ainda mais por ela. Entretanto, após abrir a caixa, não se deparou com beleza alguma, e sim com um poderoso sono, que a acometeu e retirou-lhe seus sentidos, paralisando-a na estrada. Eros, que já se recuperara da queimadura da lamparina e já não mais aguentando a saudade de Psiquê, encontra-a desacordada e retira o sono de seu corpo, colocando-o de volta na caixa. Ele pediu para que ela levasse a caixa até sua mãe, finalizando a tarefa, ao passo que ele iria ter com Zeus,

que logo apoiou a causa dos amantes e permitiu que houvesse um matrimônio divino e dá à Psiquê a possibilidade de se tornar imortal junto ao seu marido.

2.2.7 O mito de Prometeu

O mito que se apresenta tem seu início em uma explicação diferente das demais apresentadas nesta seção, pois parte do pressuposto que, antes de existir ordem, o universo era apenas Caos – as substâncias não se diferenciavam, tudo que hoje é delimitado, naquele momento era uma única e confusa massa. Os deuses e a natureza, percebendo essa situação, colocaram um basta e organizaram tudo que se apresenta, formulando um cosmos harmônico. Com isso, a Terra começou a ser comandada por animais de quatro patas. Porém, era desejoso que houvesse um animal mais nobre dentre todos – e assim o Homem fora criado (Bulfinch, 2013).

Prometeu, um deus-titã, moldou o homem a sua imagem e semelhança, bípede e com a possibilidade de voltar sua cabeça para o céu, enquanto os outros animais voltam sua cabeça para a terra. Ele e seu irmão, Epimeteu, foram os dois responsáveis pelo desenvolvimento de todos os animais, incluindo o homem, e deveriam dotá-los de tudo aquilo que era crucial para a preservação de cada espécie. Entretanto, Epimeteu distribuiu todos os dons disponíveis para todos os animais, como a capacidade de voar, a força, a velocidade, carapaças, garras, entre outros, e não sobrou nada para o Homem que o fizesse melhor que os outros. Procurou Prometeu para lhe pedir ajudar e este, com sua tocha, pegou o fogo do sol e levou-o para o Homem, tornando-o melhor que todos os outros animais, pois agora era dotado de conhecimento (Bulfinch, 2013; Azambuja, 2013).

A mulher, que ainda não havia sido criada, apareceu como um castigo aos dois irmãos, por terem roubado o fogo de Zeus. Os deuses, portanto, uniram-se a fim de criar a mulher e dotá-la de características divinas, como a beleza, a persuasão, a inteligência, entre outros. Seu nome era Pandora. Zeus levou-a para Epimeteu como um presente, e este o aceitou de bom grado, muito embora seu irmão já o tivesse orientado sobre tomar cuidado com os presentes vindos de Zeus. Em sua residência, Epimeteu guardava em uma pequena caixa alguns atributos negativos, os quais não tinha utilizado na formulação do ser humano. Porém, Pandora, em sua enorme curiosidade, abriu a caixinha e liberou toda nocividade contida nela. O último atributo que saiu fora a esperança, que até o presente momento não se fazia necessária, já que malezas não acometiam a humanidade (Bulfinch, 2013).

Pragas subjetivas chegaram ao homem, tal qual pragas fisiológicas também, então a humanidade começou a sentir inveja, cobiça, desrespeito, ao mesmo tempo em que também

foram desenvolvidas as doenças, como reumatismo e gota. A partir disto houve um gradual declínio da raça humana: antes da abertura da caixinha, o homem vivia na Idade de Ouro, a qual era caracterizada pela felicidade e Astreia, a deusa da inocência e pureza, estava presente nas vivências humanas. Não era necessário saber arar a terra ou cultivar frutos, pois a própria terra fornecia tudo aquilo que o homem precisava para se manter. Segundo Bulfinch (2013), imperava uma eterna primavera.

Após a abertura da caixa, chega a Idade de Prata da humanidade, marcada por sua inferioridade em relação à idade anterior. Zeus diminuiu a primavera, dividindo as quatro estações e fazendo com que o homem precisasse enfrentar altas e baixas temperaturas, de maneira que precisariam de uma casa para se recolherem. Já na Idade de Bronze, tornou-se necessária a confecção e utilização de armas. Com isso, a Idade de Ferro ascendeu, uma época em que crimes começam a ganhar mais destaque, crimes como a fraude e a violência. A terra, anteriormente aproveitada em coletividades, começou a ser segregada. Porém, toda a desgraça poderia ser reduzida a partir do trabalho honesto (Bulfinch, 2013; Azambuja, 2013).

Zeus, enfurecido, decidiu inundar o planeta para que as espécies se extinguissem e pudesse iniciar uma raça nova. Inundou cada pequeno pedaço de terra e aqueles que não pereceram nas águas, morreram por falta de alimento e recurso, pouco tempo depois. Apenas um casal, que vivia na montanha, sobreviveu. Deucalião e Pirra, um casal da raça de Prometeu, refugiaram-se e conseguiram sobreviver, sendo os únicos seres humanos na Terra. Perceberam a importância de buscar o Oráculo para perguntar o que fazer, e a resposta foi: “Deixai o templo com a vossa cabeça coberta por um véu e com as vestes abertas, e lançai para trás de vós os ossos de vossa mãe” (Bulfinch, 2013, p. 46). Após reflexões, perceberam que a mãe era o planeta e os ossos eram suas pedras. Lançaram-nas para trás e, após tocarem novamente o chão, tornavam-se novos seres humanos – mais robustos e mais adaptados ao trabalho, tal qual o homem atual.

Portanto, Prometeu ao roubar o fogo de Zeus demonstrou-se amigo do Homem, pois o dotou de conhecimento e capacidade de reflexão, promovendo certa emancipação da humanidade. Porém, Zeus tomou essa atitude como uma ofensa, castigando Prometeu até o fim dos tempos: acorrentou-o a uma pedra, onde um abutre come seu fígado, o qual se regenera e é comido novamente. De certa forma, a humanidade como um todo também sofre o castigo de Prometeu, já que é sua criação.

2.2.8 O mito de Sísifo

Encerrando o ciclo hipotetizado no título deste trabalho está o nome Sísifo, o qual traz consigo o peso de uma pedra. Essa tragédia grega aborda o rei Sísifo, da cidade de Corinto. Sísifo era ardiloso e igualmente esperto. Após experienciar o rapto da jovem Egina – filha do deus fluvial Asopo –, o qual se deu pela águia de Zeus, logo concluiu que poderia tirar alguma vantagem disso. Portanto, desejando uma nascente de água potável para seu reino, Sísifo busca Asopo e, ao dizer que sabe o paradeiro de sua filha, afirma que só o relevará caso este providencie a nascente (Kast, 2017).

A nascente fora criada, a informação fora confidenciada ao pai de Egina e, como consequência, Zeus se revoltou contra Sísifo, pedindo a Thanatos, o deus da morte, que o matasse. O encontro entre ambos se deu, entretanto, Sísifo rapidamente teve uma ideia para sair dessa situação, pois sabia que morreria caso não agisse contra Thanatos. Disse-lhe elogios e cortejos, elogiou a morte o quanto pode, bajulando-o e ressaltando todo seu esplendor. Ofereceu-lhe também adornos, para que pudesse se portar de forma ainda mais deslumbrante. Thanatos, encantado com tantos elogios e sentindo-se lisonjeado, aceita os presentes e permite com que Sísifo coloque pulseiras de prata e um colar em seu pescoço. Entretanto, o deus da Morte não percebeu se tratar de uma coleira e correntes, as quais serviram para prendê-lo. Sísifo, portanto, engana a morte pela primeira vez (Kast, 2017).

Por estar preso, Thanatos não podia ceifar a vida de mais ninguém, o que causou um enorme desequilíbrio no submundo de Hades. Além disso, o deus Áres também estava desgostoso, pois ninguém morria nas guerras em que este promovia. Absolutamente cheio de revolta, Áres encontra Thanatos em Corinto e arrebenta suas correntes, libertando-o, finalmente. Thanatos, portanto, parte em busca de Sísifo para concluir sua missão. Entretanto, este, já sabendo o futuro que o aguardava, solicitou a sua esposa que, quando morresse, não concluísse os ritos fúnebres que deveriam ser feitos ao rei após sua morte (Kast, 2017).

Após a esposa concordar em não realizar os ritos, Sísifo se entrega a Thanatos e segue rumo a barca de Caronte – barqueiro do rio Estige, o qual leva ao submundo. Quando chega e se encontra com Hades, este se mostra extremamente desgostoso com o recém-chegado. Entretanto, a audácia de Sísifo já o havia preparado para este momento, de maneira que começa a proferir um discurso para o deus do submundo. Afirma sua ciência sobre os atos que cometeu, embora não soubesse que causaria tamanho prejuízo ao digníssimo Hades. Explica que sua esposa não havia realizado os ritos fúnebres que deveriam ser feitos para o rei, e suplica para que Hades o deixe retornar por um dia para que possa se vingar da atitude desonrada que esta cometeu para com o rei Sísifo (Kast, 2017).

Hades, concordando em se tratar de uma situação ultrajante, permite o retorno por um dia para que ele pudesse lidar com a situação da forma como julgava adequada, mas afirmou que ele deveria retornar ao mundo dos mortos assim que concretizasse sua vingança. Sísifo volta para Corinto, encontra-se com sua esposa e ambos fogem para longe da vista dos deuses, enganando a morte pela segunda vez (Kast, 2017).

Desfruta de uma vida longa e próspera até o seu destino final: a morte, pela terceira vez. É levado, novamente, por Thanatos até o submundo e Hades o envia para o Tártaro – local onde ficavam os homens que cometiam delitos graves contra os deuses. Lá, recebeu a tarefa de rolar uma pedra do pé de uma montanha até o seu cume. Entretanto, sempre que se aproximava de completar a tarefa, a pedra rolava e ele era obrigado a reiniciar sua jornada. Sísifo deve rolar a pedra por toda a eternidade, para que assim não possa mais enganar a morte (Kast, 2017).

Após a exposição dos mitos presentes na análise de dados do presente trabalho, partiremos para uma compreensão da teoria psicossocial do desenvolvimento, proposto por Erik Erikson, uma vez que a estrutura apresentada pelo autor promove uma boa organização do desenvolvimento humano.

2.3 UMA BREVE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA E SUA RELAÇÃO COM MITOLOGIA

A Psicologia Analítica, desenvolvida inicialmente por Carl Gustav Jung, diferiu-se das propostas psicanalíticas da sua época por abarcar, principalmente, o pressuposto do Inconsciente Coletivo. É importante que se faça compreender o conceito de símbolos antes de prosseguir com a ideia mais abrangente do Inconsciente Coletivo. Segundo Jung (1964/2016), os símbolos são imagens carregadas de energia psíquica. Energia essa que é capaz de percorrer gerações, posto que se alojam no inconsciente e, quando fortes o suficiente, transpassam de pessoa para pessoa. Um bom exemplo disso são as imagens religiosas e o quanto elas são coletivamente reconhecidas – mesmo que não seja a crença de todos.

Ainda segundo Jung (1964/2016), esse fenômeno acontece por conta de um conceito denominado numinosidade. Uma imagem é numinosa quando é repleta de energia psíquica (ou, em termos psicanalíticos, libido). Portanto, tais imagens numinosas se tornam símbolos à medida que passam a representar uma ideia inconsciente e que, portanto, não remete a uma ideia imediata à mente consciente – principalmente na atualidade. Os símbolos, desta maneira, não se relacionam diretamente com ideias racionais, e sim com um conteúdo divino (vale ressaltar que “divino” dentro da perspectiva Analítica remete à transcendência).

Outro conceito relevante que abarca a temática do Inconsciente Coletivo é o Arquétipo. Os Arquétipos dizem respeito aos padrões inconscientes que se alocam no inconsciente coletivo por conta de seu caráter universal. Desta forma, um símbolo que atravessa gerações, por conta de sua numinosidade, tornar-se um padrão universal e, portanto, um arquétipo. Este conceito, apesar de ter sido resgatado por Jung, não fora desenvolvido por ele. Desde a Grécia Antiga esse conceito já existia. Evidentemente fora abandonado durante o período de maior ascensão do materialismo e empirismo, mas foi retomado quando os estudos da psique ganharam foco entre médicos psiquiatras da época (Jung, 1953/2014).

Desta forma, pode-se dizer que os arquétipos são, em resumo, representações coletivas, o que Jung (1953/2014) também chama de pensamentos elementais, ou primordiais. É importante salientar que os conteúdos do Inconsciente Coletivo não são adquiridos a partir de experiências pessoais e conscientes, já que o conteúdo é hereditário. Mas, por outro lado, é possível acessar tais conteúdos conscientemente, uma vez que já estão instalados no inconsciente de cada sujeito. Um exemplo de conteúdo arquetípico e mote deste trabalho é a mitologia. Os mitos estão presentes no inconsciente coletivo desde o início da civilização, quando eram utilizados para explicar eventos naturais, estações, fenômenos astronômicos, entre outros.

Os arquétipos, os quais remontam ao sentido platônico de “ideia”, está intrinsecamente presente dentro do indivíduo através das gerações da humanidade, que existem desde o início da civilização. Isso significa que, com o passar dos anos, inúmeros conteúdos importantes e naturais, perdidos ao correr do tempo, fazem-se presentes no Inconsciente Coletivo, haja vista que, embora nunca tenham estado no nível consciente, ainda sim demarcam um conteúdo importante para o desenvolvimento da coletividade humana (Jung, 1953/2014).

Sendo o mito – e os contos de fadas – uma expressão arquetípica, é evidente que tais conteúdos, historicamente construídos, estão presentes até os dias atuais nas estruturas inconscientes de todos os indivíduos, segundo a Psicologia Analítica proposta por Jung (1953/2014). Os mitos são, portanto, uma forma de expressão anímica, o que significa que o seu conteúdo revela aspectos da alma do indivíduo – alma aqui diz respeito ao sentido de psique. As expressões mitológicas para eventos naturais são, portanto, uma representação simbólica dos fenômenos, não se tratando de invenções lúdicas e histórias infantis. A narrativa mitológica é, portanto, importante para compreender não apenas a estrutura psíquica, mas de que maneira essa estrutura se comunica com a natureza e seus múltiplos fenômenos.

Outro autor que se dedicou aos estudos da similaridade estrutural da mitologia, bem como sua relevância para a atualidade, fora Campbell (1989/2007). O autor revela, em sua obra

“O herói de mil faces”, a riqueza do mito no que tange as atuais áreas e ciências do cotidiano humano, como as artes, religiões, estrutura social e descobertas pioneiras na ciência, posto que as primeiras hipóteses de explicações acerca de fenômenos partiram de mitos e crenças míticas.

Jung (1964/2016) e Campbell (1989/2007) concordam em diversos pontos em seus respectivos estudos, e um ponto que chama a atenção – ainda sobre o inconsciente coletivo –, é a ideia de que os seres humanos possuem uma parcela da magia mítica intrínseco a si, e a prova seriam os conteúdos oníricos. É abordado no estudo tanto do primeiro quanto do segundo a aparição de conteúdos que remetem a rituais míticos em sonhos, mesmo que o sujeito sonhador nunca tenha entrado em contato com a cultura da qual provém o rito.

Segundo Campbell (1989/2007), a mitologia tem papel importante na formulação social atual, haja vista participação na base do desenvolvimento social na época antiga, isto porque a função principal da narrativa mitológica é elevar e ascender o espírito humano, de maneira que haja um desenvolvimento divino daqueles que vivenciam a experiência numinosa proporcionada pelo mito.

O autor, portanto, assim como Jung e Eliade, concorda que os mitos não são uma história inventada a fim de fornecer uma explicação qualquer sobre um determinado fenômeno, e sim são narrativas simbólicas que transcendem o campo do consciente humano, abarcando conteúdos do inconsciente e colocando à prova a capacidade do ser humano de lidar e compreender a divindade, compreender a transcendência, respeitando a curiosidade humana em buscar compreender os mistérios da existência e da criação (Rodrigues; Groppo, 2012).

O mito se trata, portanto, para Campbell (1989/2007), de uma forma filosófica, reflexiva e transcendente de interpretar os fenômenos da vida. Portanto, é preciso exercitar a arte da contemplação e da meditação para que se possa compreender as figuras míticas, uma vez que é apenas por meio da introspecção que o sentido simbólico das figuras se revela. O exercício de contemplação de imagens não é recente e se encontra em povos primitivos desde o início, demonstrando uma possível proximidade do homem com aquilo que transcende – com aquilo que é espiritual.

Além disso, essa observação e compreensão de imagens mitológicas também promove a compreensão acerca da dicotomia existente tanto no mito quanto nas estruturas sociais, assunto este já abordado anteriormente, ao citar o *coincidentia oppositorum* abordado por Eliade (1963). A relação dos opostos se dá pela sua similaridade, e essa dicotomia é o que proporciona o equilíbrio entre duas partes encontradas em diversas narrativas mitológicas, por meio de símbolos.

2.4 A TEORIA PSICOSSOCIAL DO DESENVOLVIMENTO

A teoria proposta e desenvolvida por Erikson tem base nas concepções psicanalíticas acerca do comportamento humano, sobretudo na ideia de que o ser humano se comporta a partir de processos inconscientes e conscientes. Portanto, estruturas psíquicas estão presentes na formulação da personalidade, de maneira que se subdividem em três partes: id, ego e superego – o primeiro sendo o centro da libido; o segundo um elemento presente no consciente, responsável por executar aspectos da personalidade; e o terceiro o detentor das imposições sociais e da moralidade (Leite; Silva, 2019).

Erikson (1987) postula que sua perspectiva sobre o desenvolvimento humano tem o objetivo de abarcar os conflitos e crises, tanto internas quanto externas do sujeito. A partir da resolução satisfatória de tais conflitos, a pessoa estaria cada vez mais próxima de integrar sua personalidade no sentido de sentir-se autêntica frente a seus próprios padrões e padrões de pessoas participantes do seu processo de crescimento e amadurecimento. Para tanto, o adulto saudável florescerá de uma criança saudável.

Desta forma, a mudança de paradigma existente nesta teoria diz respeito a uma nova visão de desenvolvimento: não apenas um desenvolvimento fisiológico que acompanha o sujeito desde sua concepção, e sim também um desenvolvimento social, o qual demanda a participação essencial da sociedade e do meio em que tal sujeito está inserido. Assim se justifica a questão dos conflitos internos concomitantemente com os externos (Erikson, 1987).

O desenvolvimento do indivíduo, portanto, ocorre a partir da interrelação entre três dimensões: a biológica, a qual serve de suporte para todas as outras; a social, a qual diz respeito as relações culturais, iniciando na satisfação de necessidades iniciais dos bebês; e a dimensão individual, a qual vincula e articula as dimensões anteriores, permitindo que o indivíduo viva sua individualidade. Dentro da perspectiva de Erikson (1987), a dimensão individual se evidencia por se relacionar ao conceito de Ego. Além disso, para o autor, o desenvolvimento social ocorre a partir de diferentes etapas, estágios, os quais são caracterizados conforme o conflito que a pessoa experienciará dentro de cada fase.

Partindo do pressuposto de que o ego se desenvolve no liame entre o interno e o externo, entre o subjetivo e o cultural, ele se posiciona no centro da teoria psicossocial. Desta maneira, o ser humano, à medida que se desenvolve, deve equilibrar as exigências internas do ego e as externas – ou seja, sociais (Erikson, 1987). Logo, em cada fase o ego experiencia uma crise e, caso a resolução seja positiva, o ego se fortalece e se prepara para a próxima crise. Caso seja negativa, o ego se torna pouco adaptado para a situação de crise seguinte. Para tanto, o autor

psique e capacidade de adaptação do indivíduo. Portanto, partindo do pressuposto de que o desenvolvimento continua após a infância e se dá num *continuum* até a morte, as fases do desenvolvimento psicossocial continuam e se estendem até a terceira idade.

Importante salientar que, atualmente, existe a discussão pertinente sobre a relevância – ou não – de separar as fases do desenvolvimento por faixa etária. Nesta seção do referencial teórico será abordado especificando as faixas etárias, uma vez que o autor desenvolveu a teoria desta forma. Entretanto, mais adiante será abordada uma discussão sobre a possibilidade de se pensar um desenvolvimento humano sem a delimitação de faixas etárias.

Partindo do pressuposto de Erikson, tem-se a primeira etapa, ou primeira idade, que ocorre entre zero e um ano e meio de vida. Aqui, o conflito que permeia se dá a partir da confiança básica *versus* desconfiança básica. Este conflito vai remeter, diretamente, a relação do bebê com a figura materna. Isto posto, é preciso esclarecer que, dentro da perspectiva psicanalista, o bebê projeta na figura materna a totalidade do mundo externo e, portanto, sua vinculação inicial com esta figura influenciará a relação posterior com seu contexto social e cultural (Carpigiani, 2010; Leite; Silva, 2019).

Os bebês recém-nascidos buscam, *a priori*, a satisfação de seus desejos imediatos, tais como a fome, o sono e demandas de cuidado (colo, atenção, carinho). Assim, a primeira etapa do desenvolvimento é permeada pela relevância de uma figura de cuidado que promoverá o bem estar e a satisfação de seus instintos voltados para a sobrevivência (Erikson, 1987). A figura materna deve buscar satisfazer os desejos do bebê enquanto demonstra que este não está sozinho ou abandonado com o objetivo de promover a confiança básica, uma vez que esta confiança primeiramente estabelecida na figura da mãe, posteriormente será empregada no meio social. Além disso, a curiosidade e disposição para se submeter a novas situações, proporcionará para a criança também a confiança em si mesma.

Porém, não se deve desconsiderar a desconfiança básica, visto que a solução para o conflito desta etapa se encontra no equilíbrio entre ambos. A desconfiança também é de extrema importância para o desenvolvimento, pois leva a consciência de situações de perigo em potencial (Leite; Silva, 2019).

Passando para a segunda etapa do desenvolvimento, a qual ocorre, teoricamente, entre um ano e meio e os três anos de idade, o conflito-chave será entre a autonomia e a vergonha/dúvida. Segundo Carpigiani (2010), esta transição não ocorre de maneira fácil, posto que é neste momento que o bebê arrisca perder a confiança que adquiriu na primeira fase à medida que discorda e discrimina o que deseja – visto que nem sempre é aquilo que é

socialmente esperado. Por esta razão, é frequente a desaprovação social frente aquilo que o bebê deseja para si, e cada cultura reagirá de uma forma diferente sobre este fato.

A vergonha será sentida pelo bebê a partir do momento em que seu comportamento não alcança seus objetivos e, concomitantemente a isso, sente-se observado por outrem. A vergonha é sentida de maneira profunda pelo sujeito, com pensamentos tais quais “gostaria de me esconder”, “gostaria de sair deste lugar!”. O desejo sobre a própria invisibilidade, ou sumiço, é produto do olhar julgador que o sujeito vivencia – seja no campo objetivo ou no campo da fantasia. A maneira como a criança manejará sua vergonha, portanto, repercutirá em seu desenvolvimento, de forma que indicará sobre sua maneira de experienciar a vida: expressando-se ou se suprimindo (Erikson, 1971).

Nesta fase também ocorre, no bebê, o desenvolvimento motor. Portanto, alguns comportamentos da praxia, tanto fina quanto grossa, começam a emergir no comportamento. Com isso, este começa a adquirir o comportamento global de agarrar e soltar, por exemplo, crucial para sua aprendizagem de controle da musculatura. Desta maneira, a criança parte em busca de sua autonomia. Porém, quando surgem dúvidas referentes a sua própria capacidade, o bebê vivencia o sentimento de vergonha e, muitas vezes, encontra-se em dúvida sobre o que está e o que não está sob seu controle. A segurança básica vivenciada na fase anterior se fortalece à medida que a autonomia do bebê aumenta, acarretando na sua força básica de vontade (Erikson, 1971).

Já na terceira etapa, a qual ocorre entre os três e os seis anos de idade, é crucial considerar a entrada da criança no cotidiano escolar, onde aprenderá novas habilidades, tanto nas disciplinas curriculares quanto no convívio social. Além disso, a forma como será vivido o conflito presente nesta etapa possivelmente dará indícios do desenvolvimento da maturação sexual, de forma que o conflito iniciativa *versus* culpa, presente nesta etapa, influenciará aspectos de extrema importância para a constituição do sujeito posteriormente. A iniciativa, juntamente com as habilidades previamente desenvolvidas de confiança e autonomia, possivelmente auxiliará a criança a saber aquilo que pode fazer e o que será capaz de fazer (Erikson, 1971).

Por estes aspectos, a criança neste momento se mostra, frequentemente, curiosa e falante, pois tem uma tendência a buscar compreender sua atuação na realidade que a cerca. Entretanto, quando seus planos sofrem alguma falha, é bastante provável que vivenciará a culpa. Neste momento, é de extrema importância que os pais estejam presentes para expor o que a criança pode fazer e o que ainda não pode, sempre incentivando que treine essas atividades (Leite; Silva, 2019).

No estágio seguinte, dos sete aos doze anos de idade, a criança vivencia o conflito da produtividade *versus* inferioridade. Concomitantemente com as outras características desenvolvidas nas etapas anteriores, aqui a criança tende a começar a sentir que pode realizar diversos feitos de maneira satisfatória, acarretando sentimento de domínio sobre aquilo que é feito. Neste momento, há uma alavancada de sua vida produtiva (Carpigiani, 2010).

Por outro lado, caso sinta que não consegue realizar nenhuma das atividades que planeja – provavelmente por algum déficit na estruturação das etapas anteriores – a criança pode pender para o lado da inferioridade, o que pode levar a um retorno ao apego com a figura materna. Esta movimentação pode caracterizar certa regressão ou estagnação no processo de desenvolvimento. Por este motivo a aprendizagem aqui se torna crucial, a criança deve buscar identificar quais atividades é melhor sucedida para que possa integrar seus conhecimentos, tanto técnicos quanto culturais, adquiridos por meio das experiências coletivas. Aqui, a criança começa a esboçar seu primeiro interesse no trabalho, nas atividades em que possui habilidade para realizar e, portanto, sente-se competente (Erikson, 1971).

A quinta etapa é marcada pela adolescência e puberdade, posto que ocorre dos doze aos dezoito anos, o que significa ser a etapa cujo conflito é o mais intenso. Este fato se dá, pois, além do conflito que permeia a fase – identidade *versus* confusão – há também uma sumarização de todos os conflitos anteriores. O equilíbrio alcançado nos conflitos anteriores possibilitará o fortalecimento da identidade, crucial para a passagem saudável da adolescência para a vida adulta. Portanto, a relação cordial com seu meio social levará a uma maior adaptação do ego e, conseqüentemente, levará a uma vivência frutífera tanto na adolescência quanto nas fases seguintes. É também o momento de confusão, o qual o sujeito se apresenta confuso tanto para si quanto para o outro (Erikson, 1998).

Segundo os autores Leite e Silva (2019), a etapa é marcada por drásticas mudanças psicológicas e biológicas, de maneira que o adolescente deve ter adquirido a segurança para vivenciá-la com maestria. A confusão, portanto, vai aparecer quando o jovem sente dificuldade em se encontrar no meio social, e por este motivo é comum – e esperado – que adolescentes se vinculem a algum grupo (ou tribo) que lhes gerem identificação. A identidade se torna mais sólida a partir do momento em que o sujeito se sente congruente em relação a si mesmo, levando a uma maior segurança de suas atitudes.

O sexto estágio é marcado pelo conflito intimidade *versus* isolamento, e ocorre dos dezoito aos trinta anos de idade. Sendo caracterizada pela fase do amor, é o momento em que o indivíduo, já ciente de sua própria identidade, busca vincula-se a identidade de outras pessoas, de maneira a elaborar elos afetivos sólidos e duradouros. O ego do sujeito, portanto, une-se ao

ego de outra pessoa e não se sente ameaçado por isto, caso seu processo de identificação tenha sido bem-sucedido. Nesta etapa fala-se em ser fiel ao outro: impor compromissos repletos de significação e, a partir da introjeção da ética adquirida culturalmente, ser deliberadamente fiel a quem se escolhe para dividir as experiências (Erikson, 1971). O isolamento ocorrerá se, porventura, o jovem adulto não aprender a lidar com o ego de terceiros, deixando-se ser afetado pela identidade de outrem e, portanto, demonstrando uma tendência maior ao isolamento.

A penúltima etapa, a qual corresponde ao estabelecimento de uma família que tem seu início na etapa anterior (compreendendo família como laços de forte ligação, e não a visão tradicional), ocorrerá entre os trinta e sessenta anos, compondo a fase de maior duração em todo o ciclo vital. O conflito vivenciado será a generatividade *versus* estagnação, na qual o sujeito desenvolverá, caso viva o conflito plenamente, a virtude do cuidado. Aqui, trata-se da capacidade de enfrentar os desafios estabelecidos pela vida, sejam eles criados pelo próprio indivíduo ou não. É o momento de cuidar e zelar pelos vínculos afetivos adquiridos ao longo das fases anteriores, visto que permutam de um vínculo afetivo sólido para a constituição familiar. Trata-se, portanto, da criação e orientação de uma nova geração. É comum que, ao envelhecer, o sujeito se sinta sem utilidade perante sua família, levando ao sentimento de estagnação (Carpigiani, 2010; Leite; Silva, 2019).

A última etapa, ocorre a partir dos sessenta anos e caracteriza-se pela vivência do conflito integralidade *versus* desesperança. Em síntese, é a etapa do desenvolvimento em que o sujeito rememorarão todas as etapas supracitadas a fim de avaliar suas experiências e a plenitude de sua vida. Pode, portanto, tornar-se o velho, aquele marcado pela fraqueza, lentidão e desorganização, ou pode se tornar o sábio, aquele que carrega consigo virtudes como sabedoria, ética, tradição e integralidade. Trata-se, portanto, da maneira como o indivíduo avalia e pondera sua caminhada pelas fases anteriores do ciclo vital (Erikson, 1971).

As etapas não se dão de forma fixa, de maneira que não existe um rito de passagem que marca a saída de um para o outro. A passagem é subjetiva, não objetiva. Além disso, apesar de levar o nome de conflito, poderia ser explicado como um espectro, pois todos os indivíduos vivenciam ambas as extremidades de cada fase antes de centrar-se no equilíbrio entre elas. Na figura 2 consta uma síntese das fases, bem como seus conflitos e sua faixa etária aproximada.

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa exploratória, posto que não há, em solo nacional, material sobre a problemática abordada. Considerando a importância em se ter participantes de cada etapa do desenvolvimento humano proposto por Erikson, o objeto do estudo foi transversal, ou seja, a amostragem contou com diferentes faixas etárias para compreensão do fenômeno. Foram investigados, por meio de análise de discurso, a fala de cada participante, compondo o caráter qualitativo e exploratório da pesquisa. Além disso, a pesquisa se dá a partir de um delineamento arquetípico, ou seja, a formulação do conteúdo ocorrerá por meio de formulação de significados e símbolos universais – foi necessário identificar as falas mais significativas dos participantes.

3.2 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa se trata de um estudo qualitativo, descrito por Minayo (2003) como um trabalho que visa responder questões particulares e subjetivas do fenômeno. É o trabalho que se aventurou pela perspectiva simbólica da questão levantada, remetendo a dimensão profunda das relações. Trata-se de uma pesquisa exploratória, uma vez que há o imperativo metodológico de aprofundamento e aproximação do fenômeno e também de uma pesquisa descritiva (Gil, 2018), posto que buscou descrever o fenômeno investigado, ou seja, descrever as experiências dos participantes, procurando identificar a relação dessas experiências subjetivas com as compreensões míticas ancestrais.

3.3 PARTICIPANTES

Para coletar os dados foram entrevistadas, no total, 16 pessoas: duas pessoas pertencentes a cada uma das oito etapas do desenvolvimento humano (conforme figura 1 – Fases do desenvolvimento psicossocial) de acordo com a teoria do desenvolvimento Psicossocial de Erikson e também um representante legal das participantes de 1 mês a 12 anos. Para amplitude de resultado e participação igualitária dos representantes das 8 etapas do desenvolvimento, a coleta de dados contou com 8 participantes homens e 8 participantes mulheres. Esta amostragem foi selecionada a partir da necessidade de se investigar conflitos internos mais marcantes de cada indivíduo vivente dentro de cada fase do desenvolvimento.

Essa divisão de faixas etárias permitiu manter a atualidade dos dados coletados. Desta forma, todos os participantes tiveram suas experiências em um período similar, garantindo maior riqueza de detalhes nas informações e um recorte mais fidedigno com a realidade atual. Ora, a pesquisa poderia ter sido realizada com apenas dois participantes pertencentes à última

etapa do desenvolvimento, considerando que eles, hipoteticamente, abordassem toda sua história de vida! Porém, um colaborador de 60 anos, por exemplo, teve sua infância e adolescência toda ocorrida no século XX, o que, em termos de desenvolvimento, seria uma distância substancial, a qual poderia tornar os dados inválidos para a sociedade atual.

Por esta razão, buscando manter a fidedignidade dos dados e o recorte atualizado das entrevistas, foram selecionados 16 participantes, dois de cada etapa do desenvolvimento e que estivessem vivendo a etapa no momento da realização das entrevistas.

Tais participantes foram acessados por meio da técnica *Snowball*, ou seja, participantes iniciais indicaram os próximos, formando uma rede de referência (Baldin; Munhoz, 2011). Esta técnica para coleta de dados permite alcance a grupos de difícil acesso, favorecendo a obtenção de dados não probabilísticos para a pesquisa. Trata-se de uma metodologia útil em pesquisas qualitativas de viés social e subjetivo, posto que permite ao pesquisador uma rede de conexões indicada a partir das sementes – pessoas primeiras selecionadas para a entrevista. Por este motivo, é crucial que o pesquisador forneça informações detalhadas a respeito da pesquisa para os entrevistados, uma vez que estes indicarão os próximos participantes e, para tal, é necessário que disponham de confiança na pesquisa que se apresenta (Vinuto, 2014). Esta técnica foi escolhida para garantir a homogeneidade dos participantes da pesquisa.

Para sumarizar, portanto, de acordo com a figura 1 (Fases do desenvolvimento psicossocial):

Os participantes do 1º, 2º, 3º e 4º grupos foram formados por duas crianças de cada etapa – um menino e uma menina – e o responsável legal pela respectiva criança, somando um total de quatro participantes nestes grupos. Já os grupos subsequentes – 5º, 6º, 7º e 8º – foram formados apenas por dois participantes (um homem e uma mulher) cada.

3.3.1 Critérios de inclusão e exclusão

Foram incluídas nesta pesquisa dois participantes, um de cada sexo, para cada grupo de faixas etárias. O principal critério de inclusão, além do aceite deliberado do colaborador, diz respeito a idade do participante: foram convidados a participar da pesquisa aqueles que se encontravam no espectro de faixas etárias propostas por Erik Erikson. Segue abaixo quadro com as idades de cada colaborador:

Quadro 1 – Idade dos participantes

Faixa Etária de acordo com Erikson	Idade do colaborador
1 – 0 a 1,5 ano	Crianças de 1 ano
2 – 1,5 a 3 anos	Crianças de 2 e 3 anos
3 – 3 a 6 anos	Crianças de 4 e 6 anos
4 – 6 a 12 anos	Crianças de 9 e 10 anos
5 – 12 a 18 anos	Adolescentes de 16 anos
6 – 18 a 30 anos	Jovens adultos de 24 e 26 anos
7 – 30 a 60 anos	Adultos de 43 e 48 anos
8 – A partir de 60 anos	Idosos com 60 anos ou mais

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Foram excluídos da coleta de dados crianças/adolescentes sem autorização dos responsáveis, como prevê o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como crianças/adolescentes que não assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), mesmo que os responsáveis tenham assinado o TCLE. Quanto aos maiores de idade, foram excluídos participantes da mesma faixa etária do mesmo sexo, bem como aqueles que não assinarem o TCLE.

3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para maior enriquecimento da coleta de dados e maior aproximação com a realidade dos participantes foi realizado um questionário demográfico (APÊNDICE A) preenchido pela própria pessoa, abordando idade, escolaridade, orientação sexual e gênero.

Fora conduzida uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE B) com cada participante a fim de aprofundar as informações fornecidas por estes. A entrevista semiestruturada é caracterizada por se arquitetar em conceitos centrais, pautados na teoria de base da pesquisa, de forma que as perguntas buscam promover a compreensão mais ampla dos fenômenos, posto que há uma troca subjetiva e, também, a possibilidade de se investigar o conteúdo por meio de novas perspectivas. O caráter maleável da entrevista semiestruturada dá ao entrevistador possibilidade de expandir suas hipóteses acerca do objeto de estudo à medida que recebe as respostas de seu entrevistado (Manzini, 2004).

Portanto, o roteiro contou com **quatro perguntas centrais**: 1) aspectos marcantes da faixa etária, 2) maneira que lidaram com os principais conflitos existentes, 3) o entendimento individual que o participante tem quanto desenvolvimento humano e 4) as principais reações

que ele vivencia diante um novo conflito e, por se tratar de uma entrevista semiestruturada pôde contar também com questionamentos subjacentes que se tornam pertinentes durante a realização da entrevista (Manzini, 2013). Foram desenvolvidas oito diferentes entrevistas, para cada faixa etária.

Considerando a importância da infância no estudo e a maior dificuldade de entrevistar crianças dos primeiros 4 grupos, a entrevista foi realizada com os responsáveis em um primeiro momento e, posteriormente, com a criança fora aplicado também o desenho livre (APÊNDICE C), posto que o método projetivo auxiliou na obtenção de dados subjetivos (Trinca, 1987).

Com o propósito de sumarizar e garantir a compreensão quanto aos instrumentos para a coleta de dados, segue quadro explicativo:

Quadro 2 – Instrumentos para coleta de dados

Fase do desenvolvimento do colaborador	Instrumento com colaborador	Instrumento com responsáveis
1	Não se aplica	Entrevista semiestruturada
2	Não se aplica	Entrevista semiestruturada
3	Não se aplica	Entrevista semiestruturada
4	Desenho Livre	Entrevista semiestruturada
5	Entrevista semiestruturada	Não se aplica
6	Entrevista semiestruturada	Não se aplica
7	Entrevista semiestruturada	Não se aplica
8	Entrevista semiestruturada	Não se aplica

Fonte: elaborado pela autora (2022)

3.5 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

O procedimento para coleta de dados fora dividido em dois momentos diferentes. Em um primeiro momento, o trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa no CAAE 63968622.3.0000.5501 e aprovado no dia 18 de outubro de 2022 sob o parecer de número 5.708.192 (ANEXO D), e também foi solicitada uma autorização para seguir com as entrevistas no Laboratório de Técnica de Exame Psicológico (TEP) do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Após aceite de ambos se iniciou o segundo momento, no qual ocorreu a coleta propriamente dita. Portanto, foi enviado o convite aos participantes-sementes – de acordo com a técnica *Snowball* – e, após aceite prévio, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido (TCLE) (ANEXO A) aos participantes entre 24 e mais de 60 anos, bem como o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (ANEXOS B e C, respectivamente) para os participantes entre 9 e 15 anos. Paralelamente também fora explicado o objetivo da pesquisa, a garantia do sigilo e também foi exposto a possibilidade de o participante recusar ou desistir de colaborar com a pesquisa.

Em razão do desenvolvimento psicomotor das crianças entre 1 e 6 anos, com esses colaboradores foi conduzida apenas as entrevistas com os responsáveis. Já com crianças de 9 anos, por sua vez, foram conduzidas as entrevistas com os responsáveis e com a criança foi utilizado o método do desenho livre.

3.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados com participantes em formato de entrevista foram analisados por meio da Análise de Discurso (AD). A análise por meio do discurso tem como premissa a investigação do sentido da fala do sujeito, de maneira que auxilia na investigação simbólica e subjetiva do referido discurso, posto que essa proposta de análise não considera a linguagem – ou o discurso – como isenta de profundidade e neutra. Segundo Caregnato e Mutti (2006) essa disciplina de investigação se alicerça em três pilares de igual importância: a linguística – que move a noção de fala para a noção de discurso –, o materialismo histórico – que faz emergir a teoria da ideologia – e a psicanálise – que traz consigo a noção de inconsciente.

A AD vem, portanto, para questionar e colocar em pauta o sentido do discurso, não o seu conteúdo em si, vinculando-o com seu momento histórico, seu contexto social e sua ideologia a partir de uma equação básica, também chamada *corpus* da AD: ideologia + história + linguagem, o que pode ser traduzido da seguinte forma: posicionamento do discurso do sujeito + contexto social e histórico + a materialidade do texto, o qual indica qual sentido o sujeito atribui ao seu discurso, respectivamente (Caregnato; Mutti, 2006). A partir desta percepção acerca do discurso, pode-se ter uma compreensão multifacetada do sentido da fala, permutando-a de uma “simples” fala para o discurso, propriamente dito. As autoras supracitadas também evidenciam a importância de se pensar a problemática a partir de duas perspectivas que se complementam: o interdiscurso e o intradiscurso. O primeiro diz respeito ao sentido social e histórico, aquele que já existia antes do sujeito que o reproduz. Já o segundo remete a uma noção de fala, a sequência e a orientação do discurso.

A Análise de Discurso deve considerar o enunciado de cada fala, de maneira a atribuir sentido no que está sendo dito por meio do contexto histórico e cultural de quem enuncia. O texto, portanto, para ser texto, precisa vincular seus sentidos internos e externos. Entretanto, o

sentido subjetivo atribuído ao discurso não é explícito e “fácil” de ser encontrado. É preciso identificar esses sentidos ao longo da narrativa, unindo o que objetivamente se diz com o que subjetivamente se produz. Demanda percepção e conhecimento histórico-social por parte de quem ouve e analisa. O texto enquanto objeto empírico dá espaço para o texto enquanto objeto teórico no momento em que uma análise precisa ser empregada para que se compreenda o sentido ocultado na fala do sujeito (Campo; Delanoy, 2019).

Já em relação aos desenhos – recurso utilizado com as crianças 9 anos –, foram analisados de acordo com a técnica do desenho livre de Trinca (1987), também a partir de seu conteúdo. A interpretação do desenho livre se relaciona com a etapa de avaliação e, portanto, é dividida em dois momentos: a análise e a interpretação, propriamente dita. Sendo o desenho um manifesto egocêntrico da criança, é necessário interpretar também sob ótica deste sujeito, uma vez que ele expressa seus conteúdos subjetivos a partir do material gráfico.

Segundo Trinca (1987), a interpretação será realizada a partir da teoria psicodinâmica escolhida pelo examinador, embora a estrutura da análise seja universal. Investiga-se a atitude básica em relação a si mesmo no desenho: a identidade da criança, autoimagem e atitude em relação ao desenvolvimento. Também a atitude em relação ao mundo externo, atentando-se a aspectos como submissão, hostilidade, oposição e insegurança a partir da localização dos itens no papel, posicionamento e intensidade dos itens desenhados. É preciso investigar a relação do desenho com figuras significativas para a criança, sobretudo figuras materna e paterna, bem como a relação entre estas e o sujeito.

Os sentimentos e tendências no desenho também podem ser observadas a partir da emoção expressa no desenho, as cores utilizadas para cada item desenhado e a intensidade da grafia empregada no desenho dos elementos. Após análise dos elementos da produção da criança, parte-se para a interpretação considerando uma seleção prévia dos elementos essenciais do desenho (a partir do simbolismo) e considerando o conjunto da obra, focalizando o contexto geral e global da comunicação expressiva, partindo de uma análise do particular para o global (Trinca, 1987).

Já o questionário demográfico foi analisado no sentido de identificar heróis gregos e mitológicos cujo perfil demográfico coincidissem com os dos colaboradores, permitindo uma aproximação entre a teoria utilizada, o mito escolhido e os participantes da pesquisa. Faz-se importante ressaltar o caráter universal da mitologia e reafirmar que a escolha pela mitologia grega se deu pela maior acessibilidade e maior conhecimento popular desta. A pesquisa poderia ter sido realizada com qualquer outra mitologia, uma vez que a estrutura arquetípica se mantém. Entretanto, é importante que se possa abrir espaço para o diálogo e a reflexão do porque é

justamente a mitologia grega – eurocêntrica – que se popularizou com mais veemência na parcela ocidental. Como já citado anteriormente, a colonização do pensamento se mostra presente neste fenômeno e nesta popularidade.

Após transcrição de todas as entrevistas realizadas – as quais foram suprimidas da versão final por conta do sigilo e para garantir a confidencialidade dos participantes –, o arquivo fora impresso e encadernado, facilitando a leitura e assimilação de ideias. Era preciso separar as narrativas em duas grandes categorias em um primeiro momento: falas voltadas para aspectos do desenvolvimento daquele colaborador e falas voltadas para a narrativa mitológica. Esta primeira era relacionada com a teoria de Erikson, enquanto a segunda era utilizada na identificação de um mito que pudesse corresponder. Para tal diferenciação, foram utilizadas duas canetas marcadoras de cores diferentes: as falas voltadas para o desenvolvimento eram sinalizadas com a cor azul no documento, enquanto as falas voltadas para a mitologia eram destacadas com a cor roxa. Esse procedimento facilitou a visualização e conferência das respostas dos participantes. As tabelas que se apresentam na análise dos resultados foram preenchidas a partir destes recortes grifados, considerando sua importância tanto da perspectiva do desenvolvimento quanto da perspectiva mitológica.

Tais tabelas foram elaboradas em categorias definidas a partir dos temas das perguntas da entrevista e preenchidas com as falas dos participantes que remetiam ao conteúdo da categoria. As categorias para análise foram: compreensão individual acerca do desenvolvimento humano; Experiências marcantes desde a idade que inicia a etapa do desenvolvimento correspondente; Desafios de maior intensidade vivenciados pelos colaboradores também desde a idade que inicia a etapa correspondente; Soluções ou tentativas para os respectivos desafios; reação frente aos desafios; e relações interpessoais (afetivas, familiares e de amizade). Fora evidenciado (em negrito) nas referidas tabelas os excertos que foram utilizados para identificar os mitos em cada etapa.

Faz-se também importante destacar como fora realizada a escolha do mito para cada etapa do desenvolvimento humano: as narrativas mitológicas foram selecionadas por meio de correspondência de palavras-chave em cada entrevista. Foram separados, em uma tabela, os principais descritores que apareciam nas entrevistas – principalmente no quesito “principais conflitos/desafios vivenciados pelo colaborador”. A partir dos descritores selecionados, buscava-se mitos com descritores similares no que diz respeito ao conflito central da trama. Portanto, os mitos relacionados na sessão que se sucede foram pensados buscando responder à pergunta central da pesquisa, bem como na intermediação entre narrativa objetiva e narrativa subjetiva – nas quais se encontram os mitos.

Desta forma, em cada etapa, com seus diferentes conflitos abordados, foram selecionados mitos os quais a narrativa se assemelhava a vivência trazida pelo colaborador. Portanto, na primeira fase do desenvolvimento fora selecionado o mito de Narciso por conta das experiências trazidas pelos responsáveis sobre a aparente satisfação do bebê ao ser visto, ser olhado – termos estes que se aproximam do mito de Narciso, visto que o olhar nesta narrativa traz uma carga simbólica extensa. Já na segunda fase, as vivências similares entre as duas crianças diziam a respeito da angústia de separação em relação aos pais, vivência essa abordada também no mito de Deméter e Perséfone, no momento em que a segunda é sequestrada e se afasta radicalmente de sua mãe.

A terceira etapa, por sua vez, tem como conflito a autonomia e os temas abordados pelos responsáveis foram as relações interpessoais de seus filhos, sobretudo as relações familiares. Tendo em vista o disparate nas relações das crianças com seus genitores, o mito escolhido para relacionar com esta fase foi Édipo Rei, visto que as relações entre pais e filhos, nas entrevistas, se estruturou de maneira edípica. Já a quarta etapa, os temas abordados pelos pais e pelas crianças nos desenhos também remetia a relações interpessoais e aspectos de solidão. As relações interpessoais podem promover a vivência da liberdade – liberdade esta vivida por Ítalo no mito de Dédalo. Por esta razão, este foi o mito selecionado.

A quinta etapa, em se tratando de adolescentes em busca de suas respectivas identidades e construção de si mesmo, o mito selecionado fora o de Hércules, por ser um mito que remete o trabalho para a construção subjetiva do sujeito, tal qual os adolescentes demonstraram-se em suas respectivas entrevistas. A sexta etapa, por sua vez, traz como conflito as vivências afetivas e a busca por um(a) parceiro(a), conflito esse também abordado pelos colaboradores. Considerando os momentos de intimidade e os momentos de isolamento, o mito escolhido fora Eros e Psiquê, haja vista que, nesta narrativa, herói e heroína buscam um ao outro no momento de intimidade, sem desconsiderar a busca subjetiva individual inerente ao isolamento também.

A sétima etapa, que traz como conflito a generatividade *versus* estagnação, o mito escolhido foi Prometeus, posto que ambos os colaboradores expressaram a importância do trabalho em suas vidas – temática essa trazida por Prometeus como experiência que dignifica o homem. Portanto, o trabalho aparece como fenômeno importante para a construção do sujeito enquanto ser humano. Por último, a oitava etapa aborda a questão da contemplação das etapas anteriores no momento em que se atinge a suposta velhice. “Suposta” no sentido que os colaboradores desta etapa do desenvolvimento não se identificam com esta nomenclatura, posto que ainda seguem ativos em suas atividades. Por esta razão o mito relacionado fora Sísifo e sua pedra, o eterno labor e o peso das repetições.

Vale ressaltar que o rol de mitos que formula a mitologia grega é extenso e, portanto, haveria a possibilidade de corresponder cada etapa com outros mitos, a partir de uma outra perspectiva de análise. Entretanto, como o objetivo do trabalho diz respeito a investigação de possibilidades para cada etapa, fora selecionado apenas um mito para cada etapa.

3.7 RISCOS E BENEFÍCIOS

Em se tratando de uma pesquisa com participantes humanos, há benefícios e riscos decorrentes da participação na pesquisa. Os benefícios consistem em contribuir para o desenvolvimento de uma nova perspectiva acerca do desenvolvimento humano, auxiliando na formulação de novas concepções acerca das múltiplas facetas que permeiam esta temática.

Já os riscos se centram em entrar em contato com conteúdos sensíveis e com carga afetiva, por se tratar de questões pessoais conflituosas. Entretanto, para evitar que ocorram danos, os colaboradores que sentirem necessidade poderão ser encaminhados para o Centro de Psicologia Aplicada da Universidade de Taubaté, ou para a Clínica Psicológica da Faculdade Anhanguera – Unidade de Jacareí, onde receberão o auxílio psicológico necessário. Caso haja algum dano ao participante será garantido a ele(a) procedimentos que visem à reparação e o direito a buscar indenização.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da realização das entrevistas e da coleta de dados, buscou-se vincular os conteúdos conflituosos dos participantes com seu correspondente na mitologia grega. Desta maneira, foi conhecimento profundo acerca do enredo das narrativas míticas utilizadas, bem como a dimensão simbólica deste.

Objetivou-se, com a pesquisa, identificar quais mitos possivelmente vive o ser humano à medida que se desenvolve, tomando como base as experiências conflituosas de cada fase do desenvolvimento, de acordo com a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson. Para tal, foi imperativo conhecimento de cada conflito, bem como suas principais semelhanças com a narrativa simbólica dos mitos utilizados na pesquisa. Faz-se importante ressaltar que, haja vista a enorme gama de mitos disponíveis na mitologia grega, mais de um mito caberia nas análises que se apresentam. Porém, a fim de responder ao problema de pesquisa, apenas um mito foi selecionado para cada etapa do desenvolvimento.

4.1 PRIMEIRA FASE DO DESENVOLVIMENTO – CONFIANÇA X DESCONFIANÇA (ATÉ 1 ANO DE IDADE)

Considerando a idade dos participantes, as entrevistas foram conduzidas com os responsáveis das crianças e, portanto, a visão do desenvolvimento abordado nesta etapa do desenvolvimento que se apresenta nesta seção são as visões dos responsáveis. Foram entrevistados a mãe de um menino e os pais de uma menina, ambos na faixa etária de 1 ano. É importante retomar, brevemente, que a primeira etapa do desenvolvimento diz respeito a aquisição de confiança, sendo o conflito denominado “confiança básica *versus* desconfiança básica”.

É importante ressaltar que a desconfiança não é propriamente algo negativo quando harmonizado com a confiança, posto que isso vai começar a agir no discernimento da criança. Portanto, o bebê começa a identificar se o mundo é um lugar seguro ou não. Além disso, neste momento também é marcante a importância da figura materna, visto que o bebê identifica nesta figura a satisfação de seus desejos e necessidades. O sentimento de ser cuidado é o que vai levar o bebê a sentir a confiança básica. Já os anseios e angústias não respondidos, levam ao sentimento de desconfiança.

O quadro 3 demonstra de maneira sistemática a crise trazida por Erikson e os dados trazidos nas entrevistas.

Quadro 3 – Expectativa *versus* realidade: primeira etapa do desenvolvimento

Gênero	Conflito esperado	Conflito abordado	Principais descritores
Feminino (S.)	Confiança x desconfiança	Dependência x independência	Dependência; baixa tolerância à frustração; busca pela autonomia.
Masculino (D.)	Confiança x desconfiança	Dependência x independência	Dependência; baixa tolerância à frustração; irritabilidade.

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

De maneira subjetiva, os conflitos abordados pelos pais nas entrevistas se vinculam com confiança e desconfiança, uma vez que a dependência, por exemplo, diz respeito à confiança que as crianças sentem em seus pais. E, por outro lado, a baixa tolerância a frustração e irritabilidade se vincula à desconfiança em relação ao ambiente – ambiente enquanto contexto social e os pais.

Já a busca pela autonomia destacada pela colaboradora demonstra um possível momento de transição entre fases, visto que a autonomia *versus* vergonha é o conflito que marca a fase seguinte, dos dois aos três anos de idade.

4.1.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase

As categorias para análise de discurso do material coletado ao longo das entrevistas foram determinadas a partir das próprias palavras-chave utilizada nas perguntas desta. As categorias, portanto, que foram definidas, apresentam-se no quadro 4.

Quadro 4 – Categorias: primeira etapa do desenvolvimento

Categorias	D. 1 ano (masculino)	S. 1 ano (feminino)
Experiências marcantes	“O andar, as primeiras palavras... Ele é muito inteligente, pega as coisas muito rápido. Ele lembra muito das coisas, consegue associar bem rápido. [...] É bem espertinho. [...] Não fico	“[...] A rotina dos primeiros três meses, que foi um negócio absurdo de dependência, necessidade. [...] Ela desde pequena tinha uma necessidade de sentir que a gente estava perto dela

	<p>receosa não. Deixo ele no chão, deixo ele experimentar, eu pego ele e largo ele para se virar um pouco, porque senão eu acho que ele vai ser um ser humano muito dependente. Às vezes me pergunto se sou menos mãe por isso. [...] Mas eu acho que não, porque isso tem ajudado no desenvolvimento dele.”</p>	<p>o tempo inteiro. [...] Ela tinha que estar no colo o tempo inteiro. [...] Extremamente curiosa. A gente comprou [o canguru] para carregar, mas ela não queria. [...] A curiosidade dela era tão grande que ela estava sempre virada de frente olhando o que estava acontecendo. [...] Ela prefere observar. [...] A V. [mãe] foi passear com ela de avião, [...] aí ela vê o avião no livrinho e fala ‘mamãe’, ela associou. [...] Também teve a transição dela pro berçário, [...] porque ela dificilmente aceitava colo de outras pessoas. [...] Mas a transição para a escola foi <i>ok</i>. [...] Ela sempre gostou, só teve aquela fase do ano passado para esse. [...] Achamos que ia ser tranquilo, mas ela sentiu bem... ela ficou bem estressada na mudança. [...] Ela ficou doente no final do ano letivo e ficou aqui com a gente durante 1 mês, praticamente. [...] Aí, quando fomos levar ela para a escolinha ela não queria mais</p>
--	--	--

		<p>ir... ficou apegada. [...] Ela gosta de criança, e gente. Quando tem movimento de pessoas ela gosta de estar perto, nem que seja só para ficar observando. [...] Ela não gosta de estar no colo de pessoas estranhas, mas gostava de ver gente nova. [...] É engraçado ver o quanto eles observam e reproduzem aquilo que estão observando. [...] Começa a ficar mais complexo, porque se ela fala e a gente não entende, ela fica muito irritada. Ela está saindo daquele intuitivo de bebê, então ela sabe o que quer.”</p>
<p>Relação da criança com os responsáveis</p>	<p>“É muito tranquila. [...] É muito importante o filho ver o afeto entre os pais. Mas ele não pode ser o A. [pai] perto de mim, abraçado, assim, ele fica meio... mas ele sorri, porque vê que é um gesto de carinho. Ele me defende bastante. [...] Quando ele apronta... tira as coisas do lugar, eu dou uns ‘pega’ nele. Até esses dias eu falei ‘Poxa vida, D.!', e dei um tapa na minha perna. E ele fez</p>	<p>“Varia muito, [...] a criança tem os momentos, né, os saltos de desenvolvimento [...] e isso colabora também com os momentos de altos e baixos dela. [...] Ela chega a noite, e é um estresse tremendo comigo. [...] Dizem que é porque com a mãe a criança se sente à vontade de se expressar e tal, então eu não sei. [...] Alguns momentos consigo distraí-la, mas sempre brincando com</p>

	<p>igualzinho. Aí isso mexeu comigo, porque eu pensei ‘é o meu exemplo... então o que for, ele vai ser’, porque ele imita muito e isso me quebrou no meio. Os pais estudam as virtudes e os filhos pegam as virtudes dos pais, então a gente tem que se sacrificar por conta disso, se eu sou estourada ou não, ou eu vou ser e ele vai ser igualzinho, ou eu vou ter que mudar isso em mim. [...] A mãe é o termômetro da casa. Se ela está bem, tudo vai bem, se ela está mal, a casa fica mal também. Eu já percebi que quando estou tranquila, o D. também fica muito tranquilo, mas se eu estiver estressada... [...] Depende muito de mim, sempre que ele está estressado eu percebo que quem está estressada primeiro sou eu.”</p>	<p>ela. É a única forma que eu vejo de não deixar ela nervosa também, porque percebo que ela espera muita atenção. Ela começa a ficar brava, irritada e começa a chamar minha atenção. [...] Tudo que eu vou fazer ela tem que ver. [...] Ela se estressa muito fácil. [...] Exemplo, ela pegou um pano de prato e quis guardar na gaveta, mas a gaveta não fechou, porque a ponta estava para fora. Eu fui lá tentar ajudar, mas ela ficou estressadíssima com isso. Ela falou ‘não, não’, e batia na minha mão, porque ela que tinha que fazer a arrumar tudo, eu não podia fazer. [...] Aí ela conseguiu, me chamou para mostrar e eu dei parabéns, porque sempre que ela faz alguma coisa eu congratulo ela por isso. Ela ficou toda feliz. [...] Agora ela está nessa fase tipo ‘agora eu que tenho que fazer, eu que vou, então não rela, não interfira’. Mas com o pai ela é outra</p>
--	---	---

		criança, É tranquilo, ela acorda brincando, calma.”
Momentos de conflito/crise	<p>“Estamos dando homeopatia para ele, porque o bichinho é bem bravo, daí o médico deu chamomila para ele acalmar, porque ele não dorme direito. Ele dorme, mas de tempo em tempo acorda... [...] Fomos no homeopata e ele deu esse remedinho para ele dormir. [...] E tem esse desafio meu de quebrar a mim mesma, desafio todos os dias... não sei se é devido as noites mal dormidas, mas eu fico muito estressada, e quando me estresso com ele fico mais estressada ainda, porque me arrependo. [...] Eu não consigo fazer nada. Eu trabalho em casa, e em casa sozinha eu não consigo trabalhar com ele.”</p>	<p>“Quando ela está tentando fazer alguma coisa e não consegue em dois segundos... [...] Se ela quer fazer alguma coisa e a gente fala ‘não vai fazer’, nossa... [...] Em uma situação como essa a gente tem que tentar arrumar uma distração em outro lugar para conseguir sair. Levar a atenção dela para um novo local de interesse. [...] Ela tem aquele brinquedo de encaixar pecinha. Eu acho que ela encaixa todas de olhos fechados, só que ela pegava a peça errada, ia no buraco errado e ficava olhando para a gente. Só para gente falar ‘não é aí, filha, é aqui’. Só que ela sabia que estava fazendo errado, era para ver se a gente estava prestando atenção.</p> <p>Quando ela tem os momentos de estresse, ela levanta e vai atrás da V. [mãe] caso ela saia do cômodo. Ele olha para ver se eu estou prestando atenção. Quando</p>

		eu olho para ela e o olho conecta, ela berra mais alto ainda, porque é a hora que eu dei atenção.”
Tecnologia	“A gente se rende um pouco à tela. Ele não consegue ficar muito tempo parado fazendo alguma coisa, então não consegue ficar muito tempo na tela. Ele curte um pouquinho, mas depois vai brincar de outra coisa. Ele brinca um pouquinho, mas quer vir mostrar para mim. Ele não consegue ficar sozinho. ”	“Não é nossa primeira opção. Eu prefiro ficar brincando com ela. [...] Mas quando nada melhora o humor dela e eu já estou no meu limite eu coloco um desenho. [...] Percebemos que ela mesma se cansa.”
(In)dependência	“ Ele é bem dependente. [...] É grudado o tempo todo. [...] Todanã vez que eu falo parabéns e dou um beijinho ele parece que percebe que fez algo legal. Ele se adapta muito rápido às coisas, e agora ele está mais calmo e tranquilo. [...] Agora eu quero tirar ele do peito para ver se melhora a dependência, mas falta coragem, porque é um momento nosso.”	“[...] marcou muito esse nível de dependência. ”

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

Faz-se importante lembrar que a coleta de dados sobre desenvolvimento das crianças fora realizada com os pais e, portanto, a análise está baseada na percepção destes. A partir das

informações coletadas na entrevista a respeito dos dois participantes, é possível identificar os aspectos que Erikson (1998) traz em sua teoria quanto ao desenvolvimento psicossocial. Como dito anteriormente, a primeira fase do desenvolvimento é marcada pela busca de confiança ao mesmo tempo em que vive momentos de desconfiança. Portanto, as experiências de estresse abordada pelos pais reflete um momento de desconfiança por parte do bebê ao que diz respeito ao mundo externo. A criança vê o mundo ora de maneira ameaçadora, ora de maneira amigável, de forma que sua curiosidade é aguçada, como é possível ver no relato dos pais de S.: “Ela é extremamente curiosa”. A criança S. não se adaptou ao canguru (objeto colocado no dorso de algum adulto, de maneira que a criança fica posicionada de frente para quem a carrega), pois sentia necessidade de olhar à sua volta.

Também na criança D. isso é experimentado a partir da liberdade que sua mãe lhe dá para experimentar o mundo, de forma que ele fica no chão, explora e consegue exercer sua curiosidade com supervisão de sua responsável, proporcionando uma aproximação com o meio externo.

É interessante constatar nos dois colaboradores a necessidade de ser visto, observado, por seus cuidadores. Tanto D. quanto S. brincam e gostam da aprovação de seus pais no que estão fazendo. Querem mostrar para seus pais o que estão fazendo, querem que vejam a atividade que estão realizando e gostam desse momento de atenção. Além disso, da parte de D. existe ainda o forte vínculo com a mãe, gerando situações de mimetismo e apego – uma vez que ele a imita em diversas situações e ela afirma que ele sempre quer mostrar suas brincadeiras para ela, além de ficar “grudado o tempo todo” [sic.].

Este fato se relaciona com a figura materna ser a figura de referência para os bebês, pois, a maneira que eles vivem a relação materna traduz a maneira que experienciam o mundo, levando a um maior grau de confiança ou desconfiança no meio social em que estão inseridos. Vale lembrar neste ponto que a figura materna não necessariamente é a mãe biológica propriamente dita. Qualquer pessoa pode ser interpretada pelo bebê como figura materna, a partir do momento que exerce as funções arquetípicas de uma mãe.

4.1.2 A relação da fase com o mito de Narciso

Conhecido por sua divina beleza, Narciso é, por um lado, o símbolo do amor-próprio, e por outro lado, o símbolo do egoísmo e da arrogância. Depende da maneira como se vive o herói para identificar quais das facetas estão mais presentes no cotidiano do sujeito. Em se tratando dos bebês aqui analisados, a comparação mitológica se faz mais com o personagem

Narciso do que com a narrativa mitológica em si, posto que na primeira infância existe essa necessidade de a criança ser vista e admirada, tal qual Narciso.

A relação eu-outro, tão presente na narrativa mitológica de Narciso e Eco pode ser vinculada com a relação mãe-filho, também muito marcante nessa fase do desenvolvimento de acordo com Erikson. É o momento, portanto, que o bebê busca a atenção da pessoa que lhe passa confiança e conforto em suas experiências. Além disso, há uma necessidade de o bebê ser visto pela figura materna, pois se sente seguro e amparado.

A primeira infância também é o momento em que o bebê se comporta de maneira egocêntrica, visto que ele interpreta e acredita que o mundo todo gira a seu redor. Esse fenômeno acontece, possivelmente, porque a figura materna representa o mundo para o bebê, e como a mãe – ou qualquer pessoa que cumpra esse papel – volta sua atenção toda para o filho, o bebê rapidamente associa que o mundo – mãe – lhe dá toda atenção e, portanto, é confiável. Caso o bebê não sinta essa atenção vinda da figura materna, ele associa que o mundo não merece sua confiança e vivencia o conflito de desconfiança básica.

Dessa forma, quando o bebê solicita a atenção da mãe existe um pedido narcísico para que o mundo o veja. Ele quer ser observado, quer ser validado e protegido. É possível identificar esse chamado em busca da atenção nos relatos apresentados, tanto D. quanto S. buscam constantemente essa atenção narcísica de seus pais, ambos se sentem felizes e animados quando compartilham o momento com seus pais e, conseqüentemente, recebem os olhares.

Uma amostra disso está na fala dos pais de S., quando dizem que ela, ao se frustrar, busca o olhar e a atenção da mãe. A mãe relata que S. a acompanha em todos os cômodos da casa quando está frustrada e seu choro aumenta a intensidade no momento em que os olhares se encontram – o olhar marca a atenção recebida para a criança. Portanto, é o choro que pode afirmar “eu estou aqui! Olhe para mim!”.

Tal qual Narciso, as crianças na primeira infância necessitam esse olhar diferenciado e exclusivo para elas, posto que não há, para elas, ninguém que seja mais importante do que elas mesmas. Entretanto, vale lembrar que não se trata de um comportamento nocivo, e sim um comportamento normal que acompanha as crianças desta faixa etária. Sua recém-chegada ao mundo é uma novidade e durante o começo da existência o próprio corpo é o único lugar conhecido para o bebê. Inclusive, não se pode dizer que o comportamento narcisista é, necessária e exclusivamente ruim – apesar de nomear um transtorno de personalidade. Os traços narcisistas são importantes tanto para o amor-próprio quanto para a aquisição de autoconceito.

O momento narcisista infantil é importante para que a criança consiga diferenciar as relações eu-outro, posto que no começo, como citado, o bebê apenas identifica a si mesma, para

depois identificar a figura materna enquanto fonte de amor, proteção e atenção. É no narcisismo, portanto, que o bebê se torna capaz de se separar da figura materna e perceber sua individualidade e unidade.

4.2 SEGUNDA FASE DO DESENVOLVIMENTO – AUTONOMIA X VERGONHA (2 A 3 ANOS)

Os pais de crianças de 3 anos entrevistados trouxeram informações pertinentes e relevantes acerca da influência da Pandemia de Covid-19 no desenvolvimento de seus filhos e como isso impactou os primeiros anos de vida. Interessante notar como se constrói a realidade a partir do referencial que essas duas crianças tiveram no momento do nascimento, de forma que foram crianças privadas de sair desde os primeiros dias de vida. A fase descrita por Erikson traz o conflito entre a busca pela autonomia e a vergonha de falhar. Foi identificado em ambos os casos esse ímpeto para a autonomia, tanto por parte da criança, no caso da criança J, do sexo masculino, quanto por influência dos pais, como é o caso da criança S.

O quadro 5 demonstra sistematicamente o conflito descrito por Erikson e, em um comparativo, os conflitos mais abordados pelos participantes. Além do conflito esperado, outros também apareceram na fala de ambos os pais.

Quadro 5 – Expectativa *versus* realidade: segunda etapa do desenvolvimento

Gênero	Conflito esperado	Conflito abordado	Principais descritores
Feminino (S.)	Autonomia x vergonha	Autonomia x vergonha	Autonomia; mudanças; separação.
Masculino (J.)	Autonomia x vergonha	Autonomia x vergonha	Autonomia; mudanças; separação.

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

Ao longo da fala dos pais nas entrevistas foi possível identificar excertos que demonstram existir a preocupação da própria criança em se mostrar ativa. Entretanto, além disso, as duas crianças viveram neste período de tempo mudanças que marcaram profundamente sua forma de se relacionar com o mundo. J. vive a mudança de casa e de escola, dois ambientes de importância fundamental no desenvolvimento infantil, posto que a casa é o principal ponto de referência e a escola é o segundo local de convívio social das crianças. Já S. vivencia também a mudança de casa por conta da separação dos pais. Portanto, é observável

que, além do conflito-chave, descrito por Erikson, existem também conflitos simultâneos que podem afetar paralelamente o conflito principal.

4.2.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase

As categorias para análise de discurso do material coletado ao longo das entrevistas foram determinadas a partir das próprias palavras-chave utilizada nas perguntas desta. As categorias que foram definidas apresentam-se no quadro 6.

Quadro 6 – Categorias: segunda etapa do desenvolvimento

Categorias	J. 3 anos (masculino)	S. 3 anos (feminino)
Experiências mais marcantes desde o primeiro ano de vida	<p>“[...] Ele teve bastantes experiências relacionadas a internação no hospital. Ele é bebê-covid, então essa questão do uso de máscara. [...] Ter completado dois anos e ter que colocar máscara para sair de casa, de a máscara ser um referencial de saída de casa. [...] Viagem em família também [...], passar um tempo com a família. [...] Mudança de escola, a mudança de casa, acho que para ele foi uma adaptação bem difícil. [...]</p> <p>De ele não querer ir para a escola nova, [...] ele fala ‘não quero ir para a escola’, ele sabe que se ele almoçar ele vai para a escola, então ele nunca quer almoçar na sexta-feira.”</p>	<p>“[...] A pandemia... ela nasceu no primeiro dia que foi decretada a pandemia, então nasceu já no isolamento. [...] Quando ela já tinha uns 8 ou 9 meses, levamos ela para o lado de fora, [...] aí ela teve contato com a grama, com a água do rio, [...] eu acho que foi uma experiência bem marcante. [...] A rotina dela com a mãe, os momentos da amamentação, os banhos... [...] Ah, as pequenas coisas, assim... Como fiquei muito tempo dentro de casa com ela, por causa da pandemia, eu pude acompanhar ela engatinhando, os movimentos dela, ela conseguir perceber os objetos, ela acompanhar o gato... [...] a introdução</p>

		<p>alimentar dela. [...] Acho que a gente ter ficado em casa foi muito bom. A pandemia foi um momento horrível para todo mundo, mas acabou que para a gente foi um momento que proporcionou uma oportunidade. [...] No último ano eu me separei da mãe dela, [...] passei a não morar mais com ela... isso gerou bastante confusão para ela, por não saber qual a casa dela. [...] Momentos que ficamos só eu e ela, e eu acho muito legal A gente cozinha juntos, [...] ela é super independente, [...] eu deixo alguma coisa para ela fazer. [...] São os momentos que temos parceria e cumplicidade. [...] Eu fico com ela 1x por semana e depois um final de semana sim, um não. Então é muito espaçado... E aí eu não quero ser um pai que pega a filha e leva para o <i>shopping</i>, sabe? Eu quero que, quando eu fique com ela, eu tenha rotina. Eu quero que ela fique em casa, não quero que seja um evento extraordinário,</p>
--	--	---

		<p>quero que seja um evento cotidiano e até banal. [...] Até o desenvolvimento dela, a linguagem, o raciocínio dela, as conclusões que ela chega do mundo, da separação, do que é pai, do que não é. [...] Quando ela está comigo ela escolhe a roupa que ela vai usar, escolhe o que vai comer...</p> <p>[...] Teve uma experiência com ela... A gente foi em uma cabana, em um lugar super isolado, no meio do mato, e a noite tinha muita estrela. Aí apagamos tudo e ficamos deitados em um <i>deck</i> observando as estrelas. Esse dia foi muito louco! Ela olhou para as estrelas, era tanta estrela, e ela falou assim ‘é tanta estrela, papai...’ e começou a chorar. Esse dia foi muito louco, porque foi o dia que ela teve noção do infinito e do quanto a gente não é nada. Ela teve uma epifania filosófica. [...] Teve um vislumbre filosófico da imensidão. [...] Aí abracei ela. [...] Acho que ela viu que</p>
--	--	---

		a vida não é nada, teve uma crise existencial.”
Relação familiar	<p>“Ele é muito mais grudado comigo do que com o pai, eu amamentei ele até dois anos e quatro meses [...] por isso ele é mais apegado comigo. Ele já sabe perturbar o irmão. [...] Mas ele é muito, muito prestativo no sentido de... ‘ah, eu preciso colocar uma roupa na máquina’, ele que quer fazer, ele que quer ajudar a lavar a louça, ele quer guardar as coisas, quer guardar a roupa dele. [...] Ele é muito observador, ele é bem detalhista, consegue achar as coisas muito rápido. [...] Ele tem um comportamento diferenciado comigo e com o pai. O pai dele acha que ele chora muito, eu acho que é o jeito dele, então o que eu percebi mais recentemente, às vezes quando ele está chorando e ele já entendeu que é algo que o pai não gosta muito, ele fala ‘ah, eu tô fingindo’, então ele tem usado desse artifício talvez para dar uma burlada</p>	<p>“Eu tenho muito diálogo com ela. [...] Sempre que estou com ela, tudo é novo. [...] Eu quero mostrar para ela e é como se eu também estivesse vendo o mundo de novo também. Porque o mundo vai desencantando, né... ele é encantado quando a gente é pequeno e aí a gente vai amadurecendo, vai desencantando do mundo, vai se tornando banal, naturalizado, e a S. é um lembrete para mim da magia. [...] Eu começo a olhar as coisas como se nunca tivesse visto. Tudo é um acontecimento, é uma jornada. [...] Eu tento ser cúmplice de descobertas com ela.”</p>

	nessa questão do choro. E comigo ele não fala que tá fingindo, ele continua chorando até onde ele sentir que precisa chorar.”	
Desafio(s) de maior intensidade	“Essa questão da adaptação da escola, mais do que a mudança de casa. A escola para ele eu achei bem pesado. [...] Ele já sabe atormentar o irmão. [...] O irmão era um suporte para ele nessa questão do choro na escola, [...] a gente acha que o irmão era uma bengala para ele dentro da escola e ele [irmão] queria um momento mais para ele. Hoje eles continuam brincando juntos, mas cada um tem o seu espaço.”	“[...] Ela está numa fase agora que ela tem personalidade, então ela tem desejos e vontades, ela tem rituais que estabelece e que se você quebrar, ela é capaz de chorar, gritar e quase desmaiar de tão nervosa que ela fica. [...] Se eu falo para ela o que tem que fazer, não rola. Eu tenho que antecipar o que vai acontecer e ir conversando. [...] Ela traz algumas coisas que às vezes me faz suspeitar que estou sofrendo alienação parental. Ela fala que eu não gosto dela, [...] que eu não gosto mais da mãe dela. [...] Acho que isso futuramente vai ser uma questão para ela.”
Reação frente ao desafio	“No começo acho que ele sempre tenta evitar. [...] Ou fica grudado em mim, ou dá a mão, ou se esconde atrás da perna, [...] às vezes ele gruda no meu pescoço e começa aquele chorinho	“Ela chora, fica nervosa, faz birra. Tenta impor a vontade dela. Ela é meio brava, falam que ela tem o sangue forte, [...] acho que faz parte da fase que ela está.”

	<p>sentido. [...] Posso voltar na primeira pergunta? Ele demorou bastante para começar a falar, [...] ficou como falante tardio, então ele tem algum... algum atraso de fala.”</p>	
<p>Tentativa de solução para o conflito</p>	<p>“[...] A gente tentou fazer uma passagem menos doída [na entrada da escola nova], mas quanto mais eu ficava mais aumentava esse sofrimento. Então agora eu chego, aí dou um abraço e quando ele começa a chorar eu deixo e vou embora, para ser mais rápido esse momento de separação.”</p>	<p>“Eu converso bastante com ela. Falo que ela pode chorar, mas não tem que ficar com raiva. [...] Ela conversa, escuta, ela tem uma abertura, presta atenção. Mas quando vem a emoção ela não regula, não tem auto regulação, ela é uma criancinha. [...] Tem dias que ela está difícil... Ela vai ser uma criança que vai ter dois modelos, e ela vai tentar equilibrar isso.</p>

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

De acordo com a literatura utilizada na formulação do referencial teórico, a segunda fase é o momento do desenvolvimento em que o pequeno sujeito começa a buscar mais veementemente a sua autonomia, de maneira que busca fazer algumas coisas sozinho, realizar atividades por conta própria e testar os limites de sua confiança, estabelecida na primeira fase. É o momento do desenvolvimento em que a criança poderá se afastar mais dos pais a fim de identificar sua individualidade e sua autonomia (Erikson, 1998).

Os colaboradores, tanto mãe de J. quanto pai de S. narram situações e vivências que trazem, subjetivamente, esse momento de transição do bebê. Ambos os casos são carregados de mudanças significativas na rotina das crianças: no caso de J. a mudança de casa e de escola, mudando seu contexto e suas relações sociais. E no caso de S., além da mudança de casa, a separação dos pais e a perda da referência do que é sua casa – fala trazida pelo pai. Portanto,

para ambos existe tanto a mudança subjetiva da busca pela autonomia e a mudança física, palpável, do novo contexto em que vivem.

Segundo a teoria psicossocial, quanto mais a criança conseguiu estabelecer a confiança básica em seus responsáveis, mais ela se sentirá segura para experimentar o mundo e suas múltiplas possibilidades. No caso de S., existe uma preocupação paterna – com a separação dos pais e a não participação da mãe, não é possível especificar se este tipo de comportamento também ocorre nos momentos em que S. está com a mãe – em promover liberdade para que a filha ajude e faça as próprias escolhas, como por exemplo a escolha do que vai comer e da roupa que vai utilizar. Já quanto a ajuda, o pai aborda o exemplo de momentos em que cozinham juntos, ele deixa algumas atividades para realização dela, como cortar alguns legumes – o que, ainda relacionando com a teoria, auxilia no desenvolvimento motor da criança.

Já a mãe de J. evidencia esse momento de maior independência dele no que diz respeito ao relacionamento com seu irmão mais velho. Anteriormente, ela explica que J. via no seu irmão uma “muleta” para os momentos de maiores dificuldades escolares. Atualmente, entretanto, J. e o irmão, apesar de ainda brincarem juntos, têm cada um o seu espaço para exercer a sua individualidade sem influências tão diretas como ocorria anteriormente. É também possível identificar em J. uma habilidade de associação entre fatos (colocar máscara = sair de casa; almoçar = ir para a escola), também característicos deste momento, já que a criança realiza as próprias associações a fim de tomar as próprias decisões.

A vergonha, parte complementar ao conflito central da fase, também pode ser visto na própria maneira em que as duas crianças reagem frente ao conflito: o choro. O choro, forma legítima de expressão de sentimentos, pode demonstrar também momentos em que a criança não atingiu o objetivo que ela tinha em mente – ou por ainda não ter a habilidade necessária, ou por algum adulto interferir no processo – e demonstra essa frustração através do choro. Um exemplo são os rituais estabelecidos por S., os quais o pai afirma que, caso o adulto quebre, ela é capaz de chorar, gritar e até desmaiar de nervoso. Isto porque, a quebra deste ritual, para S., é a quebra de algo estabelecido por ela, a quebra de sua tentativa de autonomia e independência.

O choro também presente em J. no momento em que ele é deixado na escola também merece destaque, posto que a mãe estabeleceu a estratégia de não demorar na despedida para que a separação ocorra de forma mais rápida e menos danosa, o que denota também a tentativa da responsável em auxiliar o desenvolvimento desta autonomia e independência de J. no momento escolar, já que é o maior conflito que está vivendo atualmente.

Um outro aspecto muito interessante abordado pelo pai de S. em sua entrevista foi o contato desta com a natureza e a aproximação que os pais buscam promover dela com

fenômenos naturais, como a ida ao rio, o contato com a grama e o momento de “epifania filosófica” na observação de estrelas. Essa aproximação com a natureza também é de relevância para o desenvolvimento infantil, já que promovem diversas experiências enriquecedoras para a aquisição de autonomia e até aspectos da personalidade. O momento em que S. percebe, pela primeira vez, a imensidão do universo, como aborda o pai, possivelmente acarretou um momento de profunda reflexão infantil, já que sua reação frente a isso foi o choro.

Para finalizar, um último aspecto que merece destaque na fala dos colaboradores, é a profunda influência da pandemia nos primeiros anos de vida de ambas as crianças. São crianças que não conheceram a realidade pré-pandemia, de maneira que as vivências desde o nascimento já são as de um planeta diferente do que os pais anteriormente conheciam. Por exemplo, a supracitada associação de J. com a máscara. Saber qual é a hora de sair por conta da necessidade de colocar a máscara cirúrgica no rosto. Ou de S. em apenas conhecer o lado de fora da casa com quase 1 ano de idade. Possivelmente, crianças nascidas entre 2020 e 2021 se desenvolverão baseadas em outras experiências, podendo ocasionar uma mudança considerável na forma como estudamos o desenvolvimento humano.

4.2.2 A relação da fase com o mito de Deméter e Perséfone

O mito de Deméter e Perséfone pode ser interpretado de diferentes maneiras – como qualquer outro mito. Entretanto, no que diz respeito a realização desta pesquisa, focaremos tanto na relação figura materna-filhos quanto no conflito da separação daquilo que é simbiótico. Vale destacar que, ao falarmos de figura materna, também podemos abordar a figura paterna, já que aqui fala-se de parentalidade. Portanto, a relação entre o colaborador e sua filha S. também será vinculada ao mito de Deméter e Perséfone.

Partindo do pressuposto pais-filhos e a relação de dependência que existe da segunda parte para com a primeira, como fora visto na primeira etapa analisada deste trabalho, começa a existir agora uma necessidade de o ego da criança começar a se desenvolver com mais autonomia e independência. Considerando o mito de Deméter e Perséfone – denominada Core antes de sua emancipação – existia, anteriormente, uma relação simbiótica entre mãe e filha. Sendo a deusa da terra fértil, as buscas incessantes de Deméter por sua filha Core prejudicaram a qualidade e a fertilidade da terra, gerando uma preocupação entre os deuses. Apesar de sofrido para Deméter, o momento de separação das duas marcas o fim de Core e início de Perséfone, marca o início de sua vivência individual, fora da relação de alteridade mãe-filha.

O mesmo ocorre com o caso de J. ao chegar na escola e o caso de S. com sua busca pela autenticidade e autonomia por meio dos rituais que estabelece. A cada choro de J. ao entrar na

escola é também como se o chão se abrisse para ele ir de encontro com Hades. A quebra de ritual estabelecida por S. também é sentida como um afastamento de seus pais. Entretanto, é necessário frisar que essa separação e busca pela independência que a criança busca é natural e saudável. Não diz respeito a qualidade de educação e qualidade de vínculo que foi estabelecido pelos pais, e sim do momento de desenvolvimento que a criança vive.

Tanto J. quanto S. estão no momento em que se abre uma fenda no chão e há o chamado para a individualidade, para o início da emancipação parental. Isso não significa que haverá um afastamento definitivo – vale lembrar que no mito Perséfone também volta para Deméter. Apenas significa que a criança pode começar a investigar quais atividades pode fazer sozinha e de que maneira consegue se comportar sem causar prejuízo ao ambiente e a si mesma. Começa uma maior ponderação daquilo que é possível e do que não é possível alcançar sozinha.

Dentro do mito também é bastante marcado o momento de separação, a separação e afastamento repentino de mãe e filha em razão do rapto de Hades. Na realidade concreta, ao longo desta fase do desenvolvimento, o momento de separação tem se demonstrado um conflito tanto para J. quanto para S. Para J. é possível identificar, como já abordado, na separação no momento em que chega em sua escola. Já para S., este momento de separação não é apenas sua separação em relação aos seus pais, mas também a própria separação dos pais, o que possivelmente torna o conflito mais desafiador para sua psique infantil. E é possível observar que o próprio pai reconhece este momento quando narra “acho que isso [separação] futuramente vai ser uma questão para ela”.

Os dois fenômenos – aquisição de independência e separação – se vinculam a partir do momento que, simbolicamente, percebe-se a impossibilidade de segregar a autonomia com a separação do filho em relação aos pais. É preciso que haja no mínimo um afastamento para que o desenvolvimento de autonomia ocorra para a criança. A passagem de Core para Perséfone se dá quando existe a separação libertadora. Core apenas passa a viver sua vida e suas experiências, sem as fortes influências de sua mãe, no momento em que se torna Perséfone. É uma mudança de nome que conota também uma mudança de estágio e de perspectiva.

4.3 TERCEIRA FASE DO DESENVOLVIMENTO – INICIATIVA X CULPA (3 A 6 ANOS)

A terceira fase é marcada pelo início da vida escolar da criança – embora, atualmente, as crianças entrem na escola cada vez mais jovens. Neste momento, a criança começa a desenvolver mais suas habilidades pessoais e sociais e começa a exercer a iniciativa no momento de realizar tarefas. A culpa, por outro lado, virá quando a criança não conseguir atingir seu objetivo auto imposto sobre determinada atividade que planeja realizar (Erikson, 1998).

O quadro 7 demonstra sistematicamente o conflito descrito por Erikson e, em um comparativo, os conflitos mais abordados pelos participantes. Não houve um disparate muito alto da expectativa em relação à realidade, de forma que as crianças, cujos pais foram entrevistados, estão na linha do esperado para a etapa.

Quadro 7 – Expectativa *versus* realidade: terceira etapa do desenvolvimento

Gênero	Conflito esperado	Conflito abordado	Principais descritores
Feminino (V.)	Iniciativa x culpa	Relações interpessoais x relações intrapessoais	Relações interpessoais; relacionamento com os pais.
Masculino (V.P.)	Iniciativa x culpa	Relações interpessoais x relações intrapessoais	Relações interpessoais; relacionamento com os pais.

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

Em ambas entrevistas foi possível identificar uma narrativa que se assemelha quanto a relevância que ambas as crianças dão para os colegas na escola e para os pais. A entrevista da criança do gênero feminino (V.) foi realizada com a avó, de maneira que os conflitos parentais se mostraram de forma mais abrangente. Já em relação a entrevista com a mãe da criança V.P. também foi possível identificar excertos significativos quanto a relação com os pais e com os amigos na escola. Ambos passaram pela situação de mudança de escola, mudança essa que foi bastante benéfica para os dois, de acordo com os responsáveis colaboradores.

A autonomia e iniciativa de ambos foram mais bem desenvolvidas em suas respectivas escolas novas, já que a anterior não promovia o espaço para a aquisição de novas habilidades. Inclusive, a responsável por V.P. afirmou que no ambiente escolar novo ele retomou algumas habilidades que foram perdidas por falta de utilização na escola em que estava anteriormente. Esse fato é interessante, pois, de acordo com a teoria do desenvolvimento psicossocial, a criança nesta faixa etária é bastante influenciada pelo ambiente em que está inserida e, em se tratando de crianças em idade escolar, a escola é um dos contextos em que elas mais estão presentes. Portanto, a maneira como são estimuladas no âmbito escolar diz respeito também sobre a aquisição de novas habilidades e a segurança em tomar iniciativa em suas atividades.

4.3.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase

As categorias para análise de discurso do material coletado ao longo das entrevistas foram determinadas a partir das próprias palavras-chave utilizada nas perguntas desta. As categorias, portanto, que foram definidas, apresentam-se no quadro 8.

Quadro 8 – Categorias: terceira etapa do desenvolvimento

Categorias	V.P. 6 anos (masculino)	V. 4 anos (feminino)
Experiências marcantes	“A mudança de escola para ele foi muito importante. [...] [Na nova escola] são crianças na mesma faixa etária e ele se sentiu mais acolhido. [...] Ele teve essa transformação. Vimos muita mudança nele, porque voltou a ter algumas habilidades que ele tinha perdido. Antes ele chorava muito, tinha um comportamento de bebê mesmo. Agora não.”	“Estudou em uma escola que ela não gostou. [...] Quando ela começou a falar a coisa ficou diferente para ela e ela passou a não querer ir para a escola. [...] Ela não estava sendo acolhida ali, nem pelos amiguinhos. [...] Até acho ela bem agitadinha [sic.], não faz o que é pedido. [...] Esse ano, que ela mudou de escola, é outra criança! Agora ela está escrevendo, [...] e eu acredito que seja também por causa do desenvolvimento dela, porque cada um tem seu tempo. [...] Ela ficou muito agitada quando a gente foi para um parquinho, e aí como ela não tem amigos nem irmãos, ela ficava ‘amiga, amiga’, muito desesperada atrás de uma amiga. [...] Ela desenha sempre um sol do lado esquerdo e é sempre eu e ela no desenho. Acho isso

		<p>muito interessante, porque lendo isso, eu sou a segurança dela e me sinto responsável por isso.”</p>
Relações interpessoais	<p>“No geral ele é bem tranquilo, mas é uma criança que, por ser filho único, tem essa dificuldade de dividir e faz birra. Mas, ao mesmo tempo, ele tem bastante facilidade de fazer amizade, então ele chega no parque da cidade e, quando vê, ele já está no meio das crianças que nem conhece. [...] Tem hora que ele é chato igual a mãe. Ele às vezes é também chatinho no sentido de sistemático. [...] Ele convive muito bem.”</p>	<p>“Ela está indo bem em relação a isso. [...] Ela é bastante sociável, conversa com todo mundo. Ela chega meio desconfiada, mas depois vai se soltando, vai conversando, [...] ela é bem falante, bem extrovertida, bem tranquila. [...] Estou mostrando o livro das emoções para ela, o dicionário das emoções, aí mostro para ela saber se expressar, identificar as expressões, para ela saber o que está sentindo.”</p>
Relacionamento com a família	<p>“É bastante tranquilo, apesar de ser difícil dele obedecer. [...] Tem situação que ele fica bravo, ele é uma criança meio brava. [...] Tem hora que ele [marido] gosta de irritar, sabe? Aí ele mesmo fica provocando o V... [...] Tudo que a gente vai contra ele, ele faz essa cena, fala que vai embora de casa, que nós não o amamos... mas depois ele volta, abraça, fala que ama. [...] A gente se entende bem, consegue conversar, coisas</p>	<p>“Estou sempre observando o que estou fazendo com ela, ou o que estou falando para ela, toda vez que estou com ela. Isso eu acho uma responsabilidade também, porque eu sou só a avó, não sou a mãe. [...] Dei uma chamada na minha filha e ela começou a desenhar mais os pais. [...] Minha neta nem abraçava minha filha quando ela chegava do</p>

	<p>mais sérias eu converso com ele. [...] A gente brinca bastante porque ele não gosta de brincar sozinho, ele gosta de companhia, quer atenção. [...] Tem hora que cansa um pouco, porque ele fica muito em mim. O pai é para brincar, ir ao parque, andar de bicicleta. Mas a coisa do cuidado é mais eu do que meu marido. Acho que eles morreriam se não fosse por mim. [...] [Sobre as gravidezes interrompidas da mãe] Ele falava que não tinha bebê na minha barriga. [...] Era meio egoísta, e aí falava que tinha medo do irmão mexer nos brinquedos dele. [...] Tinha ciúme de mim, e na verdade ainda tem. Ele com meu marido é absurdo. Ele fala ‘é minha mãe’, e meu marido fala ‘mas é minha esposa’. [...] Ele disputa muito com o pai, ele não deixa eu deitar com meu marido, por exemplo, ele deita no meio de nós dois.”</p>	<p>trabalho. Mas fui conversando com ela e hoje está melhorando.</p>
<p>Momentos de conflito/crise</p>	<p>“Estresse... o motivo é quando ele fala que algo é e a gente fala que não é. [...] Ele fica nervoso, se exalta. Ou também com outra criança, quando a criança gosta de provocar, porque ele é muito</p>	<p>“Quando ela cai, ela fica bem constrangida, e chora. Também quando não damos o que ela quer, aí ela fica irritada sim! Ela chora, ou ela fala ‘não quero’, porque ela é</p>

	<p>provocável. [...] Já dá uma explosão. [...] Não sabemos se acolhemos ou se chamamos a atenção. Às vezes ele sai da escola com uns conflitos, mas ele não gosta de falar. [...] Mas tem coisa que é engraçada em relação ao sentimento, porque se eu me exalto com alguma situação ele me consola com bastante responsabilidade emocional.”</p>	<p>decidida, ela sabe o que quer e não quer.”</p>
<p>Reação frente a crise</p>	<p>“[...] Em relação a aprender as letras e tudo mais, eu vejo que ele é uma criança que se entrega. Ele fala que não sabe, ou que está cansado... ele tem essas coisas para não fazer. Mas quando é algo de movimento, de atividade, ele já se joga mais, aí ele quer ir, quer fazer. [...] Na hora de aprender algo ele tem bastante dificuldade e já fala que não sabe, principalmente quando é algo muito novo para ele, fica bastante inseguro.”</p>	<p>“Ela chora. [...] Eu sempre falo uma frase de super-heróis para entrar no mundo dela [na tentativa de ajuda-la com a crise]. [...] Ela chora e se sente impotente. [...] Ela chorava e ia atrás do pai, porque minha filha é mais afastada. [...] O pai é essa referência para ela.”</p>
<p>Solução (ou tentativa) para a crise</p>	<p>“[...] Para lidar com essas situações ele tenta ser simpático. [...] Em casa, se ele quer muito algo, ele vem fazer carinho. [...] Mas é bem desafiador. De todas as etapas dele, essa está sendo a mais difícil, mas porque a escola fala uma coisa, a psicopedagoga fala</p>	<p>“Eu acho que ela chora e depois procura [resolver]. Mas ela chora.”</p>

	outra coisa, e eu não entendo o que está errado, me pergunto se é a gente. [...] Parece que tenho que largar tudo e viver só para ensinar as coisas para ele.	
--	---	--

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

Apesar do conflito central da terceira fase do desenvolvimento ser a iniciativa *versus* a culpa, ambas as colaboradoras trouxeram assuntos referentes ao convívio social, relações interpessoais e também o convívio familiar como questões centrais do desenvolvimento das duas crianças até o momento de realização da entrevista. Foi possível identificar tanto no relato da avó de V. quanto no relato da mãe de V.P. a perspectiva de melhora das duas crianças no que diz respeito as habilidades sociais a partir do momento em que mudaram de escola. A mãe de V.P destacou a passagem dele de “bebê” para “menino” com a mudança de escola, por conta do trato que passou a receber na segunda e, também, pelo retorno de habilidades perdidas na primeira. Segundo a mãe, isso aconteceu, pois agora V.P. está inserido em uma escola a qual as crianças têm todas a mesma idade, o que facilita o convívio e a identificação. Antes, ele estava em uma escola onde, ou era o mais novo da turma, ou o mais velho – por conta de sua data de nascimento.

Já quanto a V., a avó afirmou a falta de acolhimento na escola anterior, até mesmo por parte dos colegas de turma, de maneira que a criança buscava por alguém para se identificar inclusive em idas ao parque, chamando qualquer criança de “amiga”. Agora, com a mudança de escola, a criança se sente pertencente e, além disso, conseguiu desenvolver amizades com as outras crianças de sua faixa etária. Portanto, fica demarcado como a busca por vinculação afetiva no âmbito da amizade marca bastante as experiências das duas crianças.

A iniciativa pode ser vista nesta perspectiva, uma vez que as duas crianças, de acordo com o relato das responsáveis, parecem tomar iniciativa no momento de se aproximar de outras crianças, como é o caso de V.P., quando sua mãe diz “[...] ele tem bastante facilidade de fazer amizade, então ele chega no parque ad cidade e, quando vê, ele já está no meio das crianças que nem conhece”, e também o caso de V., quando a avó diz “[...] Ela está indo bem em relação a isso [a fazer amigos]. [...] Ela é bastante sociável, conversa com todo mundo. Ela chega meio desconfiada, mas depois vai se soltando, vai conversando, conta casos... Ela é bem falante, bem extrovertida”.

Já a culpa quando algo que almeja fazer não acontece pode ser visto pelos dois na maneira como reagem quando existe algum momento em que se sentem contrariados ou irritados. V. tem como reação principal o choro, para depois buscar o que precisa fazer para solucionar o seu conflito, enquanto V.P. demonstra uma desistência fácil para determinadas atividades e determinação mais marcante para outros tipos de atividade, a saber: atividades de aprendizagem de letras – exemplo trazido pela mãe – a criança fala que não sabe, e utiliza do cansaço como justificativa para não se manter na atividade. Por outro lado, quando é algo relacionado a movimentação, ele demonstra interesse em fazer, mesmo que apresente dificuldade no início.

As questões de iniciativa e culpa, portanto, no caso de V.P., variam de acordo com o tipo de atividade que está sendo realizada. Já para V., as situações de constrangimento se dão em momentos em que cai. O caminhar se relaciona com as habilidades de praxia grossa, habilidades esta que começa a ser desenvolvida entre o primeiro e o segundo ano de vida. Portanto, o cair para uma criança de 4 anos pode sinalizar uma “derrota”, uma falta de habilidade motora e, por essa razão, é acompanhada do choro de culpa e vergonha pela criança, como narra a avó quando afirma: “[...] quando ela vai, ela fica bem constrangida [...] e chora”.

Outro aspecto interessante abordado pelas duas colaboradoras foi a relação das crianças com seus progenitores. Ao passo que V. foi descrita como sendo mais apegada ao pai, V.P. foi descrito como sendo mais apegado à mãe. Apesar de ambos os pais terem papéis fundamentais para o desenvolvimento de ambas as crianças, foi demarcada essa diferenciação entre a figura paterna (e masculina) para a criança V. do gênero feminino e a figura materna (e feminina) para a criança V.P. do gênero masculino. É possível identificar excertos que abordam essa diferenciação. No que concerne a V., a avó diz: “[...] Ela chorava e ia atrás do pai, porque minha filha é mais afastada”. Já no que diz respeito a V.P., a mãe diz: “[...] Tinha ciúme de mim, e na verdade ainda tem. Ele com meu marido é absurdo. [...] Ele disputa muito com o pai, ele não deixa eu deitar com meu marido, por exemplo, ele deita no meio de nós dois.”

Existe, para as duas crianças, uma maior identificação e busca por referência por parte do progenitor do gênero oposto ao seu. Não que não exista a vinculação com os genitores de mesmo gênero! O discurso apresentado pela mãe de V.P. demonstra isso, ao que afirma “[...] O pai é para brincar, ir ao parque, andar de bicicleta. Mas a coisa do cuidado sou mais eu do que meu marido”. Já quando V., o trecho que demonstra essa aproximação com a figura materna está na narrativa da avó: “Minha neta nem abraçava minha filha quando ela chegava do trabalho. Mas fui conversando com ela e hoje está melhorando”.

Para finalizar, é importante destacar que, dentro da teoria psicossocial de Erikson (1998), crianças nesta etapa do desenvolvimento são categorizadas como na fase do “brincar”, posto que cultural e socialmente, na época em que a teoria fora desenvolvida, as crianças desta faixa etária ainda não haviam iniciado sua vida escolar. É interessante refletir a respeito das marcantes diferenças sociais que separam o início da teoria – em meados dos anos 90 – com os dias atuais.

4.3.2 A relação da fase com o mito de Édipo

Supracitado no referencial teórico desta pesquisa, a relação da faixa etária dos 3 aos 6 anos de idade com o mito de Édipo não é atual no estudo do desenvolvimento dentro da Psicologia. Como visto, o mito de Édipo aborda a estória de uma criança abandonada pelos pais após o Oráculo revelar que esta criança seria a causa da morte do rei de Tebas – seu pai. Durante o decorrer da narrativa, Édipo se apaixona por sua mãe e efetivamente mata seu pai.

A nível simbólico, amor, paixão e morte não são acontecem de forma literal, e sim de forma subjetiva. Portanto, apesar da terminologia, da dramaturgia e tragédia grega, estes descritores representam, em viés simbólico, a ambivalência e a dualidade de afetos que existe entre a criança e seus genitores. A premissa desta seção, portanto, não é abordar o Complexo de Édipo descrito na Psicanálise, e sim investigar o valor simbólico das relações parentais na perspectiva da estrutura edípica, de maneira que as figuras materna e paterna se vinculam e participam ativamente do desenvolvimento da criança.

Na teoria psicossocial de Erikson (1998), nesta faixa etária o raio de relações significativas é a família básica. Importante ressaltar que o termo “família” não se aplica apenas a “família tradicional”, e sim qualquer família que se estruture de forma a participar do desenvolvimento de qualquer sujeito. Portanto, as figuras materna e paterna serão as principais referências deste indivíduo ao decorrer do conflito “iniciativa *versus* culpa”. Figuras, pois aqui fala-se de função materna e paterna, não definição a partir de sexo biológico, de maneira que abarca também famílias monoparentais, famílias homoafetivas, dentre tantas outras configurações possíveis. A maneira como essas figuras reagem frente a iniciativa e a possível falha da criança, possivelmente impactará de alguma forma em seu desenvolvimento, posto que o sujeito se identifica com essas figuras e, conseqüentemente, pode sentir a faceta da culpa quando não atinge aquilo esperado por si mesmo ou por ser genitor de maior referência.

Aquela figura que se mostra mais tolerante ao erro e demonstra mais paciência, possivelmente ganhará a maior parcela de afeição da criança. Dentro da estrutura edípica, este progenitor acolhedor e compreensivo ocupará o espaço da paixão, enquanto o outro será visto

como, possivelmente, um rival – que é o que acontece na narrativa mitológica e, além disso, é o que podemos ver na fala da mãe de V.P, ao dizer “[...] ele disputa muito com o pai, ele não me deixa deitar com meu marido” e na fala da avó de V. quando diz “ela chorava e ia atrás do pai, porque minha filha é mais afastada”. Nesse ponto de vista, é possível cogitar a hipótese de que cada genitor cumpre uma função simbólica estabelecida pela própria criança.

Além disso, os rituais de união nesta fase, ainda de acordo com Erikson (1998), são dramáticos. Em uma perspectiva simbólica, se assemelha à supracitada dramatização tão característica da tragédia grega. Dramatização, dentro da teoria psicossocial, se relaciona com o brincar da criança, posto que esta demonstra, neste momento, certa dificuldade na iniciativa no que diz respeito ao relacionamento com os pais, já que está vivendo este conflito. Entretanto, etimologicamente o termo “drama” carrega diversas definições, e talvez seja possível pensar em uma múltipla interpretação para a palavra.

O “matar” dentro desta perspectiva não se limita ao ódio que a criança possivelmente sente por um de seus genitores, e sim o sentimento de culpa, tão marcante no conflito desta fase. O sentido de aniquilar aquilo que o afeta negativamente pode se relacionar com as próprias atitudes indesejadas, e não propriamente a um de seus pais, posto que a culpa é o sentimento que o assola, caso a iniciativa não ocorra da maneira que planejou.

4.4 QUARTA FASE DO DESENVOLVIMENTO – MAESTRIA X INFERIORIDADE (6 A 12 ANOS)

Similar à terceira fase no que diz respeito a preocupação infantil em realizar seus feitos de maneira autônoma, a quarta fase tem como conflito principal a maestria *versus* a inferioridade. Desta forma, a criança acredita que pode realizar satisfatoriamente algumas atividades que a ela foram atribuídas, seja por ela mesmo ou por outrem. Aqui se inicia com mais veemência a vida produtiva deste indivíduo. Entretanto, caso sinta que não consegue realizar aquilo que planejou para si, pode haver um retorno ao apego com a figura materna, posto que a criança pode não perceber sua autonomia e início de sua independência.

Como abordado pelos dois colaboradores, as crianças apresentam situações em que sua independência é colocada à prova por seus respectivos pais. Os conflitos abordados pelos responsáveis se aproximam mais de aspectos relacionados ao vínculo das crianças com colegas e com familiares, diferindo do conflito esperado para esta fase, como mostra o quadro 9.

Quadro 9 – Expectativa *versus* realidade: quarta etapa do desenvolvimento

Gênero	Conflito esperado	Conflito abordado	Principais descritores
Feminino (A.R.)	Maestria X Inferioridade	Relações interpessoais x relações intrapessoais	Relações interpessoais de amizade.
Masculino (A.)	Maestria X Inferioridade	Relações interpessoais x relações intrapessoais	Relações interpessoais de amizade e com a família.

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

A questão da maestria e da inferioridade também pode ser identificada no estabelecimento de relações interpessoais, posto que não necessariamente dizem respeito apenas a feitos materiais. Portanto, a maneira como cada criança estrutura e organiza suas relações se relaciona com seu nível de maestria em habilidades sociais, como é o caso das duas crianças cujos pais foram entrevistados. Tanto A. quanto A.R. demonstram, segundo seus responsáveis, facilidades e dificuldades em relações – A. em relações familiares, e A.R. relações de amizade em seu ambiente escolar.

Vale lembrar que são duas crianças que possivelmente passaram parte da infância em quarentena por conta da pandemia de Covid-19, o que contribui para uma maior dificuldade no quesito de relações, já que foram privadas de contato com pessoas durante um ano e meio de suas vidas, aspecto este abordado pelo pai de A.R. em sua entrevista, como veremos adiante.

4.4.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase

As categorias para análise de discurso do material coletado ao longo das entrevistas foram determinadas a partir das próprias palavras-chave utilizada nas perguntas desta. As categorias, portanto, que foram definidas, apresentam-se no quadro 10.

Quadro 10 – Categorias: quarta etapa do desenvolvimento

Categorias	A. 10 anos (masculino)	A.R. 9 anos (feminino)
Experiências marcantes	“A mudança de escola que aconteceu ano passado, para ele foi bem difícil, chorou bastante, não queria, falava bastante dos amigos. [...] A gente mudou de	“[...] Ela tinha a capacidade de associação de pessoas e coisas muito bem distintas. Ela tem uma habilidade muito grande de fazer as coisinhas. [...] Tem

	<p>casa. [...] A mudança de casa aparentemente ele tem gostado, mas ainda sim parece que tem momentos que ele estranha. [...]</p> <p>Agora tudo é novo. [...] Casa nova, com amigos novos, numa escola nova e uma rotina totalmente nova.”</p>	<p>uma facilidade de compreensão e aprendizado. [...] De abril até agosto ela não teve contato com nenhuma criança. [...] Depois foi a questão de ela se adaptar muito bem ao retorno das aulas presenciais [por conta da pandemia de Covid-19].”</p>
<p>Relacionamento com a família e relações interpessoais</p>	<p>“Ele não tem mais vínculo com minha parte da família.</p> <p>[...] O pai dele morava em [cidade ocultada] [...] e ficava com ele a cada 15 dias, e agora foi embora para [estado ocultado], então o pai veio em dezembro, no Natal, ficou um ano afastado e no outro ano ele veio, mas veio com a nova mulher. [...] Quando ele soube do casamento do pai deu uma desanimada de novo. [...] Ele falou assim ‘se ele fizer com ela a mesma coisa que fez com você eu vou ficar muito bravo e não vou mais querer falar com ele.’. [...] Ele é bastante sensível, e aí na hora que ele assimilou tudo isso melhorou.”</p>	<p>“Não sei se é por causa da convivência com adultos, [...] mas ela sempre associa muito bem a parte de vocabulário, compreensão, assimilação, e isso foi fundamental na formação dela nesses primeiros seis anos de vida. [...] Essa coisa da assimilação, uma capacidade de análise muito grande, como no caso da bisavó que faleceu. Ela absorveu tudo, ficou triste e depois [disse] ‘tudo bem, que bom que vimos ela viva antes.’ [...] Ela é uma pessoa que tem muitas amizades. Ela começou a ter mais com o retorno a escola. [...] Ela tem proximidade com um menino que seria o ‘balanço’, o ‘equilíbrio’ necessário para ela. É um menino que provoca, briga com ela, mas um dia está bem, outro dia tá mal’. [...] Ela tem um</p>

		cuidado com os amigos dela e ela reconhece esse vínculo de amizade.”
Desafio(s) de maior intensidade vivido no último ano	“ Acho que foi a mudança de escola. Foi onde ele mais chorava, [...] vinha com o caderno em branco.”	“ A questão do relacionamento interpessoal, principalmente com esse colega [supracitado]. Como saber quando ele está provocando, quando ela tem que dar um basta e se posicionar. [...] Ela tem uma personalidade forte, ela fica insegura no começo, mas começa a ir aos poucos. [...] Também a questão do conflito com a mãe por ficarem mais juntas já que eu estou fora trabalhando a noite, então ela quer se impor, se a mãe dela impõe ela impõe. ”
Reação frente a crise	“Ele não é de falar se eu não pergunto o que está acontecendo de errado.”	“[...] Depende da situação pode ser negativo, pode ser de negação. Ela quando desafiada [...], eu incentivo ela a buscar, por curiosidade, e ela se sente bastante desafiada e engajada a conseguir as coisas. [...] Se é algo no relacionamento com a mãe, eu converso de um jeito que ela possa entender e que não vire um caso acusatório. [...] Ela não tem essa visão que é persecutória ou que ela é

		diminuída. As reações que ela tem são conforme as experiências. [...] As experiências dela são baseadas conforme as reações, e são positivas ou negativas. Mas vejo que há mais positivo quando há incentivo, quando ensino que mesmo que ela erre, o que importa é o crescimento.”
Solução (ou tentativa) para a crise	“Ele tenta, só que sozinho, ele não é de falar. Sinto no comportamento esse negócio de ficar mais desanimado. [...] Ele se retrai um pouco. ”	“No início a gente tentava conversar, mas percebemos que não tem como porque é uma coisa dela. [...] Porque se nós dermos a solução ela não consegue gerar a forma de ver as coisas. [...] Menos intervenção adulta para resolver problemas de criança, porque eles resolvem do jeito deles. [...] A gente sabe que haverá momentos que ela vai vir conversar, mas não significa que ela não consiga resolver do jeito dela. Certo ou errado ela tomou uma decisão.”

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

Como abordado pelos responsáveis das crianças A. e A.R., as experiências mais marcantes em relação a atual fase do desenvolvimento que se encontram, a partir das suas percepções, está centrada no que diz respeito a mudanças de escola e relação com colegas do ambiente escolar. Conforme narrado pela mãe, a criança A. demonstrou tristeza em relação a sua mudança de escola, de forma que sentia saudade de seus antigos amigos e verbalizou, inclusive, o desejo em visita-los em alguma ocasião. Já em relação aos colegas em sua escola

nova, não sente muita proximidade, de forma que, de acordo com ela, talvez possa existir um desconforto social.

É possível que esta mudança de escola tenha ocasionado um desequilíbrio momentâneo no que concerne a maestria de A. em habilidades sociais, visto que houve uma ruptura brusca em suas relações – relações estas construídas ao longo das demais etapas de seu desenvolvimento. Diferente de A.R., que demonstrou certa habilidade relacional com o retorno das atividades presenciais em sua escola. O pai de A.R. afirma que a criança passou uma parte considerável do tempo apenas participando de aulas *online* por conta da pandemia de Covid-19, mas que, apesar disso, conseguiu retornar satisfatoriamente às atividades presenciais e, além disso, aparenta possuir aspectos de maestria em habilidades sociais, embora seu principal desafio atualmente seja, justamente, a relação com um amigo de escola.

Já em relação a A., o desafio de maior intensidade mencionado pela mãe foi a mudança de escola, dando margem para a interpretação quanto a dificuldade atual de se relacionar com os novos colegas. Além disso, há também um afastamento familiar abordado pela mãe que, de acordo com esta, também leva a um estranhamento por parte da criança, como pode ser visto nos seguintes excertos: “[...] A mudança de casa aparentemente ele tem gostado, mas ainda sim parece que tem momentos que ele estranha. [...] Agora tudo é novo” e “[...] Quando ele soube do casamento do pai deu uma desanimada de novo.”.

Outros dois aspectos que merecem destaque em relação as entrevistas é a reação frente a situações conflituosas, bem como a maneira como cada criança busca soluções para as respectivas crises. As circunstâncias do momento de conflito para ambos se assemelham: para A. se vincula com a dificuldade que vem sentindo na escola nova; já A.R. diz respeito a relação interpessoal com um amigo específico. De modo geral, retomando o grande tema de conflito, ambos concernem a maestria – ou inferioridade – sentida no que tange as relações interpessoais de amizade e vinculação afetiva.

Entretanto, a maneira como A. lida com suas questões é de maneira mais introspectiva e reflexiva. Como abordado pela mãe, ele prefere solucionar suas crises em silêncio, sem abordar o assunto publicamente. Já no caso de A.R., os conflitos são levados aos pais, que a incentivam refletir criticamente sobre o assunto e tomar uma decisão. Segundo o colaborador, tanto ele quanto a mãe – sua esposa – buscam deixar nas mãos dela a tomada de decisão sobre o conflito que a permeia, a fim de incentivar a elaboração interna de seus conflitos pessoais sem interferir.

A maneira como os pais de A.R. a ensinam a lidar com seus conflitos vai de encontro com a emancipação parental e desenvolvimento de maestria que se espera desta etapa do

desenvolvimento, posto que, a partir do momento que a criança começa a tomar suas próprias decisões, há um afastamento – saudável e esperado – das figuras materna e paterna, de modo que o amadurecimento de novas habilidades encontra terreno fértil para florescer.

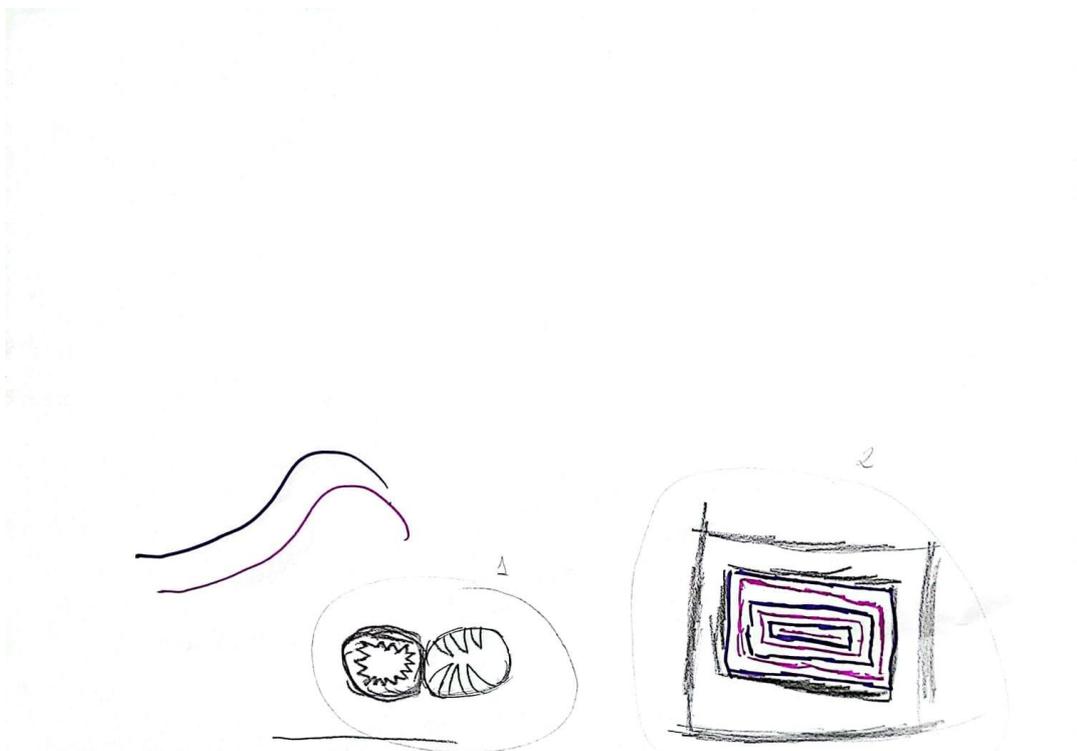
4.4.2 Interpretação dos desenhos-livre realizado pelos participantes de 9 e 10 anos

4.4.2.1 Desenho da criança A. (sexo masculino, 10 anos)

Após a entrevista realizada com a mãe do participante, fora realizado com ele, individualmente, um desenho livre. Solicitei a ele que desenhasse algo que remetesse alguma experiência marcante que tenha vivido nos últimos meses. A folha foi colocada na diagonal, para que não houvesse influência na dimensão do papel – de maneira que o participante escolheu se desenharia na horizontal ou vertical. A dimensão escolhida foi a horizontal (figura 3).

A criança não foi submetida a uma situação de entrevista formal, entretanto, faz-se importante articular a verbalização da criança durante o processo do desenho, ressaltando sobretudo que a tentativa do colaborador, de acordo com ele, era desenhar um portal – a experiência marcante que queria representar era a vivência em um jogo que lhe interessa.

Figura 3 – Desenho do participante A. (sexo masculino, 10 anos)



Fonte: Elaborado pelo participante (A., 2023)

O círculo em volta do desenho de A. foi realizado pela pesquisadora, posto que era necessário identificar qual figura havia sido desenhada primeiro. Portanto, o formato indicado com o número 1 fora o primeiro, e o formato número 2, o segundo. A figura localizada na parte esquerda do papel não era um desenho, no inquérito o participante afirmou que estava apenas testando as cores da caneta hidrocor utilizada no momento de confecção do desenho.

O desenho ao todo não tem dimensão grande. Entretanto, em comparação com a figura 1, a figura 2 se mostra grande, demonstrando possível tensão ou compensação. Em relação as cores, a primeira figura desenhada é acromática, simbolizando possível tristeza, melancolia. Já a segunda figura foi feita com cores frias (lilás e roxo), demonstrando introversão e introspecção. O conteúdo em si do desenho, segundo A., é um portal – o qual viu em um jogo. A figura 1 foi a primeira tentativa, porém, A. se sentiu insatisfeito com o resultado e pediu para desenhar outra. O tema escolhido, portanto, volta-se mais para o simbolismo, representando uma capacidade de lidar as ideias.

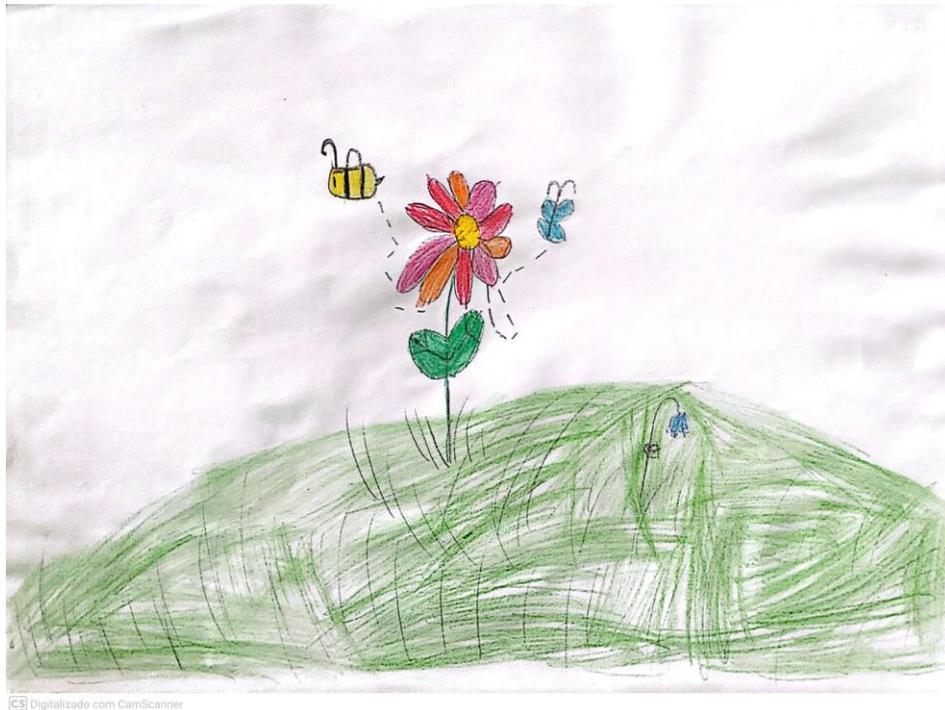
Apesar do desenho ter sido inspirado em um desenho, o conteúdo é passível de interpretações interessantes, principalmente ao se refletir sobre a utilidade de um portal. O traçado de A. é forte, beirando o rabiscado, remetendo a certa hostilidade e agressividade. Portanto, unindo o conteúdo do desenho, suas dimensões e o tipo de traço, pode-se considerar que, no momento do desenho, A. estava passando por alguma situação desfavorável em seu contexto, a qual direciona agressividade – o que se comprova na entrevista, na qual a mãe revela que seu filho não estava feliz com a mudança de escola –, e busca meios para fugir de sua atual realidade.

Um outro ponto interessante diz respeito ao tempo de latência (tempo decorrido entre a apresentação da instrução e o início do desenho propriamente) de A., visto que ele levou cerca de 15 minutos corridos para iniciar a primeira figura. Após insatisfação, levou mais 5 minutos para iniciar a segunda figura. Esta insatisfação se vincula com o conflito maestria x inferioridade esperado para a etapa em que está vivendo, haja vista sua busca por realizar o desenho de maneira que o agradasse mais, frustrando-se ao vislumbrar sua primeira figura.

4.4.2.2 Desenho da criança A.R (sexo feminino, 9 anos)

Após entrevista com o pai, a participante A.R foi chamada, individualmente, para realização de um desenho sob instrução de desenhar alguma experiência marcante (figura 4).

Figura 4 – Desenho da participante A.R. (sexo feminino, 9 anos)



Fonte: Elaborado pela participante (A.R., 2023)

O desenho de A.R. pode ser considerado grande e com uma figura grande central. Primeiro ela desenhou a flor colorida e ereta e, posteriormente, ao canto direito, desenhou a pequena flor azul e murcha. Essa figura central representa adequação às normas, de forma que, possivelmente, trata-se de uma criança com facilidade de obedecer às regras, ao mesmo tempo em que também pode remeter certa rigidez frente às experiências. A grandeza do desenho remonta a um ambiente restritivo, onde há tensão.

Existe uma interessante ambivalência no que concerne a escolha da paleta de cores do desenho: a flor grande e a abelha foram preenchidas com cores quentes, as quais remetem a agitação e extroversão. Porém, a pequena flor e a borboleta foram pintadas com azul, uma cor que remete a introversão, calma e até certa melancolia. Portanto, é possível cogitar a possibilidade de a colaboradora estar vivendo um conflito dual no momento da feitura do desenho. No inquérito, a informação dada pela colaboradora sobre essas figuras se limitou a “eu gosto de flores e abelhas”. Porém, simbolicamente estas figuras representam facetas da própria criança que, quando juntas, demonstram aspectos interessantes acerca de seu desenvolvimento.

O conteúdo, de uma forma geral, também diz respeito a alguns aspectos ambivalentes que merecem destaque. As figuras de animais – borboleta e abelha – remetem a imaturidade. Ao passo que a paisagem – junção das flores, com a grama e os animais – representam defesa

e fuga diante a uma dificuldade, corroborando com a hipótese de a participante vivenciar um momento de conflito. Este momento de conflito ambivalente remete ao conflito esperado da etapa, posto que existe uma disputa entre os aspectos infantis e a necessidade de fuga do momento vivido. Tanto que, pode-se identificar os animais deixando a flor de acordo com a direção em que estão tomando no desenho, quase como se os aspectos infantis estivessem saindo da flor dotada de agitação e extroversão que está em pleno desenvolvimento.

O desenho, por si só, pode ser caracterizado por sua ambivalência em diversos aspectos. Entretanto, a figura da pequena flor azul merece destaque, visto que ela foi desenhada de maneira a quase parecer triste, cabisbaixa, em contraposição a flor grande, ereta e colorida. A flor azul demonstra a parcela introspectiva, introvertida e melancólica da colaboradora, parcela esta, importante neste momento de sua infância, uma vez que esta etapa é a última antes da adolescência e, portanto, inicia-se o processo de luto pelo corpo infantil.

Portanto, o desenho de A.R. demonstra de maneira simbólica e subjetiva os desafios do desenvolvimento, a dualidade de sentimentos, pensamentos e comportamentos, de forma que existe uma felicidade em crescer, ao mesmo tempo em que existe um pesar em deixar de ser criança.

4.4.3 A relação da fase com o mito de Dédalo e Ícaro

Subjetivamente, dentro da narrativa, o construto da maestria é abordado de maneira significativa neste mito, além de abordar também, secundariamente, a relação paterna. Vale o destaque de que, apesar do mito abarcar pai e filho, dentro do cenário simbólico em que os mitos estão sendo analisados, é cabível também estender essa compreensão ao vínculo com a figura materna, não apenas paterna. O mito traz a relação pai/filho em uma perspectiva de mestre/aprendiz, de forma que se vincula também aos processos de aprendizagem abordados de um para o outro.

O assunto abordado pelos pais na entrevista diz respeito ao conflito de maestria e inferioridade no que tange as relações interpessoais, como fora abordado anteriormente, entretanto, dentro de uma perspectiva simbólica, o mito pode ser vinculado a este fenômeno, uma vez que a maestria promove tanta liberdade quanto as próprias asas elaboradas por Dédalo. Portanto, têm-se dois instrumentos de promoção de liberdade – asas e habilidades sociais.

No mito, existe uma preocupação paterna em promover a solução para que ambos pudessem ser libertos de seu aprisionamento na torre do rei Minos. Entretanto, ocorre um atravessamento, uma ousadia de Ícaro no que concerne aos avisos paternos sobre o que poderia ser feito ou não com as asas de pena e cera. Dédalo afirma a importância de se manter no centro

durante o percurso – nem muito abaixo, para não cair no mar, nem muito alto, para o sol não derreter a cera das asas. Envolvido pela empolgação do momento e o sabor da liberdade, Ícaro se aventura perto demais do sol, fatalmente caindo no mar após ter suas asas prejudicadas pelo calor.

O conselho dado por Dédalo se vincula não apenas a esta fase específica, mas ao conflito de todas as fases presentes no desenvolvimento. “Manter-se no meio” significa o equilíbrio e a harmonia entre dois polos importantes para o desenvolvimento. O sentimento de inferioridade, quando cumpre o papel de desafiar o sujeito, pode ser um aliado da aquisição de maestria em alguma atividade. Por exemplo, no caso das crianças A. e A.R., a relação interpessoal conflituosa com colegas de classe pode ser um desafio que promove o desenvolvimento de habilidades sociais. Por outro lado, se a situação de inferioridade for frustrante o suficiente, pode se tornar uma situação aversiva a qual o sujeito não mais tenta – afoga-se.

Dentre o conflito é importante identificar de que maneira o polo “negativo” do espectro pode ser um aliado no desenvolvimento, posto que o conflito psicossocial é a chave fundamental para o desenvolvimento. Além disso, destaca-se também a participação parental nos casos. Tanto a mãe de A. quanto pai de A.R. compreendem o momento em que seus respectivos filhos estão vivendo e buscam, assim como Dédalo, a melhor orientação para que sigam seu caminho sem grandes prejuízos – sem perder suas asas.

A maestria abordada no mito seja mais relacionada a maestria artesanal de Dédalo, e é possível relacionar a audácia e curiosidade de Ícaro com o comportamento infantil de iniciativa, descoberta e busca por realizar seus feitos individual e livremente, com a menor taxa de influência dos pais para que a maestria em atividades comece a ser sentida e desenvolvida. Caso esta percepção sobre si mesma seja prejudicada e a inferioridade predomine a fase, a criança possivelmente voltará sua atenção aos cuidados maternos, atenção esta que, apesar de benéfica para a relação parental, pode interferir no processo de desenvolvimento da criança.

Como visto na entrevista com o pai de A.R., existe uma preocupação de sua parte em que a filha toma as próprias decisões sem suas influências, portanto, existe uma preocupação em que A.R. voe com suas próprias asas. Nem muito perto do sol, nem muito perto do mar, a fim de que o equilíbrio entre maestria e inferioridade permita a continuidade do desenvolvimento de sua autonomia. Já com A., a introspecção cumpre também a função de promover o desenvolvimento pessoal, uma vez que a criança – que busca a passagem por um portal para chegada em um novo mundo, ou que faz voar aspectos sobre si mesma – encontra e produz, por meio da reflexão, soluções para suas questões.

4.5 QUINTA FASE DO DESENVOLVIMENTO – IDENTIDADE X CONFUSÃO (12 A 18 ANOS)

Ambos os colaboradores – homem e mulher – foram entrevistados aos 16 anos de idade, permitindo uma exploração interessante no que concerne aos fenômenos próprios da fase. Como abordado, a teoria psicossocial do desenvolvimento investiga os conflitos de cada etapa do desenvolvimento, e a crise da adolescência é a mais intensa dentre todas as oito. Essa crise vivenciada fica bastante evidente nas respostas fornecidas pelos colaboradores. O adolescente oscila entre os dois polos principais do conflito, vivendo momentos de confusão e de busca pela identidade. O primeiro é sentido quando há sensação de solidão e não pertencimento, ao passo que o segundo é sentido quando o jovem percebe a existência de congruência entre o que sente, o que pensa e a maneira como age.

O quadro 11 demonstra sistematicamente o conflito descrito por Erikson e, em um comparativo, os conflitos mais abordados pelos participantes. Não houve um disparate muito alto da expectativa em relação à realidade, de forma que os adolescentes entrevistados estão na linha do esperado para a etapa.

Quadro 11 – Expectativa *versus* realidade: quinta etapa do desenvolvimento

Gênero	Conflito esperado	Conflito abordado	Principais descritores
Feminino (B.)	Identidade x confusão	Identidade x confusão	Amizades; desempenho escolar; relacionamentos interpessoais.
Masculino (M.)	Identidade x confusão	Identidade x confusão	Amizades; desempenho escolar; orientação sexual.

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

É fundamental salientar que, nos conflitos abordados, não necessariamente significa que o sujeito está ainda vivenciando o conflito, e sim que este conflito ocorreu entre os 12 e os 16 anos. Por exemplo, a orientação sexual, para o colaborador M. não é um conflito atual, mas o momento de descoberta fora conflituoso por diversas situações narradas por ele durante a entrevista. Como é possível observar no quadro 5, os temas “amizade” e “desempenho escolar” apareceram para ambos os colaboradores e, portanto, compõem duas categorias características da fase.

4.5.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase

As categorias para análise de discurso do material coletado ao longo das entrevistas foram determinadas a partir das próprias palavras-chave utilizada nas perguntas desta. As categorias, portanto, que foram definidas, apresentam-se no quadro 12.

Quadro 12 – Categorias: quinta etapa do desenvolvimento

Categorias	M. 16 anos (masculino)	B. 16 anos (feminino)
Compreensão individual sobre desenvolvimento humano.	“Crescimento, evolução do ser humano durante o tempo. [...] Você vai crescendo e amadurecendo, se desenvolvendo fisicamente, emocionalmente e psicologicamente.”	“[...] Se conhecer... Conhecer os seus limites.”
Experiências mais marcantes desde os 12 anos.	“2019 foi um ano bem marcante. Mudei de escola, fiz muitas amizades, [...] também porque me diverti muito. [...] Todo mundo era muito amigo. [...] Também meu batismo, me batizei na Igreja Evangélica. [...] Meu namoro também, a experiência tem sido desafiadora.	“Com 12 eu estava no sétimo ano, e foi quando eu me descobri. [...] No nono ano eu entrei em um grupo de amigos que foi muito bom. [...] No final do nono ano eu me assumi para a minha mãe. Ela ficou triste, falou que Jesus não gostava disso. [...] Mas eu falei ‘ mãe, eu não me importo com o que Jesus acha, eu estou feliz! ’. Hoje em dia minha mãe é bastante respeitosa comigo. Acho até que eu sou o filho favorito.”
Desafio(s) de maior intensidade vivido no último ano.	“Acho que foi o ensino médio mesmo. [...] É trabalho toda semana. [...] E esse negócio de amizade também, fico no conflito,	“ Abandono e solidão. [...] Fiquei muito sozinho, aí foi o abandono e me senti solitário. Meu pai, que não é presente também, sumiu. [...]”

	<p>porque se eu me afastar, vou ficar completamente sozinha.”</p>	<p>De vez em quando eu sinto um pouquinho dessa solidão. Mas estou começando a lidar, estou percebendo que a solidão não é um problema. [...] Não está machucando tanto. [...] Deixa de ser um problema e está sendo gostoso! [...] Falaram ‘eu não confio em você’. Nessa hora o mundo ficou cinza e eu pensei ‘não sou capaz’. [...] Fiquei muito triste. [...] De novo senti o peso da solidão.”</p>
<p>Solução (ou tentativa de) para os desafios.</p>	<p>“[...] O que é mais favorável pra mim, porque eu tenho medo da solidão, tenho medo de ficar sozinha. Então, por mais que eu saiba que eles não gostam de mim, eu sei que se eu me afastar, vou ficar sozinha.”</p>	<p>“Eu escrevo poema.”</p>
<p>Relacionamentos interpessoais.</p>	<p>Quanto as amizades: “Amizade que eu falo ‘nossa, é minha amiga mesmo’, eu tenho uma só.”</p> <p>Quanto ao relacionamento afetivo: “[...] É desafiador, você se desafia, tem que amadurecer. [...] A gente tem que pensar no outro quando está em um relacionamento. [...] Sempre tento manter a calma para tentar resolver tudo da maneira mais agradável.”</p>	<p>Quanto as amizades: “Comecei a conversar com a S. [...] Hoje somos muito, muito amigos. [...] Temos a mesma mente degenerada. [...] Tem umas coisas que a gente é igualzinho. [...] Meu ciclo de amigos é bem diversificado. [...] Tenho um ciclo de amigos bem saudável e bom. [...] Temos bastante respeito na amizade, a gente</p>

		coloca bastante limite nas relações. Acho que é essa divergência entre a gente que nos une. [...] Eu me identifico mais com amigas femininas.”
Vivência escolar.	“Não gosto. [...] Me afastei de algumas amigas. [...] No sétimo ano eu era muito ingênua, acreditava que todo mundo era meu amigo. [...] Fiquei presa a esse grupinho desde 2019 e são pessoas que não me fazem bem, são legais, engraçados, mas sei que não posso contar. [...] Minha alimentação piorou muito, meu psicológico piorou muito, meu estresse piorou muito, minha ansiedade também, eu nem era uma pessoa ansiosa...”	“[...] No nono ano tive um professor que saiu espalhando para a escola que eu era gay, e aí foi bem pesadinho [sic]...”
Reação frente aos desafios.	“[...] Eu tento ignorar muito as coisas. [...] Eu sei que está me fazendo mal, então eu choro, mas fico quietinha. [...] Não me sinto bem, eu choro muito fácil. [...] Eu sei que não tá bem, mas vou fingir que tá pra ter sempre a pessoa por perto. [...] Tenho dificuldade de encerrar ciclos. ”	“Dependendo do que sinto eu escrevo um poema específico.”

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

Segundo as categorias estabelecidas para análise das duas entrevistas, fica evidente que a vivência das amigas é um ponto forte no momento da adolescência em alguns aspectos diferentes. Por exemplo, a necessidade de se identificar com um grupo a fim de descobrir sua própria identidade; o aceite em estar em um grupo o qual não se identifica apenas pelo medo

da solidão, vivenciado por B. e opostamente vivenciado por M., que, por sua vez, tem aprendido a lidar com esse fenômeno.

Como citado anteriormente, no que tange a teoria do desenvolvimento psicossocial, a adolescência é marcada pela busca da identidade e também pelo sentimento de confusão. A adolescência é o momento de crise mais intensa, pois existe nela uma sumarização das crises anteriores, além da autoestima abalada por conta das mudanças fisiológicas, as quais podem ser vistas na fala de B. sobre suas mudanças corporais por conta do estresse na escola. Este estresse é característico da fase e do momento conflituoso que vivem, o qual há uma pressão interna em constante embate com as pressões externas (imposições sociais, por exemplo).

Quanto a visão que cada um tem sobre o desenvolvimento, apesar de não ser tão similar, é possível identificar termos e ideias que se aproximam da ideia da jornada do herói. Para B. o desenvolvimento diz respeito a evolução do ser humano, enquanto para M. tem relação com o processo de autoconhecimento. Enquanto B. tem uma visão generalizada, M. apresenta uma percepção individual. Entretanto, ambas visões se complementam e se sustentam simultaneamente, posto que a evolução humana no sentido de amadurecimento só é possível a partir do (re)conhecimento de si mesmo. Tais visões também se vinculam com o momento do desenvolvimento que estão vivendo segundo Erikson (1998), já que falam sobre crescimento fisiológico, psicológico e emocional ao mesmo tempo em que falam de autoconhecimento e percepção do Ego.

Além disso, a vivência na escola (ambos estão no segundo ano do ensino médio) aparenta ter características hostis e ambivalentes, posto que existiram experiências desgastantes para ambos. Considerando a importância do meio social para o desenvolvimento, vale a reflexão da repercussão que essas experiências terão na identidade dos jovens futuramente, já que o momento escolar auxilia o indivíduo a formular aspectos de sua personalidade e identidade.

Outro aspecto que merece destaque é a vivência religiosa de cada participante, a qual diverge em alguns pontos e evidencia a diferença de foco que se dá para a religião atualmente. É necessário reforçar, neste sentido, que não há sentença certa ou errada. Há apenas duas pessoas diferentes que vivem um mesmo fenômeno de maneiras distintas, marcando a pluralidade e beleza das vivências humanas. Ao passo que para B. é uma experiência marcante positiva – o batizado na Igreja Evangélica –, para M. o mesmo tema se vincula a uma experiência marcante negativa, posto que aspectos religiosos foram utilizados, em um primeiro momento, para invalidar sua orientação sexual – orientação esta que faz parte de sua identidade enquanto ser humano.

Por fim, a categorias que mais chama a atenção no que diz respeito à divergência de pensamentos é o posicionamento de cada um quanto à solidão. M. narra em suas respostas que, apesar de isso ser um desafio em suas vivências desde o ano passado (2022), ele passou a enxergar potencial nos momentos em que está sozinho, demonstrando um possível Ego bem adaptado ao longo de suas vivências anteriores, já que atualmente se sente mais seguro para lidar com a solidão caso seja necessário. Já a colaboradora B. expressa francamente seu medo em ficar sozinha, demonstrando comportamento “evitativo” no que diz respeito ao sentimento de abandono e solidão, configurando um ego ainda em pleno desenvolvimento que necessita o contato, a identificação com o outro e o sentimento de pertencimento com o grupo, característico da adolescência, segundo Erikson (1998).

4.5.2 A relação da fase com o mito de Hércules

Sendo a adolescência o momento de crise mais intensa pelo descobrimento da identidade e de maior necessidade de se buscar o autoconhecimento – característica da jornada do herói –, é possível vincular com o mito de Hércules (ou, traduzido para o latim, Hércules). Como citado anteriormente, no referencial teórico, os 12 trabalhos de Hércules podem ser interpretados também como uma busca pelo desenvolvimento pessoal a partir da ideia da Jornada do Herói.

A cada trabalho realizado, Hércules se torna mais próximo do Olimpo, simbolizando o aprofundamento no próprio Ego e, por conseguinte, o processo de individuação, proposta por Jung. Um detalhe importante é que até mesmo Hércules, filho de Zeus, recebeu ajuda de amigos em algumas de suas tarefas, demonstrando essa necessidade adolescente de se vincular a grupos e pessoas afim de atingir um nível maior de conhecimento de si e auto aceitação.

Outro aspecto interessante sobre Hércules é sua representação animada na indústria cinematográfica pela Disney em 1997, dirigida por Ron Clements e John Musker denominada “Hércules”. A animação traz em sua composição contextos e desfechos diferentes do mito original, entretanto, representa o herói como sendo um adolescente em busca de sua identidade, que parte em uma jornada individual após perceber que não se sentia pertencente ao meio em que estava inserido. Tanto no filme quanto no mito é possível identificar, inclusive, o sentimento de estranheza no que diz respeito ao seu corpo físico, que cresce desproporcionalmente em relação ao restante da população – sentimento este marcante e intenso, de fato, na fase da adolescência.

Pois bem, quanto ao conflito proposto por Erikson (1998) e o mito, a relação que se apresenta diz respeito ao momento de confusão para, posteriormente, alcançar o conhecimento

da própria identidade. Simbolicamente, o momento de confusão está presente em toda a jornada de Hércules, visto que todas as tarefas representam o aprofundamento dele em aspectos intrínsecos de seu Ego. Já o momento de identidade se mostra na realização das 12 tarefas e chegada no Olimpo. Mas, como isso se relaciona com os participantes?

É possível identificar na fala dos participantes tanto momentos de confusão quanto momentos de aproximação com a própria identidade. No caso de M. este fenômeno fica bastante evidente no momento de descobrimento de sua orientação sexual. Há o conflito – caso do professor de educação física – e, posteriormente, há a identidade – comunicação para a mãe e familiares. Já no caso de B., existe a confusão nos aspectos que se vinculam a amizade, mas também existe a identidade no momento em que afirma saber que não pode confiar nessas pessoas, e que se mantém por perto apenas para não ficar sozinha. O “não confiar” se relaciona com uma “não identificação”, que por sua vez também é uma faceta da identificação, por mais paradoxal que pareça – e é.

Ambos os participantes, e todos os adolescentes viventes neste planeta, vivem constantemente momentos de confusão e momentos de identidade. A crise é de suma importância para que a homeostase seja alcançada, de maneira que não há como atingir um grau alto de autoconceito sem a vivência da crise e do conflito anterior a isso. Entretanto, para que o adolescente se sinta congruente consigo mesmo, é preciso que seu Ego tenha sido fortalecido ao longo das fases anteriores.

Voltando para Hércules, outro ponto que denota sua jornada em busca da individuação (a nível simbólico) é o número 12 no que diz respeito a quantidade de trabalhos que precisou fazer. Segundo Brandão (1987) o número doze é bastante significativo a partir de múltiplas visões diferentes, chamando a atenção para o fato de representar o próprio desenvolvimento espaço-temporal do universo, a partir dos quatro pontos cardeais multiplicados pelos três níveis cósmicos. Doze é, simbolicamente, um número que representa a realização integral, um ciclo perfeito – nascimento e renascimento. Portanto, Hércules atinge seu renascimento após concluir o décimo segundo trabalho. Assim como os adolescentes renascem em si mesmo enquanto adultos quando resolvem o conflito da adolescência e encontram sua identidade.

Como visto no mito disponível no referencial teórico, Hércules, tal qual o adolescente, está vivendo a jornada do autoconceito, a jornada de conhecer a si mesmo a fim de encontrar a própria identidade. E mesmo o herói se cerca de pessoas de confiança durante suas viagens para realização de tarefas. Pessoas, deuses e elementos da natureza que o auxiliam em seu percurso. No caso do adolescente, essa ajuda externa está presente nos grupos em que se vincula e aos amigos aos quais se identifica.

4.6 SEXTA FASE DO DESENVOLVIMENTO – INTIMIDADE X ISOLAMENTO (18 A 30 ANOS)

A partir da coleta de dados por meio das entrevistas com os dois colaboradores da fase – um homem e uma mulher de 24 e 25 anos, respectivamente – foi possível identificar um fenômeno interessante no que diz respeito ao adiantamento de fases, o qual será abordado novamente ao final desta seção. De acordo com a teoria de Erikson, dos 18 aos 30 anos, o jovem adulto se depara com o conflito concernente à intimidade *versus* isolamento, de maneira que o sujeito sente – ou não – que seu ego está integrado o suficiente para se vincular afetivamente a outro ego sem causar prejuízos ou sensação de não ser validado.

Entretanto, apesar de este ser, em teoria, o conflito predominante na fase, fora marcante a presença de falas relacionadas a trabalho e remuneração. Assuntos os quais, igualmente em teoria, pertencem à fase seguinte – produtividade *versus* estagnação (quadro 13). É preciso deixar claro que uma amostragem de duas pessoas constitui uma pesquisa qualitativa, e não uma pesquisa quantitativa, de maneira que não se pode generalizar os resultados e concluir que se trata de um evento universal. Seria necessária uma nova coleta de dados, de caráter quantitativo, para cogitar essa hipótese. Entretanto, mostra-se curioso que ambos os colaboradores, em contextos diferentes, abordem as mesmas questões conflituosas acerca de trabalho.

Quadro 13 – Expectativa *versus* realidade: sexta etapa do desenvolvimento

Gênero	Conflito esperado	Conflito abordado	Principais descritores
Feminino (G.)	Intimidade x isolamento	Produtividade x improdutividade	Relacionamentos de amizade; Trabalho; Condição financeira.
Masculino (S.)	Intimidade x isolamento	Produtividade x improdutividade	Relacionamentos amorosos; Trabalho; Definição de carreira.

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

4.6.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase

As categorias para análise de discurso do material coletado ao longo das entrevistas foram determinadas a partir das próprias palavras-chave utilizada nas perguntas desta. As categorias, portanto, que foram definidas, apresentam-se no quadro 14.

Quadro 14 – Categorias: sexta etapa do desenvolvimento

Categorias	S. 24 anos (masculino)	G. 25 anos (feminino)
Compreensão individual sobre desenvolvimento humano.	“[...] estudo sobre como as pessoas passam pela vida, o que pensam sobre cada etapa.”	“[...] penso muito sobre as etapas da vida [...] e como esse desenvolvimento pode acontecer pensando nos agentes externos. Tipo [sic.], não é algo que você faz sozinho, [...] depende muito do que acontece ao meu redor.”
Experiências mais marcantes desde os 18 anos.	“Viajei para fora do estado, [...] uma tia morreu, [...] minha avó paterna morreu, [...] participei de mais torneios, [...] comecei a cozinhar mais, entrei no curso de gastronomia, [...] trabalhei em uma hamburgueria e quando saí comecei a procurar carreira como editor de vídeo.”	“Todas foram muito relacionadas às primeiras vezes. [...] Meu primeiro emprego, meu primeiro namoro muito sério, morei sozinha, ‘desmorei’ [sic.] também, comecei a faculdade. [...] Também foi a primeira vez que algo grande deu errado na minha vida.”
Desafio(s) de maior intensidade vivido no último ano.	“Acho que é me encontrar em uma carreira nova.”	“[...] foi a crise da incerteza, eu não sabia com que acharia um trabalho, como que faria para me manter.”
Solução (ou tentativa de) para os desafios.	“Tenho feito coisas para arranjar emprego na área.”	“Sinto que é um problema muito prático, então se não tenho dinheiro, fui procurar um trabalho.”
Relacionamentos interpessoais.	<p>Quanto a amizade: “Passei a valorizar muito mais os amigos que eu tenho.”</p> <p>Quanto a relacionamentos afetivos: “Nada, e me sinto mal. [...] gostaria de melhorar nisso, mas não sei como.”</p>	<p>Quanto a amizade: “Acho que é o que eu mais tenho conflito aqui. [...] Tanto a aprender me relacionar com outras pessoas quanto a entender o que esse relacionamento é pra mim.”</p>

		Quanto a relacionamentos afetivos: “Tenho um relacionamento estável e estou muito bem com essa pessoa, me sinto muito amada, sinto que é um primeiro relacionamento maduro e que a gente constrói as coisas junto. [...] Me sinto muito compreendida e amada, e vista.”
Reação frente aos desafios.	“[...] Paro para pensar muito antes de fazer alguma coisa.”	“[...] No começo eu ignorei esse problema e realmente meio que senti que bateu um choque de realidade. [...] Só ignorei até ter que lidar e fazer algo sobre isso.”

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

Ao identificar e separar as categorias e comparar as respostas dadas por ambos os colaboradores, é possível identificar pontos de forte similaridade e, ao mesmo tempo, em outras categorias, bastante distanciamento. Na primeira categorias, que diz respeito ao desenvolvimento humano e a compreensão pessoal de cada um, existe a similaridade em identificar etapas para a ocorrência desse desenvolvimento, ao passo que G. destaca e frisa a importância do contexto externo e social do fenômeno, caminhando de encontro com o pensamento de Erikson e sua teoria do desenvolvimento psicossocial, a qual reforça a necessidade da integração entre indivíduo e ambiente (sociedade) para formulação da identidade (Erikson, 1998).

Quanto as experiências pessoais, ambos os colaboradores narram vivências similares no que diz respeito a trabalho e carreira. Além disso, trabalho e carreira também aparecem como principais desafios para os dois colaboradores, demonstrando certa relevância deste tema aos jovens adultos entrevistados, já que se mostrou um assunto recorrente na entrevista. A partir disso, relacionando com a teoria psicossocial, é possível identificar o valor simbólico e social do trabalho. Existe, portanto, uma faceta da identidade que é formulada a partir da carreira que o sujeito define para si, faceta essa que se relaciona com as outras e fazem com que o ego desta pessoa se fortaleça – ou não, a depender da maneira que essa experiência é vivenciada. O

trabalho aparece para os dois jovens adultos como pontos praticamente centrais, demonstrando o peso e a cobrança social no que concerne a definição de uma carreira ainda no início da vida adulta. E a solução para ambos se dá de maneira prática.

Outra faceta importante da identidade e que Erikson (1998) destaca como conflito central da fase é a vivência das relações afetivas. E aqui, sim, é possível perceber grande divergência entre ambos os colaboradores. Para S. as relações de amizade são mais enriquecedoras e valorizadas, ao passo que os relacionamentos afetivos são mais desafiadores. Para G., o oposto; as amizades têm se mostrado mais trabalhosas ao passo que o relacionamento afetivo está na posição de alicerce – entre outras facetas. Os relacionamentos afetivos foram a tópica definida para análise mitológica desta fase, posto que foi a categorias de maior disparate entre ambos os colaboradores.

4.6.2 A relação da fase com o mito de Eros e Psiquê

Quando questionado sobre seus maiores desafios, o colaborador S. responde “eu acho que é me encontrar em uma carreira nova [...]. Eu não sabia o que mais eu ia fazer, estava meio que perdido.”. Anteriormente, quando questionado sobre suas experiências mais marcantes do início da vida adulta, ele afirma “[...] comecei a cozinhar mais seriamente, entrei no curso de gastronomia e trabalhei em uma hamburgueria por alguns meses e depois parei. Decidi então começar a procurar carreira como editor de vídeo.”.

A colaboradora do gênero feminino, G., afirma que “a minha crise foi a crise da incerteza. Não sabia como que acharia um trabalho, como que eu faria para me manter.”. Novamente, não são dados conclusivos, mas não deixam de ser interessantes, acerca do enfoque dado ao labor nesta fase do desenvolvimento.

Em relação ao conflito da fase propriamente dito, fora questionado diretamente aos colaboradores como se sentem e como experienciam esse conflito. Aqui, sim, é possível identificar respostas diversas sobre o tema. O que torna a análise de dados mais rica, posto que se tem em mãos os dois polos do conflito: intimidade e isolamento. De acordo com a teoria do desenvolvimento psicossocial, o sujeito entre 18 e 30 anos com o ego fortalecido busca se vincular a um outro ego. Já o sujeito com o ego mais frágil, por muitas vezes temer a anulação, tende ao isolamento. Para a teoria do desenvolvimento, a resolução positiva leva o indivíduo a se vincular afetivamente com uma segunda pessoa, mas sem desvalorizar a importância dos momentos de isolamento para o autoconhecimento e autocuidado.

De maneira muito interessante, a colaboradora G. aborda que sua fase do desenvolvimento atual é marcada por diversas “primeiras vezes”. Dentre essas primeiras

experiências, ela aborda o primeiro emprego, a primeira vez que morou e “desmorou” [sic.] sozinha e, não menos relevante, o primeiro namoro sério. E acrescenta, quando questionada sobre a vida afetiva, que “tem um relacionamento estável”. “Eu sinto que é o primeiro relacionamento maduro e que a gente constrói as coisas juntos. [...] Me sinto muito compreendida, amada e vista.”. Por outro lado, o colaborador S. narra sentir um pouco mais de dificuldade neste âmbito, posto que quando questionado sobre relações afetivas, afirmou “não gosto da atual situação, [...] eu gostaria de melhorar nisso, mas não sei como”.

Dentro destes excertos de ambos os colaboradores pode-se perceber, portanto, os seguintes temas: profissão, ganho monetário e os dois lados da vida afetiva. Em relação a vida afetiva e o conflito intimidade *versus* isolamento, pode-se identificar algumas semelhanças com o mito de Eros e Psiquê. Considerando que a virtude aprendida deste conflito, de acordo com a teoria psicossocial do desenvolvimento, é o amor, este mito se vincula de maneira bastante interessante.

Tem-se Eros, o deus do amor, e Psiquê, mortal, terceira filha de um rei, amaldiçoada por Afrodite por conta de sua espantosa beleza. Ambos, de maneira incidental, apaixonam-se e destinam-se um ao outro, ilustrando o momento de “intimidade” do conflito. Por outro lado, após desobedecer às ordens de Eros, Psiquê perde seu amor e é submetida a três tarefas de extrema dificuldade elaboradas por Afrodite – a qual acreditava que aquela não seria capaz de realizar –, demonstrando um momento de isolamento e, conseqüentemente, uma jornada individual.

De acordo com uma interpretação analítica, não se pode dicotomizar o masculino do feminino alegando Eros se tratar do masculino e Psiquê o feminino, posto que todo sujeito é composto por ambas as partes dentro de si a partir dos arquétipos Anima e Animus. Portanto, uma pessoa de psique masculina pode viver sua Anima e, conseqüentemente, viver Psiquê, ao passo em que uma pessoa de psiquê feminina pode viver Eros através de seu arquétipo Animus.

Com isso, podemos relacionar a fala de ambos os colaboradores no que diz respeito ao afetivo com os momentos de aproximação e separação entre Eros e Psiquê. A confusão de Psiquê no momento em que se vê frente aos desafios e tarefas impostas se assemelha a fala de S. no momento em que diz “eu gostaria de fazer acontecer, mas não sei nem por onde começar”. Na narrativa mitológica, Afrodite em sua fúria e ciúme diz: “Parece-me que tu, criada inútil, só podes conquistar teu amante na medida em que trabalhares arduamente, e de nenhum outro modo” (Neumann, 2017, p. 57). Esta fala inicia Psiquê a sua jornada individual, a qual busca realizar as tarefas propostas pela primeira.

Tal qual colaborador S., Psiquê também se sente confusa e sem saber por onde começar em todas as atividades que lhe são propostas, de maneira que acaba por ser auxiliada pela natureza que a cerca no cumprimento destas. De acordo com a fala de Afrodite, e também de acordo com Erikson, a experiência do amor só é possível depois de se trabalhar arduamente no seu próprio Ego, de maneira que o momento de isolamento – ou, melhor dizendo, de autoconhecimento e autocuidado – é tão importante quanto a experiência da intimidade em si.

Por outro lado, a experiência de relacionamento sadio narrado por G. se assemelha ao momento da narrativa mitológica em que Psiquê reencontra seu amado Eros após cumprir todas as tarefas propostas. Como citado anteriormente, G., quando questionada sobre seu relacionamento afetivo atual, responde “estou muito bem com essa pessoa, me sinto muito amada. [...] É o primeiro relacionamento maduro e que a gente constrói as coisas junto”, esse sentimento de acolhida e pertença dentro de um relacionamento tem relação direta com o momento de intimidade descrita por Erikson na sua teoria do desenvolvimento psicossocial. É provável que ambos os egos – de G. e seu parceiro – alcançaram uma maturação adequada no momento de isolamento e, agora, existe uma união saudável e enriquecedora que agrega a ambos os egos mutuamente.

Uma outra fala que gostaria de destacar da colaboradora G. é: “Me sinto muito compreendida, amada e vista.”. Este excerto revela o final do mito que conta a história entre Eros e Psiquê, posto que durante o início do casamento entre eles, Eros acorda com Psiquê que esta não poderia olhar para ele em nenhum momento, ou ele iria embora para sempre. Como sabido, Psiquê descumpra o acordo influenciada por suas irmãs e inicia sua jornada individual a fim de recuperar o seu amor. Ao final, após ter realizado todas as tarefas, Psiquê reencontra Eros e, agora, depois de ter vivenciado o momento de isolamento, ela pode olhar para seu amado. Ou seja, Eros pode ser visto por Psiquê.

4.7 SÉTIMA FASE DO DESENVOLVIMENTO – GENERATIVIDADE X ESTAGNAÇÃO (30 A 60 ANOS)

Esta etapa também pode ser denominada como produtividade *versus* estagnação (figura 2), dando margem para uma interpretação tanto a formulação e estruturação de uma família quanto a produtividade em termos de trabalho, pensando em uma perspectiva atual quanto a estruturação social, onde o desenvolvimento em uma carreira profissional também é supervalorizado neste estágio – aliás, desde o estágio anterior. Dito isso, o quadro 15 demonstra o conflito esperado, abordado por Erikson, e os conflitos abordados pelos participantes.

Quadro 15 – Expectativa *versus* realidade: sétima etapa do desenvolvimento

Gênero	Conflito esperado	Conflito abordado	Principais descritores
Feminino (S.)	Generatividade x estagnação	Produtividade x improdutividade	Filhos; Trabalho.
Masculino (J.)	Generatividade x estagnação	Produtividade x improdutividade	Trabalho; Doutorado.

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

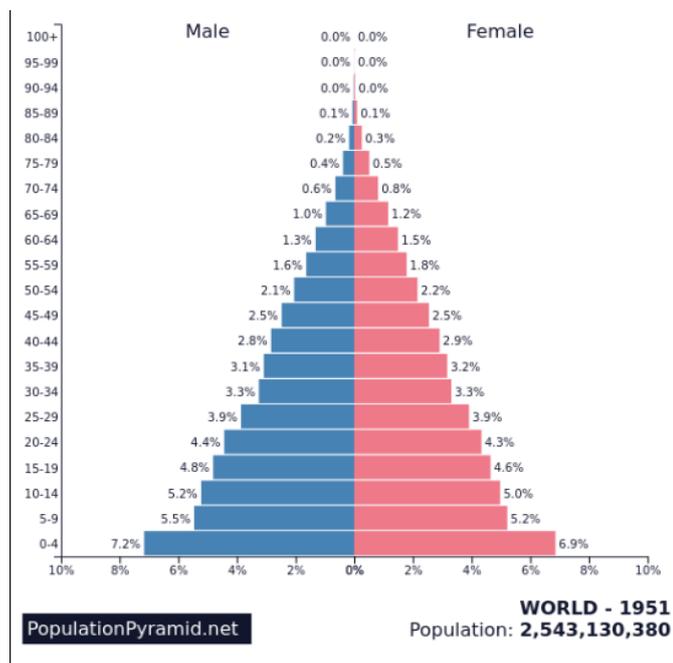
Como abordado no referencial teórico, esta etapa do desenvolvimento se vincula ao momento em que uma família inicia o processo generativo, ou seja, gera descendentes. É importante considerar estudos atuais sobre a inversão da pirâmide etária, porém, uma vez que a generatividade no Brasil, atualmente, tem passado por mudanças significativas.

A extensão da pirâmide representa um avanço no desenvolvimento social, posto que demonstra o alargamento da expectativa de vida. Todavia, de forma lógica, a inversão significa que existem mais pessoas envelhecendo do que nascendo. Essa informação é válida dentro desta pesquisa, especificamente dentro desta fase do desenvolvimento, pois existe margem para supor que a geração de adultos atual, em sua maioria, não está gerando descendentes. Ademais, cabe o questionamento: para onde está indo a energia criativa e geracional? Ora, possivelmente para o trabalho e a carreira!

Esta hipótese se vincula com o conflito abordado pelo participante J., posto que, apesar de não ter filhos com sua companheira, gerou uma tese de doutorado. Tese esta que se apresentou ao longo de sua entrevista como conflito central da fase que está vivendo. Já participante S., embora tenha duas filhas, efetivamente, também aborda com certa frequência aspectos de trabalho e carreira.

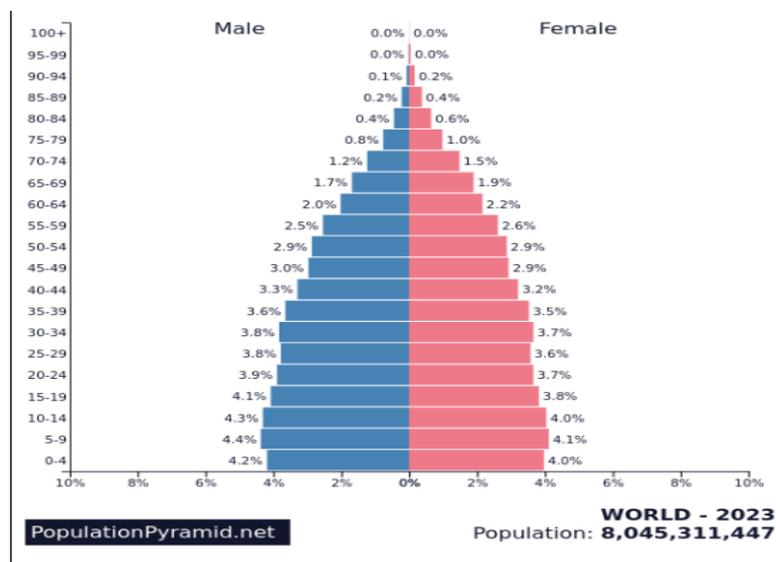
Para fins ilustrativos e de análise, serão apresentadas duas pirâmides etárias mundiais: a primeira (figura 5) do ano de 1951, quando a teoria do desenvolvimento psicossocial começou a ser elaborada, e a segunda (figura 6) de 2022, ano do último censo (IBGE, 2022). Esteticamente falando, a mudança na topografia das duas pirâmides já causa certa curiosidade, posto que a pirâmide atual sofreu alterações expressivas em sua forma – embora continue com suas características piramidais.

Figura 5 – Pirâmide etária de 1951



Fonte: Organização do site *populationpyramid.net* com base nos dados do IBGE, 2023

Figura 6 – Pirâmide etária de 2023



Fonte: Organização do site *populationpyramid.net* com base nos dados do IBGE, 2023

A pirâmide etária apresenta dados que tornam possíveis diversas hipóteses no que diz respeito ao desenvolvimento social, seja por região, país ou mundialmente. Como exposto anteriormente, a comparação entre as duas pirâmides demonstra uma evolução no que concerne a expectativa de vida, posto que em 1950 a média de expectativa era entre 85 e 89 anos. Já em

2023, a expectativa subiu em 5 anos. Entretanto, para a fase do desenvolvimento analisada nesta seção, gostaria de chamar a atenção para a diminuição significativa de recém-nascidos (0 a 4 anos). Em 1951, bebês entre 0 e 4 anos representavam, em média, 7% da população mundial, diminuindo em média 3% ao longo destes 72 anos e demonstrando o início do fenômeno denominado “inversão da pirâmide etária”. A inversão estará completa quando a população idosa for maior que a população recém-nascida.

Estes dados são muito interessantes para esta fase do desenvolvimento, posto que uma das hipóteses para a ocorrência deste fato é a diminuição do interesse de casais em ter filhos, ou ter mais de um filho. Esta perspectiva contrasta com a ideia da teoria psicossocial, posto que este seria o estágio em que os adultos mais maduros se preocupariam com a generatividade e continuidade de suas famílias a partir do nascimento de herdeiros, ideia esta que condiz com a pirâmide etária de 1951, quando a teoria teve seu início. Em 1951, a porcentagem de recém-nascidos era marcadamente a maior dentre todas, o que significa que haviam muitos nascimentos naquele momento.

Esta diferença marcante em apenas 72 anos de história coincide com a presença mais constante e sólida, por exemplo, da mulher no mercado de trabalho e das mudanças sociais e familiares advindas do capitalismo. Vale ressaltar que a diminuição do interesse em ter filho não representa uma causa direta que levaria os indivíduos adultos contemporâneos a viver o polo da estagnação, segundo o conflito da fase. Evidente que diversos adultos, de fato, vivenciam mais experiências de estagnação do que de generatividade, entretanto, adultos que optam por não ter filhos não necessariamente estão “estagnados” em seu próprio desenvolvimento. Como abordado anteriormente, possivelmente são adultos que estão direcionando sua energia criativa para outra atividade.

4.7.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase

As categorias para análise de discurso do material coletado ao longo das entrevistas foram determinadas a partir das próprias palavras-chave utilizada nas perguntas desta. As categorias, portanto, que foram definidas, apresentam-se no quadro 16.

Quadro 16 – Categorias: sétima etapa do desenvolvimento

Categorias	J. 43 anos (masculino)	S. 48 anos (feminino)
Compreensão individual sobre	“[...] São capacidades que a sociedade construiu, embora tenha	“[...] As pessoas vão se desenvolver, tanto

desenvolvimento humano	repartido de maneira desigual. [...] É a esperança que a gente tem de civilidade, de equilíbrio, de trato. E também as relações culturais. E aí também desenvolver as potências das nossas capacidades fisiológicas e intelectual.”	financeiramente quanto profissionalmente, vão se desenvolver no mercado de trabalho. [...] Também é as pessoas terem uma mente mais aberta, mais volúvel, ter uma aceitação melhor da realidade, [...] viver em sociedade melhor.”
Experiências marcantes	“[...] Comecei a dar aula no colégio. [...] Entrei no doutorado, abandonei essa escola e fui fazer dedicação exclusiva. [...] Tive uma crise de pânico horrível. [...] Foi nesse período que encontrei a minha esposa. [...] Fui começando a me sentir legitimado a tratar daquele assunto, e o pânico foi embora, sabe? Eu tinha super confiança para fazer. [...] Teve a qualificação, ela foi depois anos depois, já estava com 35, apanhei bastante, [...] cheguei em casa destruído, e isso estabeleceu um novo rumo do meu trabalho. [...] Com 37 eu defendi a tese e trabalhei um pouco como professor eventual. [...] Casei no final de 2015. [...] Não rolou muito bem trabalhar como professor eventual, [...] aí me chamaram para dar algumas aulas	“[...] Foram mudanças de situação financeira, também a independência, autonomia, saber me expressar mais, [...] saber lidar com o perdão e saber lidar comigo mesma. [...] Mais paciência, saber ser mãe também. [...] Saber lidar com a dificuldade das meninas [filhas], saber trabalhar com elas. [...] Minha filha fazendo faculdade, fiquei tão orgulhosa, parece que a gente está se realizando no filho. [...] Não nasceu neto, não nasceu mais filho, então o resto é tudo bem rotineiro. Aos 32 engravidei da segunda filha. [...] Teve também a conquista da minha casa própria, a minha habilitação de motorista. Um

	na universidade. Foi uma experiência bacana.”	monte de situação de autonomia, porque também abrimos a nossa empresa.”
Desafio(s) de maior intensidade vivido no último ano	“Me preparar para ser doutor. Me entender enquanto doutorando, enquanto intelectual e agente capaz de produzir uma tese.”	“Foi um caso com a M. [primeira filha]. [...] Ela se envolveu com uma pessoa que não era de agrado nosso. [...] Você saber aceitar, saber como arrumar meios de você aceitar, porque se você bate de frente eu ia perder ela, tanto pro mundo quanto pro rapaz. [...] Eu criei ela em uma redoma de vidro. [...] Esse foi meu erro, tudo eu resolvia pra ela, e a B. [irmã] não, ela resolve as coisas dela sozinha. [...] A gente teve uma grande rede de apoio, orientaram a gente para não brigar, para acolher. [...] No último ano o maior desafio está sendo a construção da minha casa. [...] Está sendo um desafio abdicar de algumas coisas para construir isso.”
Reação frente ao(s) desafio(s)	“Olha... depois do doutorado é difícil, assim, porque o mundo é fechado nesse meio Teve uma conjuntura bem negativa depois disso, e foi uma coisa horrível. [...] Fiquei muito abalado.”	“[...] Cada dia é um desafio diferente, busco sempre a melhor solução para cada um deles. Depois dos filhos cada dia é uma novidade e

		um desafio. Tem que aprender como ser mãe.”
Solução (ou tentativa de) para o(s) desafio(s)	“Comecei a ir na psiquiatra e, na época não fazia terapia ainda, comecei a tomar alguns medicamentos e passou.”	“Eu sempre procuro orientação, ou então peço para Deus, oro muito, peço sabedoria. [...] Eu procuro sempre estar me orientando, buscando... eu reflito bastante.”

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

Segundo Erikson (1998), o sétimo estágio do desenvolvimento diz respeito ao momento em que os casais formados no estágio anterior (intimidade *versus* isolamento) buscam compor suas próprias famílias, de maneira que se inicia o processo de constituição familiar a partir da união de dois egos íntegros – egos estes que superaram, cada um à sua maneira, os conflitos das fases anteriores. A constituição familiar, portanto, será baseada nos vínculos afetivos estabelecidos no decorrer da vida. O casamento também merece destaque nesta análise, posto que representa a oficialização da união que, possivelmente, iniciou-se na etapa anterior.

É uma etapa que remete ao matrimônio e a chegada dos filhos, como já citado anteriormente. É possível identificar essa relevância no relato da colaboradora S., uma vez que, dentre as experiências marcantes, está a chegada das duas filhas, bem como o desafio de maior intensidade vivenciado também é um assunto que diz respeito sua filha. A colaboradora afirma sentir que se realiza em sua filha, posto que a primogênita cursa faculdade e está trilhando um caminho profissional.

Por outro lado, o colaborador J., que não teve filhos até o momento da entrevista, demonstra que sua energia criativa, característica da fase, foi direcionada para suas atividades acadêmicas, posto que concluiu seu mestrado e seu doutorado no processo. Embora também tenha se casado, coincidindo com o que é esperado do estágio de desenvolvimento que se encontra, não verbalizou ou demonstrou, ao longo da entrevista, desejo em ter filhos – pelo menos, não por ora. O que não significa que J. esteja vivendo o polo de estagnação do conflito, posto que houve, simbolicamente, o nascimento de um projeto, no formato de uma tese de doutorado.

Pensando nos dados apresentados sobre as pirâmides etárias, J. pode ser um exemplo de adulto que tem utilizado sua energia criativa para situações voltadas para o trabalho e os

proventos tanto de sua família quanto de seu intelecto. O que também acontece no caso de S., uma vez que, apesar das filhas serem uma experiência marcante, também traz como experiência a aquisição de maior independência com o desenvolvimento de sua empresa/comércio. Portanto, questões de trabalho, proventos e independência financeira estão presentes em ambos os relatos, independentemente da existência ou não de filhos. Portanto, é possível pensar em uma hipótese em que, atualmente, esta etapa do desenvolvimento também aborde a vida profissional e a carreira como aspectos relevantes da vivência destes adultos.

Apesar de experiências diferentes, ambos colaboradores abordam grandes temas bastante similares: a união com uma pessoa, o nascimento de algo importante – sejam filhos ou uma tese – e a relevância de estar inserido no mercado de trabalho. Portanto, o estágio descrito por Erikson não está ultrapassado, embora possa ser repensado e reformulado em pesquisas futuras.

Outro aspecto que chama a atenção nos relatos também são as estratégias para solução de conflitos, uma vez que ambos buscam um auxílio externo. S. busca solução no divino ao rogar a Deus por uma “iluminação” ou em agentes externos, como amigos e familiares, também com o propósito de encontrar alguma alternativa viável para enfrentar seus desafios. Já J., sua alternativa foi a busca por auxílio médico, posto que realizou consultas com uma profissional psiquiatra afim de identificar e resolver suas crises de ansiedade decorrentes da tomada de consciência de que deveria redigir uma tese.

Vale ressaltar que nenhuma dessas estratégias são inválidas. Ambas dizem respeito a adultos que ainda buscam orientação, tal qual adultos da antiguidade questionavam ao Oráculo por alguma solução, resposta ou previsão. Portanto, o comportamento de confiar experiências pessoais a alguém – supostamente – mais sábio não é novo, menos ainda ilegítimo.

4.7.2 A relação da fase com o mito de Prometeu

Apesar do caráter dramático do mito de Prometeu, subjetivamente a narrativa aborda tanto questões de generatividade quanto questões de trabalho, assuntos estes marcantes nas entrevistas com os colaboradores. A generatividade de Prometeu, de acordo com o referencial teórico supracitado, relaciona-se com a preocupação em propagar o conhecimento para a humanidade a partir da liberação do fogo de Zeus – fogo este que, simbolicamente, representa a sabedoria, até então destinada apenas para os deuses.

Portanto, a nível simbólico, a passagem do conhecimento para aqueles que vêm depois, assemelha-se ao que acontece no relacionamento entre genitores e filhos, relação bastante marcada nesta etapa do desenvolvimento. Aqui, a generatividade se vincula tanto com a

chegada dos filhos em si, quanto com a continuidade do conhecimento dos pais a partir da assimilação dos filhos. A passagem do fogo da sabedoria dos mais experientes para os menos experientes.

Já no caso do colaborador J., a disseminação de conhecimento se dá de forma mais literal, posto que a generatividade de seu intelecto está solidificada em uma tese de doutorado, além de também estar presente nas aulas que ministra em universidades. Portanto, tanto simbólica quanto literalmente, o colaborador J. tem como imperativo metodológico a passagem de conhecimento para a comunidade, tanto científica quanto geral. Corroborando com a premissa de que a ausência de filhos não significa ausência de generatividade, menos ainda a ausência de transmissão de conhecimento e sabedoria.

No que concerne propriamente ao trabalho – tema abordado pelos colaboradores –, o mito de Prometeu também aborda conceitos interessantes. É preciso lembrar que, de acordo com a narrativa mitológica, Zeus puniu Prometeu com um castigo eterno, o qual uma ave gigante se alimenta com seu fígado diariamente, enquanto o órgão regenera novamente durante a noite. Além disso, para também punir a humanidade, Zeus entrega a Epimeteu um presente que arruinaria os homens. Portanto, as mazelas e infortúnios presentes na humanidade até os dias atuais seriam decorrentes da abertura da caixa de Pandora, a caixa do Caos.

Desta maneira, o presente de Prometeu, o conhecimento, seria punido com desgraças, infelicidade e ignorância. Entretanto, Hesíodo narra em cantos que o estado deplorável que a humanidade se encontra pode ser amenizado com a dádiva do trabalho. O trabalho do homem honesto e justo seria a forma de atenuar o sofrimento causado pelo audacioso presente de Prometeu.

A relevância do trabalho como meio de adquirir autonomia, independência e dignidade foi abordado pela colaboradora S. ao compartilhar sua satisfação em iniciar um negócio familiar e empresarial. Além disso, o colaborador J. também aborda seus conflitos com o trabalho anterior – o qual possivelmente não refletia seu autoconceito sobre a dignidade de um trabalho – e conta a respeito de seu trabalho como professor universitário, o qual lhe agrada e contribui com seu desenvolvimento tanto pessoal quanto coletivo, posto que a academia promove o crescimento e pensamento crítico de diversos indivíduos egressos nas universidades.

4.8 OITAVA FASE DO DESENVOLVIMENTO – INTEGRIDADE X DESESPERANÇA (A PARTIR DOS 60 ANOS)

A oitava e última etapa do desenvolvimento segundo a teoria psicossocial diz respeito ao momento em que o sujeito busca fazer uma retrospectiva de suas vivências afim de

identificar se sua vida fora vivida com plenitude até o presente momento. Se houveram realizações pessoais, profissionais, familiares e sociais ao longo das etapas anteriores de seu desenvolvimento. Portanto, o conflito é nomeado integridade *versus* desesperança, pois pode sentir ora o prazer em ter vivenciado plenamente, ora a desesperança de não ter realizado aquilo que gostaria em algum momento anterior de sua vida.

É importante o esclarecimento de que, a fim de solucionar o conflito presente, o sujeito passará de um polo ao outro diversas vezes até que encontre o ponto de equilíbrio entre os dois, marcando a maneira como viverá os anos subsequentes de sua vida. Erikson (1998) ainda cita em sua obra uma “nona etapa” do desenvolvimento, a qual ocorre dentro da oitava. Sua característica seria uma sumarização de todas as oito etapas anteriores na vida do idoso.

A seguir, no quadro 17 será apresentado o conflito descrito por Erikson e os principais conflitos abordados pelos participantes com 60 anos ou mais.

Quadro 17 – Expectativa *versus* realidade: oitava etapa do desenvolvimento

Gênero	Conflito esperado	Conflito abordado	Principais descritores
Feminino (M.G.)	Integridade x desesperança	Produtividade x improdutividade	Rotina de cuidados; Trabalho com familiares.
Masculino (A.)	Integridade x desesperança	Produtividade x improdutividade	Aposentadoria; Relação com o trabalho.

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

Os colaboradores não trouxeram de forma espontânea durante a entrevista suas percepções pessoais sobre o processo de envelhecimento e o quanto isso os impacta neste momento, mas responderam quando questionados a esse respeito. Portanto, para esta pequena amostra de dois colaboradores, o conflito mais marcado é, para a colaboradora M.G a necessidade de cuidar daqueles que já cuidaram dela (dois familiares próximos) e para o colaborador A. é a chegada da possibilidade de se aposentar e o que isso significaria para o seu trabalho atual.

O fenômeno “trabalho” permanece presente durante o momento em que, em teoria, seria o do descanso e da reflexão sobre si e sobre a existência. Aqui, trabalho não se limita ao sentido de emprego com rendimentos monetários. O conceito se expande ao ato de direcionar a energia vital e psíquica para proporcionar o bem-estar a outrem, posto que o cuidado rotineiro e recorrente também não deixa de ser um labor que impactará na vida de outro indivíduo tanto quanto impacta a vida de quem o exerce.

4.8.1 Categorias para a análise de discurso da fala dos participantes da fase

As categorias para análise de discurso do material coletado ao longo das entrevistas foram determinadas a partir das próprias palavras-chave utilizada nas perguntas desta. As categorias, portanto, que foram definidas, apresentam-se no quadro 18.

Quadro 18 – Categorias: oitava etapa do desenvolvimento

Categorias	A. 60 anos (masculino)	M.G. 62 anos (feminino)
Compreensão individual sobre desenvolvimento humano	“[...] Começando com o padrão de criança, [...] o desenvolvimento humano é uma aquisição de dados contínuo, de aprendizado, de experiência, de vivências, e isso tudo vai completando, criando uma <i>persona</i> naquele ser humano. [...] As duas grandes conquistas que eu vejo, do ser humano, acontecem basicamente no primeiro ano até a metade do segundo: diria que é a comunicação e a mobilidade. [...] Expressão facial, corporal... depois a linguagem comunicativa no seu idioma nativo e a forma de comunicação varia de acordo com a mídia que você usa. [...] A mobilidade [...] [a criança] começa a se mover sozinha, começa a engatinhar, andar... [...] É você se movimentar. E aí com isso você cria duas coisas: sua autonomia e sua	“[...] Se a gente conseguir parar e refletir, a gente percebe as mudanças das fases do desenvolvimento da gente. [...] Como eu agia quando era adolescente? Muito tímida, muito reservada, tudo me deixava envergonhada, [...] não conseguia nem olhar no olho da pessoa, de tão tímida e fechada que eu era. Mas ao mesmo tempo, existia dentro de mim uma necessidade muito grande de comunicação. [...] Então a gente vai vendo que, a medida que você vai se abrindo, dando chance para você aprender, para você conhecer, acolher o outro, que você tem amigos, mas nem todos são iguais. [...] É gostoso quando você vai percebendo que você vai crescendo em todas as fases da sua vida. [...] O relacionamento com as pessoas no ambiente de escola, e depois no ambiente de

	<p>independência. É uma curva na vida que começa pequena e em um crescente, ao longo da vida, começa a decrementar. Tem a redução da autonomia, redução da mobilidade. [...] O desenvolvimento é uma grande curva que não para e, assim, hoje a gente vê, quem está antenado, conectado, continua mantendo seu nível de funcionalidade social.”</p>	<p>trabalho... Interessante. Eu acho que o ser humano vai crescendo a medida do tempo e à medida que ele vai observando e buscando dentro dele.</p>
<p>Experiências marcantes</p>	<p>“O contexto que nós estamos vivendo de pandemia e pós-pandemia. A mudança da questão da forma de trabalhar. [...] De passar do trabalho presencial, de ir para a fábrica todos os dias, de ir trabalhar, voltar, e passar para o trabalho <i>home office</i>, que você está no seu ambiente de moradia, seu ambiente familiar, e de repente você entra no ambiente corporativo através de uma telinha. [...] Outra coisa marcante que começo a ver foi que, passando dos 60, começo a aplicar a legislação de idoso. Então tem o crachá no carro que tem vaga garantida nos lugares que vou, a carteira</p>	<p>“[...] Foi o teatro, o cinema, rádio. [...] Eu rompi a minha timidez me lançando a essas coisas. [...] Toda vida eu me lancei para viver experiências. [...] E depois, os filhos! Casar... todas essas experiências foram, tudo coisas que eu não tinha planejado. Para mim, eu não queria casar. Era uma experiência que eu não queria viver. O que tinha na minha mente era viajar, passear, conhecer lugares, conhecer pessoas. [...] Eu queria ser livre. Quando na verdade, a gente se torna livre naquilo que a gente faz quando tem amor. E aí eu compreendi isso, e sempre coloco as minhas coisas diante de Deus. Então pensei ‘se for</p>

	<p>do ônibus que eu posso usar se houver necessidade. [...] Eu até brinco com a turma, que ‘tenho meu crachá de ‘véio’ [sic], posso estacionar na vaga azul’. [...] Hoje eu estou com 60, continuo trabalhando, meus filhos estão criados, tenho netos [...] tô no gás! [...] A gente começa a ver que a curva da independência e da autonomia já virou e nós sabemos para onde vai a curva, né... [...] O que eu senti foi essa mudança. [...] Não tem almoço grátis!”</p>	<p>para casar, então que o Senhor coloque alguém muito especial na minha vida!’ Então tudo que eu fiz, eu acreditei que valia a pena, então me lancei! [...] Eu só queria a experiência, porque me sentia capaz e o fato de você se sentir capaz de realizar alguma coisa já dá uma realização muito grande. Tudo já contribui para a nossa maturidade.”</p>
<p>Desafio(s) de maior intensidade vivido no último ano</p>	<p>“[...] A questão de aposentadoria. [...] Vejo pessoas da minha idade que já estão aposentadas, estão no mesmo patamar de independência e autonomia e arrumam coisas pra fazer. [...] Hoje o trabalho ocupa uma quantidade razoável da minha realidade cotidiana, mas tem outras atividades que eu tenho e que algumas delas até fica um pouco a parte, por exemplo, ver os netos crescendo. [...] Mas ao mesmo tempo você tem a condição financeira, [...] então você tem que pesar a condição</p>	<p>“[...] É o tempo de doação. Meu tempo de doação de cuidar do outro. [...] Esquecer minhas vontades para que o outro tenha uma vida de qualidade é muito duro. Às vezes saio de casa e penso ‘eu não vou aguentar...’, [...] mas eu aguento! Mas só eu sei o preço que eu pago todos os dias de manter uma rotina de cuidado para que o outro fique bem. E é tão engraçado, porque osso não me vem na cabeça como algo no sentido ‘ah, eu preciso ser grata pelo o que a pessoa me fez’, [...] Eu não sei explicar o que é, mas</p>

	<p>financeira versus qualidade de vida. [...] É um desafio equacionar essa questão.”</p>	<p>eu tenho necessidade de cuidar deles. [...] É a minha história! Minha mãe é minha história, eu não posso negar. Meu tio é minha história. Eu preciso cuidar da minha raiz. [...] Um negócio assim, meio divino. [...] Eu cuido porque eu cuido. [...] É tão divino o fato de você cuidar do outro sem você precisar de elogio, sem precisar que outra pessoa alimente o seu ego. [...] Eu não gosto de rotina, [...] e essa rotina me é cara. [...] Em nenhum momento eu desejo que eles descansem, eu desejo que eles descansem enquanto vivos. Que eu alivie a dor da minha mãe, que cuide do meu tio, que dê força e ânimo para eles. Porque eles fazem parte de mim, não tem como separar.”</p>
<p>Reação frente ao(s) desafio(s)</p>	<p>“[...] Por um lado, eu tenho a questão, é, que eu vejo, da justiça social, [...] que não é para a minha pessoa, mas para a população geral. [...] Você paga muito por muito tempo para receber pouco por um certo tempo, então... esse retorno, esse investimento, se olhar do</p>	<p>“[...] Eu morro de dó de ver eles na situação, mas também não sou melosa, não trato eles como coitadinhos. Pelo contrário, às vezes eu desafio eles. Minha mãe principalmente, eu brigo com ela, discuto uma situação para ela poder se manter mãe, se manter firme.”</p>

	aspecto financeiro, é um não retorno. Isso é uma coisa que me incomoda bastante.”	
Solução (ou tentativa de) para o(s) desafio(s)	<p>“Esse desafio ainda me parece sem solução porque estamos mantendo bastante a rotina do trabalho. [...] A pergunta que todo mundo faz ‘você não vai parar de trabalhar?’ e eu falo que de cabeça ainda tenho lenha para queimar’. [...] Sei que fisicamente tenho que dar uma maneirada. [...] Uma outra proposta de iniciar uma segunda carreira e mudar de atividade.”</p>	<p>“Olha... aí entra a fé. [...] Quando estou desistindo, eu sinto que tudo se renova dentro de mim. [...] É no meu interior que acontece essa mudança. [...] Sempre penso ‘é o tempo que ele tem que passar... é o tempo de conquista dele para algo maior’. [...] Isso me leva a crer em um Deus que cuida da gente que está de olho em cada coisa que a gente passa.”</p>
Retrospecto da vida	<p>“[...] Tive muitas experiências em termos de família, em termos de trabalho, que foram muito positivas. Experiências pessoais de dificuldade e superação. [...] Os meus filhos que já têm filhos, a preocupação que eles têm com a formação, com a cultura, boa educação, e isso é um fruto de toda essa minha vivência, minha carreira de vida. Cada carreira é singular e própria, então, vamos dizer, as pessoas falam que eu sou muito resolvedor de problemas e buscador de resultados. [...] Em relação a minha experiência de</p>	<p>“Olha... esses tempos atrás eu estou sentindo que a maturidade chegou, que a idade chegou... Já sinto no corpo algumas limitações, porque assim, se eu puder não fazer eu não faço. Antigamente não era assim. [...] Estou colocando valores nas coisas, estou ponderando as coisas, estou selecionando aquilo que eu quero fazer. [...] Eu penso ‘será que vale a pena viver essa situação?’. Quanto tempo a gente fica sem ver uma pessoa que a gente gosta porque ‘ah, amanhã eu vou ver, depois</p>

	<p>vida, é... eu fui atrás, fui buscar resultados e resolver problemas. [...] O relógio não para e a gente tem que trabalhar internamente para aceitar essas questões que a vida apresenta para a gente. [...] Muitas vezes é trabalhar suas perspectivas de crença, de fé, e também do que é êxito, o que é sucesso. [...] Não posso reclamar, [...] eu acho que tenho uma vida muito confortável, muito exitosa, e o diferencial que eu vejo é que consegui transmitir isso para os meus filhos. [...] Ver a questão ética, moral, de direção, honestidade... tudo isso eu vejo como resultado de uma base... uma plantinha que foi plantada lá atrás agora está gerando frutos. [...] A vida até agora foi muito boa para mim, não posso reclamar não.”</p>	<p>de amanhã eu vou ver’... e outra coisa, valorizar a pessoa que está perto de você! Valorizar as pessoas com quem você se relaciona! Para mim isso hoje está muito latente, muito gritante. [...] [sobre discussões e brigas] São coisas que a gente vai aprendendo que não vale a pena. Então me pego muito percebendo que sou parecida com minha mãe, porque desde muito cedo sempre fui muito madura. Assim aprendi a conquistar as coisas sempre baseada em valores. [...] Não acho que vivi pouco. Acho que cuidei de mim, me protegi de muitas coisas.”</p>
--	---	---

Fonte: dados da pesquisa (própria autora, 2023)

A visão particular que cada colaborador tem sobre o desenvolvimento humano é bastante interessante, uma vez que se complementam. Ao passo que o colaborador A. aborda o assunto de forma mais abrangente, destacando as experiências universais de desenvolvimento, como a aquisição da linguagem (comunicação) e da motricidade, a colaboradora M.G traz o foco na perspectiva individual, elaborando em sua fala a relevância de perceber o próprio amadurecimento, sem desconsiderar a participação de terceiros neste processo, como familiares e amigos.

Portanto, refletindo sobre a percepção de cada um, não é possível adquirir linguagem e movimentação sem a participação de terceiros. Nos primeiros anos de vida, é preciso que alguém cuide da criança para que ela possa, à medida que se desenvolve, adquirir também sua autonomia e sua independência. Entretanto, o desenvolvimento não cessa na infância! Faz-se necessário que haja relações interpessoais para a continuidade do processo de maturação, de modo que o indivíduo se perceba enquanto sujeito de si, dotado de potencialidades e habilidades.

Partindo para as experiências marcantes e os desafios dos colaboradores, é possível identificar, como citado anteriormente, a presença marcante ainda do trabalho. Abordando as respostas do colaborador A., ele demonstra em sua fala a preocupação com a chegada da possibilidade de se aposentar. Sua preocupação gira em torno tanto do ócio quanto da diminuição salarial que acompanha a saída da empresa em que trabalha. Portanto, por ora a sua escolha permanece na continuidade do exercício profissional, mesmo atingindo idade suficiente para requerer sua aposentadoria. O colaborador A. traz essa situação como principal desafio desde que completou seus sessenta anos.

Já a colaboradora M.G. tem um conflito também relacionado a trabalho, mas não ao exercício profissional, como é o caso do colaborador A., e sim ao trabalho com o cuidado de seus familiares mais idosos. O labor em cuidar não deixa de ser um trabalho, posto que também exige atenção e rotina – rotina esta que a colaboradora expressou não gostar, uma vez que a atividade cíclica e repetitiva não lhe agrada. Porém, neste caso, é preciso manter a práxis do cuidado a fim de proporcionar melhor qualidade de vida a seus entes queridos.

É possível observar, portanto, as experiências coincidentes no que concerne a continuidade do trabalho mesmo com o avanço cronológico, avanço este sentido pelos próprios participantes quando narram a percepção da mudança física em seus corpos, como por exemplo o colaborador A. diz “[...] sei que fisicamente tenho que dar uma maneirada”, e a colaboradora M.G. traz a fala “[...] esses tempos atrás eu estou sentindo que a maturidade chegou, que a idade chegou... Já sinto no corpo algumas limitações, porque assim, se eu puder não fazer eu não faço”.

Entretanto, a forma de vivenciar esta experiência voltada ao trabalho se dá de forma diferente para cada um. O participante A. afirma ainda ter “[...] lenha para queimar” quando diz sobre trabalho, ao passo que M.G. verbaliza sobre seu cansaço e renovação interior por saber que este trabalho precisa ser feito. Ainda assim, a percepção física da maturidade de ambos se dá de maneira parecida.

Já em relação ao conflito destacado pelo oitavo estágio do desenvolvimento propriamente, ambos os colaboradores demonstraram satisfação e realização com o desenrolar de suas vidas e suas experiências, de forma que conseguiram, de acordo com seus relatos, realizar aquilo que almejaram e, além disso, sentiram autenticidade e expressão de si mesmo com seus feitos pessoais.

Como o colaborador A. colocou em sua fala: “[...] as pessoas falam que eu sou muito resolvedor de problemas e buscador de resultados. [...] Em relação a minha experiência de vida, é... eu fui atrás, fui buscar resultados e resolver problemas”. Quanto a colaboradora M.G., é possível identificar sua satisfação pessoal em relação às experiências passadas no excerto: “[...] Aprendi a conquistar as coisas sempre baseada em valores. [...] Não acho que vivi pouco. Acho que cuidei de mim, me protegi de muitas coisas.”

Os dois colaboradores vivenciam a chegada da terceira idade agradecidos pelas experiências que a vida os proporcionou até o momento, apesar do desafio da aposentadoria para A. e do desafio do cuidado de M.G., uma vez que suas vivências passadas refletem, atualmente, tanto na maneira como enxergam esta nova etapa da vida, quanto na maneira como seus filhos vivenciam suas respectivas fases do desenvolvimento também, como ressalta A.: “eu acho que tenho uma vida muito confortável, muito exitosa, e o diferencial que eu vejo é que consegui transmitir isso para os meus filhos. [...] Ver a questão ética, moral, de direção, honestidade... tudo isso eu vejo como resultado de uma base... uma plantinha que foi plantada lá atrás agora está gerando frutos.”

4.8.2 A relação da fase com o mito de Sísifo

O mito de Sísifo carrega consigo algumas possibilidades de interpretação. Dentre elas, está a interpretação do trabalho contínuo. Relembrando a narrativa do mito, Sísifo fora castigado a um trabalho infinito: carregar uma pedra desde o pé até o alto de um cume no submundo, uma vez que desrespeitou os deuses, gerando caos e desequilíbrio. O sentido do mito empregado na análise desta etapa do desenvolvimento não diz respeito ao castigo divino, e sim ao trabalho incessante.

Como analisado na subseção anterior, os colaboradores A. e M.G. possuem ainda tarefas que precisam ser executadas em sua rotina para garantir a qualidade de vida de pessoas importantes em suas respectivas vidas. No caso de A., ele aborda a qualidade de vida que deseja garantir para si, para seus filhos e netos. Já M.G. ressalta a qualidade de vida de dois familiares importantes para ela. Portanto, ambos possuem trabalhos os quais não planejam, por ora, deixar de exercer.

Apesar da conotação punitiva que o mito de Sísifo carrega, ambos trabalhos narrados pelos colaboradores não deixam de possuir dois atributos encontrados também na narrativa mitológica: a repetição ocasionada pela rotina – seja no exercício profissional, seja nos cuidados – e o volume de trabalho mesmo com o passar do tempo. Desta forma, apesar de serem participantes do último estágio do desenvolvimento, estágio este em que, supostamente, espera-se a finalização de atividades que exigem mais esforço mental e físico e aumento de atividades mais reflexivas, voltadas para a rememoração das experiências passadas e vivências vindouras, são adultos idosos que se mantêm no cumprimento de tarefas que exigem ainda esforço físico.

Tanto na narrativa mitológica de Sísifo quanto na vida particular dos participantes, o momento de descanso merecido após um longo período de labor apenas virá quando as atividades estiverem concluídas. Entretanto, o colaborador A. se sente em conflito em cessar estas atividades profissionais, e um dos motivos é o ócio em potencial que supõe que irá sentir. Desta forma, o esperado descanso assume uma conotação quase negativa, o qual remete a uma noção de falta de utilidade social.

Já no caso de M.G., o descanso de suas atividades laborais com o cuidado de seus familiares se dará, segundo seu relato, com o final definitivo da presente situação; descanso este possivelmente marcado pelo sentimento de luto, ao mesmo tempo pelo sentimento de dever cumprido. Em uma dimensão simbólica, ambos colaboradores, mesmo em um suposto momento de contemplação da vida, encontram-se ainda erguendo e empurrando a pedra do labor por necessidade de manter a qualidade de vida de seus familiares.

Já em relação ao conflito da fase propriamente dito, é necessário voltar na narrativa de Sísifo e relembrar o momento em que, enganando os deuses, o rei se esconde e vive de maneira plena sua vida adulta e velhice até chegar o momento de entregar-se a morte pela terceira vez. Portanto, o rei Sísifo, antes de ser castigado pelo trabalho eterno de carregar a pedra ao alto do cume, experiencia o polo de integridade do conflito apresentado por Erikson, visto que termina seus dias de forma tranquila e agradecida, de acordo com o mito.

Da mesma forma, os colaboradores vivenciam esse momento de reflexão e gratidão pela vida vivida até os 60 anos, abordando com afeto a dedicação ao trabalho, as experiências vividas ao longo dos outros estágios do desenvolvimento, a constituição de uma família, a criação dos filhos, dentre outras experiências pessoais de valor afetivo e simbólico de cunho individual. A integridade do ser humano não é produto direto de uma vida abastada, de alto rendimento e grandes feitos, e sim é resultado da maneira como cada sujeito sente que pôde deixar suas particularidades no meio em que está inserido. No caso dos colaboradores, a integridade é

sentida a partir da criação dos filhos e da execução satisfatória do trabalho, seja ele profissional ou pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada apresentou alguns dados interessantes acerca do desenvolvimento psicossocial que merecem destaque. A colonização do pensamento é um dentre outros assuntos que devem ser abordados nas considerações finais, haja vista a possibilidade de se estudar empiricamente este fenômeno, como foi abordado no referencial teórico desta pesquisa. O que torna a Mitologia Grega a mais acessível para a população brasileira pode ser alvo de investigação para futuros estudos quanto à mitologia.

Algumas hipóteses que justificam esse fato foram expostas, como por exemplo a maior divulgação e maior produção literária que abarca esta mitologia. Obras infanto-juvenis com essa temática podem atrair jovens no sentido de consumir mais a produção – em teoria – grega. Porém, esse fenômeno também pode ser positivo, posto que a inserção nesse tipo de conteúdo por motivar jovens a buscarem por outros tipos de mitologia, ampliando assim seu repertório e incentivando a leitura e estudo de mitologias orientais, não apenas ocidentais.

Outro ponto de destaque nos resultados desta pesquisa é o fato de, talvez, não ser mais cabível separar as etapas do desenvolvimento humano de forma cronológica, posto que em diversas fases aqui apresentadas, os colaboradores relataram experiências e desafios que dizem respeito a etapas posteriores, havendo, portanto, um adiantamento de etapas do desenvolvimento. Portanto, apesar de separados cronologicamente – possivelmente pela didática – esta é uma divisão que, atualmente, talvez tenha perdido um pouco de sua função, uma vez que o mais importante para o desenvolvimentista é identificar a etapa do desenvolvimento em que o sujeito está através das suas experiências de vida e sua forma de solucionar conflitos, e não por meio da idade cronológica que o sujeito tem. Mostra-se importante uma atualização dos estudos de Erikson, haja vista que existem novos fenômenos sociais e novos conflitos a serem estudados. A sociedade dos anos 1950 se difere em muitos aspectos da sociedade dos anos 2020.

As entrevistas desta pesquisa foram separadas em ordem cronológica, ou seja, um dos critérios para inclusão dos participantes foi a faixa etária para identificar o momento do ciclo da vida em que estavam inseridos. Contudo, após dados fornecidos por colaboradores, é notório que diversos sujeitos não se limitam às barreiras da idade para vivenciarem seus conflitos. Faz-se importante lembrar que a amostra selecionada é concernente a uma pesquisa qualitativa e, portanto, não buscou estabelecer padrões de vida de coletividades, e sim analisar simbolicamente a narrativa abordada por cada colaborador. Desta forma, não é possível afirmar que existe, em todas as fases um adiantamento de etapas. Porém, é possível afirmar que,

segundo a amostragem investigada na pesquisa, algumas crianças e jovens adultos estão adiantados em seu desenvolvimento.

Um dos fenômenos mais interessantes percebidos na análise de dados da pesquisa é a relação dos sujeitos nas etapas medianas e finais do desenvolvimento com seus respectivos trabalhos. O fenômeno “trabalho” foi um dos descritores que mais apareceu na análise, de forma que é importante refletir sobre a magnitude e relevância do processo laboral na vida dos indivíduos entrevistados. Desde a adolescência até o final da vida adulta, o trabalho não deixa de ser uma preocupação para os participantes, revelando uma característica muito minuciosa e subjetiva do valor do trabalho no século XXI, o qual há o avanço desenfreado da tecnologia e da informação.

Vivemos, atualmente, em uma sociedade voltada para a produção e o desempenho. Sociedade essa caracterizada pela “auto exploração” do sujeito em relação a si mesmo e ao seu trabalho, seja a atividade remunerada ou não. Essa particularidade social contemporânea foi abordada nos últimos quatro grupos do desenvolvimento – a adolescente que gostaria de trabalhar por sentir que a escola tem sido perda de tempo, os jovens adultos mais preocupados com carreira, desenvolvimento profissional e sustento do que com suas relações pessoais, os adultos articulando o tema “trabalho” como sinônimo de sucesso e o idoso (se é que essa nomenclatura o cabe) reafirmando sua vitalidade e expressando o conflito que sente em relação ao assunto da aposentadoria.

Todos esses sujeitos têm em comum a necessidade do trabalho. Não apenas de estar inserido em um mercado profissional, mas também a vontade em continuar inserido neste mercado mesmo que seja o momento de se pensar em descanso. Este fenômeno pode ser um reflexo do sentimento de “inutilidade” que assola o sujeito da produtividade a partir do momento em que este não está produzindo. Portanto, uma outra perspectiva interessante de se estudar – embora não tenha sido objetivo desta pesquisa – é a qualidade da saúde mental da população no que tange essa necessidade de iniciar e se manter nessa vida produtiva. Desta forma, o tema trabalho poderia integrar a teoria Psicossocial, uma vez que se mostra um conflito significativo nas experiências e vivências dos sujeitos.

Considerando o viés mitológico utilizado nesta pesquisa, vale os estudos mais aprofundados dos mitos que abordam essa temática, como o mito de Sísifo, Hércules e também Prometeus, a fim de buscar compreender como a relação entre homem e trabalho fora estabelecida ao longo do desenvolvimento humano, posto que esta não é uma temática atual, muito embora a relação patológica com o trabalho seja.

Em outra perspectiva, pouco se fala sobre a expectativa de ter filhos, por exemplo, que é uma expectativa esperada na sétima fase do desenvolvimento, e muito se fala da qualidade de vida, dinheiro, ganhos monetários e satisfação profissional desde a quinta etapa (adolescência), o que também pode ser analisado a partir das pirâmides etárias abordadas nesta pesquisa. Os sujeitos contemporâneos, em sua maioria (visto a inversão da pirâmide) optam por não ter filhos, e uma das razões é justamente o tempo investido no trabalho e na profissão. Importante ressaltar que não se tratam de escolhas “certas” ou “erradas”, e sim de um fenômeno social que merece atenção.

Já no que diz respeito aos mitos propriamente ditos, e respondendo à pergunta norteadora deste trabalho, fora possível relacionar diferentes narrativas mitológicas da mitologia grega em todas as fases do desenvolvimento, consolidando a pergunta se de fato vivemos mitos ao longo de nosso desenvolvimento e de que forma isso pode auxiliar-nos no infinito processo de amadurecimento. Ao conhecer o herói mitológico que estamos vivendo, pode-se investigar quais atitudes foram tomadas, quais ações foram escolhidas e, assim, basear nossas próprias ações de acordo com aquilo que já foi simbolicamente realizado, possibilitando uma via de reflexão e introspecção que caminha junto ao evento numinoso do mito.

Um outro fenômeno bastante comentado na coleta de dados e pouco trabalhado nesta pesquisa – por não fazer parte dos objetivos específicos – foi o impacto da pandemia de 2020 nos sujeitos entrevistados. Pesquisas referentes a possíveis mudanças na perspectiva do desenvolvimento pós-pandemia seriam de extrema relevância para que possa se compreender objetiva e subjetivamente quais foram os reflexos dos anos de quarentena, *home office*, educação remota e isolamento para a população brasileira – ou, quiçá, mundial.

O mito, independentemente de sua nacionalidade, pode colorir a vida do sujeito em uma perspectiva de promover a ascensão do inconsciente coletivo por vias arquetípicas, propiciando uma experiência numinosa sobre o próprio fenômeno de estar em pleno desenvolvimento. A narrativa mitológica, quando compreendida simbolicamente, pode ter a função de revelar conteúdos ao sujeito os quais dizem respeito a si mesmo e ao seu momento de conflito – já que o desenvolvimento apenas pode ocorrer com a resolução de crises concernentes a cada estágio do desenvolvimento.

Por fim, “de Narciso a Sísifo”, como sugere o título, remonta uma ideia de possível desenvolvimento a partir de uma perspectiva mitológica, abarcando a simbologia presente nos mitos e trazendo ao cotidiano possibilidades variadas da aplicação da narrativa mítica para o cotidiano. Como discutido anteriormente, não há uma regra ou um padrão a ser estabelecido. Os mitos escolhidos para compor este trabalho se deram por uma concordância de palavras e

narrativas. Porém, outros mitos – sejam gregos, sejam de outra cultura – poderiam ser utilizados a partir de novas análises, a partir da participação de outros sujeitos e a partir do momento histórico que cada indivíduo está inserido.

No presente trabalho, os mitos escolhidos dizem respeito a uma grande jornada do herói formada por várias outras jornadas. Cada narrativa selecionada diz respeito a um processo de individuação de diferentes heróis gregos. Começando por Narciso, a figura que remete ao amor-próprio e ao mesmo tempo a necessidade de ser visto – vivência essa observada em bebês em sua experiência narcísica da primeira infância, a qual é possível observar o egocentrismo primordial, o qual o bebê pode fantasiar que o mundo se constituiu no momento de seu nascimento.

Em segundo, a possível busca pelo primeiro vislumbre de independência, o início de um longo processo de afastamento das figuras parentais a fim de descobrir suas próprias potencialidades e possibilidades e, ao mesmo tempo, a angústia de separação, tal qual nos mostra o mito de Deméter e Perséfone, a qual é firmemente afastada de sua mãe. Passando para o momento de maior identificação com uma das figuras e afastamento mais significativo da outra, assim como vive Édipo em seu conflito de amor e ódio em relação aos seus próprios genitores.

Posteriormente, vivenciando a possibilidade de desenvolver asas e se libertar das amarras impostas e voar rumo ao sol com Ícaro – ainda no progressivo afastamento das figuras parentais, buscando suas próprias convicções e experiências, chegando ao momento crucial para o desenvolvimento – a adolescência. Momento este que o sujeito precisará lançar mão de seus recursos sociais e pessoais a fim de vencer seus principais desafios inerentes a esta fase – pertencimento, identidade e relações –, assim como Hércules precisou reunir seu autoconhecimento para vencer todos os trabalhos a ele atribuídos, constituindo também a busca pelo seu próprio *self*.

Aproximando o momento da escolha de um parceiro de jornada, parceiro este que acompanha, desenvolve-se e compreende também a necessidade dos momentos de isolamento para formulação do autoconceito de ambas as partes, remontando ao momento de aproximação e afastamento de Eros e Psiquê em seus desafios impostos pelo meio externo. Alcançando maior estabilidade e vivenciando o momento de generatividade, a qual pode se dar por meio de herdeiros ou por meio do trabalho – trabalho este que Prometeus declarou como sendo a atividade que dignifica o homem após o momento de destruição e reconstrução da humanidade.

Por fim, a chegada no último estágio, o momento de contemplação das vivências anteriores, as quais possivelmente promoverão, dentro de um espectro, acalento ou frustração.

Satisfação ou desespero. Estágio este repetitivo pela rememoração de tantas experiências, assim como o exercício de empurrar a pedra morro acima. É importante ressaltar que Sísifo, antes de sua pedra, ousou fugir do inerente destino de qualquer ser vivo: a morte. A não aceitação deste fato foi o que o levou ao castigo de viver, por toda eternidade, carregando o peso da pedra – o peso do tempo.

A grande jornada do herói, ou da heroína, portanto, na discussão sobre o desenvolvimento, não diz respeito ao alcance da imortalidade característica dos deuses do Olimpo, mas aos desafios impostos pela arte de envelhecer; aos conflitos inerentes de cada nova etapa (ou cada nova jornada) e, sobretudo, a superação de cada adversidade rumo ao crescimento pessoal e à individuação, levando a percepção de que o desafio final é a aceitação da morte. Para além de imaginar Sísifo feliz, é preciso imaginar a si mesmo feliz na chegada à barca de Caronte, rumo ao Hades.

REFERÊNCIAS

- ABEL, B. Mircea Eliade e o mito, **Revista Kaliope**, ano 1, n. 1, 2005, p. 66 – 79. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/view/3141/2073>. Acesso em: 08 de ago de 2023.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. *Snowball* (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. **I Seminário internacional de representações sociais, subjetividade e educação – SIRSSE**. PUC, 2011. Disponível em: Microsoft Word - 2342_ID.doc (bruc.com.br). Acesso em: 03 de jan de 2022.
- BRANDÃO, J. S. Mito, rito e religião. *In: Mitologia Grega – Vol.1*. 26 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- BRANDÃO, J. S. Héracles e os Doze Trabalhos. *In: Mitologia Grega – Vol. 3*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BULFINCH, T. **O livro da mitologia**. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 11 ed. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CAMPO, A. A.; DELANOY, C. P. Análise de discurso enquanto teoria-metodológica para estudos em comunicação: possibilidades e deslocamentos de olhares sob sujeitos, enunciados e contextos. **Revista Intexto**, Porto Alegre, n. 47, p. 251-267, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/83845>. Acesso em: 29 dez 2023.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de conteúdo *versus* análise de discurso. **Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 15(4) p. 679-684, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFctbZDZHgNP/>. Acesso em: 24 de set de 2022.
- CARPIGANI, B. Erik H. Erikson – Teoria do desenvolvimento psicossocial. **Newsletter Carpsi**. 7 ed, 2010. Disponível em: https://www.carpsi.com.br/Newsletter_7_ago-10.pdf. Acesso em: 12 de maio de 2022.
- CHIUZI, R. M.; PEIXOTO B. R. G.; FUSARI G. L. Conflito de gerações nas organizações: um fenômeno social interpretado a partir da teoria de Erik Erikson. **Temas em Psicologia**, 2011, 19(2), p. 579-590. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751438018>. Acesso em: 13 de jul de 2023
- DANTAS, R. Da colonização e da emancipação do pensamento. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, 2011, n. 1. DOI: 10.26512/resafe.v0i1.3890. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/3890>. Acesso em: 17 out. 2023.
- DETHLEFSEN, T. **Édipo – uma interpretação psicoterapêutica da tragédia grega**. São Paulo: Cultrix, 2017.
- ELIADE, M. A estrutura dos mitos. *In: Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva S.A., 1963.
- ERIKSON, E. H. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ERIKSON, E. H. As Oito Idades do Homem. In: ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1971, p.227-253.

ERIKSON, E. H. O ciclo vital: a epigênese da identidade. In: ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 90-141.

FILHO, H. V. “O espelho”, no mito de Narciso, em Machado de Assis e em Guimarães Rosa. **Revista IDE**, n. 30, v. 45, p. 130 – 137, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v30n45/v30n45a17.pdf>. Acesso em: 21 de jul de 2022.

FRANZ, M. L. von. **A Interpretação dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paulus, 1990.

GAIMAN, N. **Sandman: volume 7**. Barueri: Panini Brasil, 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2018.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. 2ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HENDERSON, J. L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, C. G. (1964). **O homem e seus símbolos**. 3 ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016, p. 133 - 205.

HÉRCULES. Direção: Ron Clements, John Musker. Produção de Alice Dewey, Ron Clements, John Musker. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1997. Meio digital.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Home. Cidades e Estados. Ano de referência 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio>. Acesso em: 16 de ago de 2022.

JAFFÉ, A. **O mito do significado na obra de Carl. G. Jung**. 2ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2021.

JUNG, C. G. (1953). **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11 ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. (1964). **O homem e seus símbolos**. 3 ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

KAST, V. **Sísifo – Vida, morte e renascimento através do Arquétipo da Repetição Infinita**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

LEITE, A. A. de M; SILVA, M. L. Um estudo bibliográfico da teoria psicossocial de Erik Erikson: Contribuições para a educação. **Debates em educação**, v. 11, n. 23, p. 149 – 168, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6332/pdf>. Acesso em: 9 de abr de 2022.

MADDALENA Jr., H. A beleza incomparável do mito da origem do inverno. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 28, 28 de julho de 2020. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/28/a-beleza-incomparavel-do-mito-da-origem-do-inverno>. Acesso em: 19 de out de 2023.

MANZINI, E. J. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. *In: Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos*. Bauru. Anais. Bauru: USC, v. 1. p. 01-10, 2004.

MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. (1994). **Pesquisa Social** – Teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOTA, M. E. Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica. **Revista Temas em Psicologia**, v.13, n.2, p. 105 – 111, 2005. Disponível em: Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica (bvsalud.org). Acesso em: 17 de jan de 2022.

NEUMANN, E. **Eros e Psiquê – amor, alma e individuação no desenvolvimento do feminino**. 2ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

RUBINI, R. Feridas psíquicas, Jung e Narcisismo. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. v. 38, n.1, p. 41 – 56, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v38n1/03.pdf>. Acesso em: 28 de jul de 2023.

SERBENA, C. A. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. XVI, n.1, p. 76 – 82, 2010. Disponível em: v16n1a10.pdf (bvsalud.org). Acesso em: 19 de jan de 2022.

SÓFOCLES. Édipo Rei. *In: Édipo Rei – Antígona*. São Paulo: Martin Claret, 2015.

TRINCA, W. Visão geral do campo das técnicas de apercepção temática e de desenho livre. *In: Investigação clínica da personalidade – O desenho livre como estímulo de apercepção temática*. 2 ed. São Paulo: EPU, 1987.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Revista Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/16320788/A_Amostragem_em_Bola_de_Neve_na_pesquisa_qualitativa_um_debate_em_aberto. Acesso em: 21 de abr de 2022.

APÊNDICE A – Questionário Demográfico

1) Questionário demográfico para os pais dos participantes de 1 mês a 12 anos:

- 1) Idade
- 2) Sexo
- 3) Escolarização
- 4) Posição de nascimento

2) Questionário demográfico para os participantes de 13 a 18 anos:

- 1) Idade
- 2) Gênero
- 3) Escolarização
- 4) Orientação sexual

3) Questionário demográfico para os participantes de 18 a 60 anos:

- 1) Idade
- 2) Gênero
- 3) Orientação sexual
- 4) Estado civil
- 5) Escolarização/formação
- 6) Profissão/ocupação

APÊNDICE B - Roteiro para entrevista

ROTEIRO 1 - PARA RESPONSÁVEIS DE CRIANÇAS DE 1 MÊS A 12 ANOS DE IDADE

1-a) Primeira etapa do desenvolvimento (crianças de 1 ano):

- 1) Desde que seu/sua filho/a nasceu, quais foram as experiências mais marcantes vivenciadas por ele e por vocês?
- 2) Qual foi o desafio de maior intensidade que ele/a (o/a filho/a) tenha experienciado nos últimos meses?
- 3) De que maneira vocês percebem que ele/a soluciona, ou tenta solucionar, este desafio?
- 4) Como vocês descreveriam a reação da criança frente a novos desafios?

1-b) Segunda etapa do desenvolvimento (crianças de 2 anos e meio):

- 1) Desde que seu/sua filho/a tem 1 ano e meio de idade até os dias de hoje, quais foram as experiências mais marcantes vivenciadas por ele e por vocês?
- 2) Qual foi o desafio de maior intensidade que ele/a (o/a filho/a) tenha experienciado nos últimos meses?
- 3) De que maneira vocês percebem que ele/a soluciona, ou tenta solucionar, este desafio?
- 4) Como vocês descreveriam a reação da criança frente a novos desafios?

1-c) Terceira etapa do desenvolvimento (crianças de 4 anos e meio):

- 1) Desde que seu/sua filho/a tem três anos até os dias de hoje, quais foram as experiências mais marcantes vivenciadas por ele e por vocês?
- 2) Qual foi o desafio de maior intensidade que ele/a (o/a filho/a) tenha experienciado nos últimos meses?
- 3) De que maneira vocês percebem que ele/a soluciona, ou tenta solucionar, este desafio?
- 4) Como vocês descreveriam a reação da criança frente a novos desafios?

1-d) Quarta etapa do desenvolvimento (crianças de 9 anos):

- 1) Desde que seu/sua filho/a tem seis anos de idade até os dias atuais, quais foram as experiências mais marcantes vivenciadas por ele e por vocês?

- 2) Qual foi o desafio de maior intensidade que ele/a (o/a filho/a) tenha experienciado nos últimos meses?
- 3) De que maneira vocês percebem que ele/a soluciona, ou tenta solucionar, este desafio?
- 4) Como vocês descreveriam a reação da criança frente a novos desafios?

ROTEIRO 2 – PARA OS PARTICIPANTES PROPRIAMENTE DITOS

2-a) Quinta etapa do desenvolvimento (adolescentes de 15 anos)

- 1) Qual sua compreensão pessoal sobre o desenvolvimento humano?
- 2) Desde seus doze anos de idade, quais foram as experiências mais marcantes vivenciadas por você?
- 3) Qual foi o desafio de maior intensidade que você se lembra de ter experienciado nos últimos meses?
- 4) De que maneira você percebe que soluciona, ou tenta solucionar, este desafio?
- 5) Como você descreveria sua reação frente a novos desafios?

2-b) Sexta etapa do desenvolvimento (jovens adultos de 24 anos):

- 1) Qual sua compreensão pessoal sobre o desenvolvimento humano?
- 2) Desde seus dezoito anos de idade, quais foram as experiências mais marcantes vivenciadas por você?
- 3) Qual foi o desafio de maior intensidade que você se lembra de ter experienciado nos últimos meses?
- 4) De que maneira você percebe que soluciona, ou tenta solucionar, este desafio?
- 5) Como você descreveria sua reação frente a novos desafios?

2-c) Sétima etapa do desenvolvimento (adultos de 45 anos):

- 1) Qual sua compreensão pessoal sobre o desenvolvimento humano?
- 2) Desde seus trinta anos de idade, quais foram as experiências mais marcantes vivenciadas por você?
- 3) Qual foi o desafio de maior intensidade que você se lembra de ter experienciado nos últimos meses?
- 4) De que maneira você percebe que soluciona, ou tenta solucionar, este desafio?
- 5) Como você descreveria sua reação frente a novos desafios?

2-d) Oitava etapa do desenvolvimento (idosos de 65 anos):

- 1) Qual sua compreensão pessoal sobre o desenvolvimento humano?
- 2) Desde seus sessenta anos de idade, quais foram as experiências mais marcantes vivenciadas por você?
- 3) Qual foi o desafio de maior intensidade que você se lembra de ter experienciado nos últimos meses?
- 4) De que maneira você percebe que soluciona, ou tenta solucionar, este desafio?
- 5) Como você descreveria sua reação frente a novos desafios?

**APÊNDICE C- Roteiro para solicitação de desenho para os participantes de
2 anos e meio, 4 anos e meio e 9 anos**

Após entrega do material gráfico (folha de papel A4, lápis grafite e lápis de cor), pronunciar as seguintes instruções:

“Você poderia, por favor, fazer um desenho que represente alguma situação ou experiência marcante para você nos últimos meses? O desenho pode ser da forma como você quiser, de qualquer cor, usando qualquer dimensão do papel que lhe entreguei. Quando você terminar, peço que me avise que terminou.”

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “DE NARCISO A SÍSIFO: etapas do desenvolvimento humano à luz da mitologia grega”, sob a responsabilidade da pesquisadora Aline Albuquerque Cirimbelli Souza. Nesta pesquisa pretendemos analisar as experiências de representantes de cada etapa do desenvolvimento humano e vincular ao seu correspondente na mitologia grega a partir da compreensão arquetípica acerca dos mitos por meio de entrevistas semiestruturadas com dezesseis participantes de faixas etárias diferentes.

Para assegurar a confidencialidade, a privacidade e a proteção de sua imagem serão adotados os seguintes procedimentos para manter o sigilo e o anonimato das informações: seu nome não será divulgado em momento algum desta pesquisa, a gravação não será divulgada e a cidade de realização da entrevista não constará no material finalizado.

O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos.

Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem em contribuir para o desenvolvimento de uma nova perspectiva acerca do desenvolvimento humano e os riscos se centram em entrar em contato com conteúdos sensíveis e com carga afetiva, por se tratar de questões pessoais. Entretanto para evitar que ocorram danos, os colaboradores que sentirem necessidade serão encaminhados para o Centro de Psicologia Aplicada da Universidade de Taubaté, onde poderá receber auxílio psicológico. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito a buscar indenização.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a). Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador por telefone **(12) 99146-9724 (ligações a cobrar também serão atendidas)**, e-mail: aline.cirimbelli97@gmail.com. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3624-1657, e-mail: cep.unitau@unitau.br

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 510/16

Aline Albuquerque Cirimbelli Souza

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “DE NARCISO A SÍSIFO: etapas do desenvolvimento humano à luz da mitologia grega”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do(a) participante

Rubrica do pesquisador: _____

ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (8 a 10 anos)

Você quer participar de um estudo chamado “DE NARCISO A SÍSIFO: etapas do desenvolvimento humano à luz da mitologia grega”?

Este estudo é para pretendemos analisar as experiências de representantes de cada etapa do desenvolvimento humano e vincular ao seu correspondente na mitologia grega.

Você só participa se quiser e pode desistir a qualquer momento sem nenhum problema para você.

Caso você concorde, vamos fazer um desenho livre, e vou conversar também um pouco com seus responsáveis.

Os riscos em participar do estudo são mínimos, mas, caso você se sinta chateado(a) com alguma pergunta ou alguma fala, pode me contar para que nós possamos resolver juntos. Caso não seja o suficiente, seus pais serão comunicados.

Sua participação é muito importante para podermos ajudar outras pessoas a entender como os mitos e contos de fadas podem ser importantes para o desenvolvimento delas.

Seu nome não será divulgado em nenhum momento e suas informações serão analisadas junto com as de outras crianças.

Ninguém pode forçar você a participar deste estudo e você pode perguntar o que quiser para mim.

Para qualquer outra informação você ou seus pais/responsáveis podem ligar para o telefone do (a) pesquisador (a) (12) 99146-9724 ou mandar um e-mail para o endereço aline.cirimbelli97@gmail.com.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, tais como a participação não obrigatória, a garantia de não se identificar os participantes, entre outras informações, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3624-1657, e-mail: cep.unitau@unitau.br.

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 510/16.

Aline Albuquerque Cirimbelli Souza

Consentimento pós-informação

Eu _____ aceito participar da pesquisa “DE NARCISO A SÍSIFO: etapas do desenvolvimento humano à luz da mitologia grega” que tem o/s objetivo(s) de relacionar a mitologia grega com as fases do desenvolvimento humano. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar chateado ou zangado comigo. Compreendi que ninguém vai me dar nada para eu participar. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa. Também posso ligar para os responsáveis quando quiser para tirar qualquer dúvida que me lembrar.

Taubaté, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do(a) menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

ANEXO C –TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(11 a 17 anos)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “DE NARCISO A SÍSIFO: etapas do desenvolvimento humano à luz da mitologia grega”, sob a responsabilidade da pesquisadora Aline Albuquerque Cirimbelli Souza. Nesta pesquisa pretendemos analisar as experiências de representantes de cada etapa do desenvolvimento humano e vincular ao seu correspondente na mitologia grega a partir da compreensão arquetípica acerca dos mitos por meio de entrevistas semiestruturadas com dezesseis participantes de faixas etárias diferentes. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos, mas você pode se deparar com conteúdos sensíveis para você. Se você aceitar participar, estará contribuindo com uma teoria que busca ver o desenvolvimento humano a partir de uma perspectiva mitológica.

Para assegurar a confidencialidade, a privacidade e a proteção de sua imagem serão adotados os seguintes procedimentos para manter o sigilo e o anonimato das informações: seu nome não será divulgado em momento algum desta pesquisa, a gravação não será divulgada e a cidade de realização da entrevista não constará no material finalizado.

O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Mas se houver algum gasto que ocorra porque você está participando da pesquisa (como, por exemplo, passagem de ônibus ou refeição), esse valor será devolvido aos seus pais pelo (nome do pesquisador). Ninguém pode forçar você a participar deste estudo e você tem toda a liberdade de deixar de participar do estudo a qualquer momento e isso não irá te causar nenhum problema.

Seu nome e o nome de seus pais/responsáveis não serão divulgados em nenhum momento e suas informações serão analisadas junto com as de outros participantes.

Se você entender que teve algum problema relacionado direta ou indiretamente com a sua participação nessa pesquisa você tem assegurado **o direito de buscar indenização (reparação)**. Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa estiver terminada os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Para qualquer outra informação você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (12) 99146-9724 (inclusive ligações a cobrar) ou no e-mail aline.cirimbelli97@gmail.com.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um grupo de pessoas que avalia se essa pesquisa apresenta algum problema ético, ou seja, algum problema como a participação não obrigatória, a garantia de não se identificar os participantes, entre outras informações. Se você tiver alguma dúvida a esse respeito, eles também podem te ajudar. Para isso consulte o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3624-1657, e-mail: cep.unitau@unitau.br.

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 510/16.

Aline Albuquerque Cirimbelli Souza

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e me retirar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Taubaté, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do (a) menor

ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DE NARCISO A SÍSIFO: etapas do desenvolvimento humano à luz da mitologia grega

Pesquisador: ALINE ALBUQUERQUE CIRIMBELLI SOUZA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 63968622.3.0000.5501

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.708.192

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa exploratória, posto que não há, em absoluto, material sobre a problemática abordada. Considerando a importância em se ter participantes de cada etapa do desenvolvimento humano proposto por Erikson, o objeto do estudo será transversal, ou seja, a amostragem contará com diferentes faixas etárias para compreensão do fenômeno. Serão investigados, por meio de análise de conteúdo, a fala de cada participante, compondo o caráter qualitativo e exploratório da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar as experiências de representantes de cada etapa do desenvolvimento humano e vincular ao seu correspondente na mitologia grega a partir da compreensão arquetípica acerca dos mitos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos se centram em entrar em contato com conteúdos sensíveis e com carga afetiva, por se tratar de questões pessoais conflituosas. Entretanto, para evitar que ocorram danos, os colaboradores que sentirem necessidade serão encaminhados para o Centro de Psicologia Aplicada da Universidade de Taubaté, onde poderão receber auxílio psicológico. Caso haja algum dano ao participante será garantido a ele(a) procedimentos que visem à reparação e o direito a buscar indenização.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

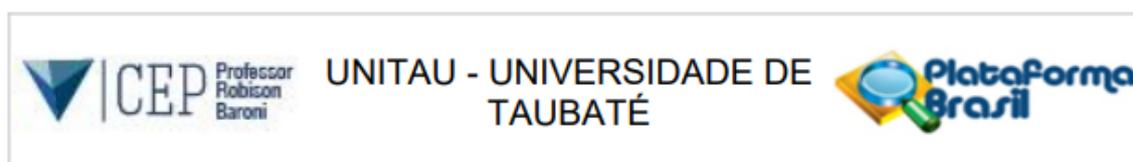
UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3622-4005

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cep.unitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 5.708.192

Benefícios:

Os benefícios consistem em contribuir para o desenvolvimento de uma nova perspectiva acerca do desenvolvimento humano, auxiliando na formulação de novas concepções acerca das múltiplas facetas que permeiam esta temática.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está devidamente documentado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos como TCLE, TALE, Termo de responsabilidade de pesquisador estão redigidos conforme os modelos disponibilizados e seguem a normativa ética proposta.

Recomendações:

Aprovação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 14/10/2022, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2027160.pdf	05/10/2022 12:52:39		Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_pesquisador.pdf	05/10/2022 12:52:22	ALINE ALBUQUERQUE CIRIMBELLI SOUZA	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	04/10/2022 12:57:39	ALINE ALBUQUERQUE CIRIMBELLI SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_dissertacao.docx	04/10/2022 12:57:27	ALINE ALBUQUERQUE CIRIMBELLI SOUZA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_instituicao_infraestrutura.pdf	04/10/2022 12:45:24	ALINE ALBUQUERQUE CIRIMBELLI SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	04/10/2022 12:43:00	ALINE ALBUQUERQUE	Aceito

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3622-4005

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cep.unitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 5.708.192

Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	04/10/2022 12:43:00	CIRIMBELLI SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TALES.pdf	04/10/2022 12:40:05	ALINE ALBUQUERQUE CIRIMBELLI SOUZA	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	30/09/2022 15:33:07	ALINE ALBUQUERQUE CIRIMBELLI SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 18 de Outubro de 2022

Assinado por:

Wendry Maria Paixão Pereira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3622-4005

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cep.unitau@unitau.br